

A biblioteca escolar e o currículo

Helena Augusta Santos Pires de Sampaio

Lisboa, 2012

Mestrado em Gestão da Informação e Bibliotecas Escolares

A biblioteca escolar e o currículo

Helena Augusta Santos Pires de Sampaio

Dissertação apresentada para obtenção de Grau de Mestre em
Gestão da Informação e Bibliotecas Escolares

Orientadora: Professora Doutora Glória Bastos

Lisboa, 2012

A UNESCO declarou o dia 8 de setembro como o Dia Internacional da Literacia. Dados estatísticos mostram o impacto da leitura na qualidade de vida.¹

¹ Cf. <http://ala.org/ala/newspresscenter/news/pr.cfm?id=4887>
<http://www.unesco.org/new/en/unesco/events/prizes-and-celebrations/celebrations/international-days/literacy-day>

Resumo

A biblioteca escolar tem vindo a ser alvo de reflexões e de vários estudos que destacam a sua importância na sociedade atual. Na biblioteca escolar podem-se encontrar respostas para os desafios da sociedade da informação, nomeadamente através da formação de alunos e professores em literacia da informação. Entre as muitas funções da biblioteca escolar pretende-se, assim, a sua integração no processo de ensino e aprendizagem, com a colaboração entre os professores curriculares e o professor bibliotecário, para, entre outras, os alunos desenvolverem competências na leitura e nas literacias da informação, promovendo o sucesso educativo.

Como pode a biblioteca escolar integrar as atividades curriculares e promover o sucesso educativo, ligando as literacias da informação aos trabalhos realizados pelos alunos? O nosso estudo pretende dar algumas respostas a esta questão, analisando, num primeiro momento, aspetos relacionados com a importância e o papel da colaboração e da literacia da informação na biblioteca escolar e o papel desta no sucesso educativo.

Numa segunda parte, apresentamos uma experiência desenvolvida com turmas do 2.º Ciclo de escolaridade, constituindo um exemplo de investigação em que se procura ver como a articulação entre o trabalho curricular da turma e a biblioteca escolar pode contribuir para o desenvolvimento de competências essenciais nos alunos desse nível de escolaridade.

Palavras-chave: Biblioteca escolar; colaboração; currículo; literacia da informação

Abstract

The school library has been the object of several studies that highlight its importance in today's society. In the school library we can find answers to the new challenges of the information society, namely thought the development of information literacy competences. Among the several functions of today's school library it is intended it's integration in the teaching and learning process. Collaboration between classroom teachers and the teacher librarian is essential so that students develop skills in reading and information literacy, promoting educational success.

How can the school library integrate curricular activities and promote educational success, linking information literacy with the work done by students? Our study aims to provide some answers to this question, looking first at some aspects related to the importance and role of collaboration and information literacy in the school library.

In the second part of our study we present an experience developed with classes of the second cycle of education, providing an example of action-research which attempts to see how the relationship between the curricular work in the classroom and the school library can contribute to the development of key skills of the students involved.

Keywords: School library; collaboration; curriculum; information literacy

À Silvina e ao José
pelo carinho e constante apoio.

Agradecemos
à Professora Doutora Glória Bastos,
pela disponibilidade e pela orientação.

Agradecemos
aos colegas e alunos
que connosco colaboraram.

Índice geral

Resumo	3
Abstract	4
Índice geral	7
Índice de figuras, gráficos, quadros e tabelas	9
Siglas	11
Introdução.....	12
PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	16
1. Biblioteca escolar e sucesso educativo	17
1.1 A biblioteca escolar e o currículo	22
1.2 A biblioteca escolar e o trabalho colaborativo	28
2. A biblioteca escolar e o desenvolvimento das literacias da informação	53
2.1 Ferramentas que a biblioteca escolar pode disponibilizar	69
PARTE II – ESTUDO EMPÍRICO	77
1. Apresentação do estudo empírico	78
1.1 Identificação do problema de investigação	79
1.2. Sujeitos de investigação	82
2. Aspectos metodológicos	84
2.1 Instrumentos utilizados e procedimentos	87
3. Apresentação e discussão das atividades realizadas no projeto de intervenção	89
Conclusões.....	114
Referências bibliográficas	120

ANEXOS

Anexo I – Documentos de 2009/2010.....	130
Anexo II – Síntese das atividades realizadas em 2010/2011.....	138
Anexo III – Plano de visita à biblioteca escolar 2010/2011.....	142
Anexo IV – PowerPoint «Visita à Biblioteca Escolar» (2010/2011)	144
Anexo V – PowerPoint «Como redigir e apresentar um trabalho escrito» e « <i>Big6</i> — seis passos para a resolução de problemas relacionados com informação» (2010/2011) ...	149
Anexo VI – Resultados Questionário B.....	158
Anexo VII – Trabalhos realizados pelos alunos (2010/2011) – alguns exemplos	161
Anexo VIII – Tabelas de correção dos trabalhos realizados pelos alunos	203
Anexo IX – Folheto: Como fazer uma apresentação	208

Índice de figuras, gráficos, quadros e tabelas

Figura 1 – Sucesso escolar dos alunos	52
Figura 2 – O processo de informação	59
Figura 3 – As competências de informação na escola: para a construção de conhecimento	60
Figura 4 — <i>Big6</i> (versão para crianças)	67
Figura 5 — Aprendizagem ao longo da vida	75
Gráfico 1 – Visitas à BE, por semana – percentagens globais	93
Gráfico 2 – Procura de livros na estante das novidades – percentagens globais ..	95
Gráfico 3 – Procura de notícias no placard do hall da BE – percentagens globais	96
Gráfico 4 – Visitas ao blogue da BE – percentagens globais	97
Gráfico 5 – Disciplinas em que costumam realizar trabalhos de pesquisa	108
Gráfico 6 – Tipo de informações fornecidas pelos professores sobre os trabalhos de pesquisa	109
Gráfico 7 – Processo de entrega dos trabalhos	110
Gráfico 8 – Suportes utilizados para recolha de informação	110
Gráfico 9 – Utilização do <i>Big6</i>	111
Gráfico 10 – Cumprimento das regras para a redação de trabalhos escritos	111
Quadro 1 – Modelos de colaboração entre os professores e o professor bibliotecário, segundo Montiel-Overall	34
Quadro 2 – Descritores e atividades de colaboração, segundo Montiel-Overall ..	35
Quadro 3 – Desenvolvimento da literacia da informação	61
Quadro 4 – Primeira apresentação do <i>Big6</i>	81
Quadro 5 – Alunos intervenientes	82
Quadro 6 – Calendário de atividades	89
Quadro 7 – Razões que levam os alunos à BE	91

Tabela 1 — Visitas à BE, por semana	93
Tabela 2 — Procura de livros na estante das novidades	94
Tabela 3 — Procura de notícias no placard do hall da BE	96
Tabela 4 — Visitas ao blogue da BE	97

Siglas

AASL — American Association of School Librarians

AECT — Association for Educational Communications and Technology

ALA — American Library Association

ALIA — Australian Library and Information Association

ASLA — Australian School Library Association

BE — Biblioteca Escolar

ERTE — Equipa de Recursos e Tecnologias Educativas

EXIT — **Extending Interactions with Text**

ICT — Information and communications technology

IL — Information literacy

IFLA — International Federation of Library Associations and Institutions

LI — Literacia da Informação

MABE — Modelo de Avaliação das Bibliotecas Escolares

NFIL — National Forum on Information Literacy

OSLA — Ontario School Library Association

PB — Professor Bibliotecário

PLUS — Purpose, Location, Use and Self-evaluation

PNL – Plano Nacional de Leitura

PTE — Plano Tecnológico da Educação

RED — Recursos Educativos Digitais

RBE — Rede de Bibliotecas Escolares

SACAUSEF — Sistema de Avaliação, Certificação e Apoio à Utilização de Software para a Educação e a Formação

SLMS — School library media specialists

SLRC — School Library Resource Center

TIC — Tecnologias da Informação e da Comunicação

TL — Teacher librarian

UNESCO — United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

RSS — Really Simple Syndication

Nota: Nas citações, manteve-se o texto original, não se usando o acordo ortográfico de 1990.

Introdução

As mudanças que se têm vindo a verificar na sociedade, nomeadamente com o aparecimento da Internet e o crescente número de informações que aí se podem recolher, são um desafio para as escolas, para professores e alunos. A quantidade de informação disponibilizada pela Internet impossibilita a consulta de todos os documentos sobre determinado assunto, quer pelos professores, quer pelos alunos. Estes tendem a copiar e a colar o que já existe, sem exercerem um sentido crítico sobre os elementos recolhidos e sem estarem alertados para as questões éticas inerentes ao uso desses recursos. Afinal, “Se está feito para quê perder tempo a fazer outra vez?”, dizem eles. Isto poderia ser viável, em determinadas situações, se pelo menos as fontes fossem citadas, mas nem isso acontece. E também sabemos que não se constrói conhecimento simplesmente a copiar e a colar, mesmo citando. É necessário que se compreenda e se avalie a informação recolhida.

Pais e professores esperam preparar as crianças e os jovens para serem cidadãos conscientes, participativos, críticos. Além disso, as mudanças que se verificam no mundo do conhecimento exigem que, mesmo depois de entrarem no mundo do trabalho, os cidadãos estejam preparados para a necessidade de adquirirem novos conhecimentos, num processo de aprendizagem ao longo da vida.

Neste contexto, a escola já não ensina apenas a ler, a decifrar, é necessário compreender a informação que lemos, avaliá-la em função dos vários usos e saber igualmente produzir novas informações, ou seja, falamos da necessidade de dominar a literacia da informação. Neste trabalho, quando nos referimos a literacia da informação, reportamo-nos à definição apresentada pela UNESCO em 2004:

Information literacy is the ability to recognize when information is needed, to identify the needed information, to identify the sources, to locate and access information efficiently and effectively, to evaluate information critically, to organize and integrate information into existing knowledge, to use information ethically and legally, to communicate information, and carry out all the above activities effectively. (p. 10)

Como se pode ler na definição apresentada, ler para aprender não é suficiente para a formação de cidadãos conscientes, participativos e críticos, também surgem outros aspetos igualmente importantes, entre eles a produção e a comunicação de informação. Segundo o relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, intitulado *Educação: um tesouro a descobrir* (1996), a escola deve preparar os alunos para que ao longo da vida atualizem, aprofundem e enriqueçam os conhecimentos adquiridos, de forma a adaptarem-se ao mundo em mudança. Assim, são considerados quatro princípios para a educação:

Para poder dar resposta ao conjunto das suas missões, a educação deve organizar-se em torno de quatro aprendizagens fundamentais que, ao longo de toda a vida, serão de algum modo para cada indivíduo, os pilares do conhecimento: aprender a conhecer, isto é adquirir os instrumentos da compreensão; aprender a fazer, para poder agir sobre o meio envolvente; aprender a viver juntos, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; finalmente aprender a ser, via essencial que integra as três precedentes. É claro que estas quatro vias do saber constituem apenas uma, dado que existem entre elas múltiplos pontos de contato, de relacionamento e de permuta. (p. 89-90)

A aprendizagem deixa de dar valor apenas aos conteúdos programáticos, mas equilibra o cognitivo e a prática (a vida diária), o indivíduo é visto como parte integrante da sociedade.

Ao relatório da UNESCO, referido anteriormente, podemos acrescentar, de forma complementar, as reflexões apresentadas em *Os sete saberes para a educação do futuro* de Edgar Morin (2002). Entre outros aspetos, Morin (p. 99) alerta para a necessidade da educação para a compreensão humana, como a missão espiritual da educação. Apresenta duas compreensões: a compreensão intelectual ou objetiva e a compreensão humana intersubjetiva (p. 100), sendo esta última necessária para uma compreensão planetária. Hoje em dia, as linhas de fronteira são invisíveis não só quando pensamos na comunicação pela Internet, mas essencialmente quando se debatem questões sobre o meio ambiente, o aquecimento global, o crescimento sustentável...

A escola procura que os seus alunos obtenham competências que os ajudem a serem cidadãos do mundo e as bibliotecas escolares têm, entre outras funções, a missão de formar os seus utilizadores na literacia da informação, pois, num tempo em que as

mudanças ao nível do conhecimento são constantes, os cidadãos devem estar preparados para a aprendizagem ao longo da vida.

Neste sentido, uma vez que a biblioteca escolar da escola onde se realiza esta investigação foi inaugurada a 25 de março de 2009, e se encontra presentemente a ser implementado, de acordo com as orientações da Rede de Bibliotecas Escolares (RBE), o *Modelo de Avaliação das Bibliotecas Escolares* (MABE), é assim pertinente averiguar as perceções dos professores curriculares sobre a forma como a biblioteca escolar poderá apoiar as atividades letivas e contribuir para a aprendizagem/sucesso escolar dos alunos. Ou seja, será que a colaboração entre os professores curriculares e o professor bibliotecário, nas atividades para o desenvolvimento de competências de literacia da informação, na promoção da leitura, ou noutros conteúdos curriculares, influencia os resultados escolares dos alunos? Como pode a nossa biblioteca escolar integrar as atividades curriculares e promover o sucesso educativo, ligando as literacias da informação aos trabalhos realizados pelos alunos?

Durante o primeiro ano do Curso de Mestrado em Gestão da Informação e Bibliotecas Escolares a questão anterior surgiu ligando várias unidades curriculares, sempre na perspetiva de planear a colaboração da biblioteca com os departamentos, de forma a verificarmos se os resultados dos alunos são influenciados. Pensámos então num estudo de investigação-ação, utilizando as horas de Estudo Acompanhado das turmas do quinto ano desta escola, para a formação de utilizadores em competências de literacia da informação.

Para o desenvolvimento desse trabalho formulámos as seguintes questões de investigação, a que pretendemos responder:

- Como pode a biblioteca escolar (BE) articular com as atividades de sala de aula no sentido de promover o sucesso educativo dos alunos?
- Qual é a utilização que os alunos fazem da BE e como incrementar o uso de alguns elementos de apoio produzidos pela BE?
- A utilização do *Big6* na resolução de problemas relacionados com o tratamento da informação promove a autonomia dos alunos e melhora os trabalhos que estes realizam?

No que se refere à organização desta dissertação, para além desta introdução e das conclusões, estruturámos o trabalho em duas partes. A primeira parte deste estudo aborda um conjunto de elementos que enquadram a reflexão sobre o nosso tema, e as leituras efetuadas tiveram igualmente como objetivo orientar a parte prática.

Na segunda parte, descrevemos e analisamos o trajeto de intervenção que percorremos. Com esse trabalho pretendeu-se igualmente verificar que passos são necessários nesta escola para que possamos afirmar que a nossa biblioteca escolar pode integrar as atividades curriculares e promover o sucesso educativo, ligando as literacias da informação aos trabalhos realizados pelos alunos.

Elaborámos um plano que foi sendo atualizado conforme as necessidades que surgiram ao longo do estudo. Podemos avançar que uma das conclusões é que algumas perceções existentes à partida, no sentido de que os alunos sabem usar de forma proficiente algumas ferramentas de trabalho, como, por exemplo, um processador de texto (vulgo, Word), pode ser enganadora. Verificámos que utilizam o computador sem receios, mas não dominam muitos aspetos básicos, nem retiram partido de todas as suas funcionalidades. Na parte dos anexos, incluímos um conjunto de documentos, de nossa autoria, que foram utilizados na implementação do projeto de ação que aplicámos.

PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. Biblioteca escolar e sucesso educativo

Como começámos por afirmar, as mudanças que se têm vindo a verificar na sociedade, nomeadamente com o aparecimento da Internet e o crescente número de informações que aí se podem recolher, são um desafio para as escolas, para professores e alunos. As bibliotecas escolares permitem o acesso à informação, apoiam os seus utilizadores para que saibam seleccionar e usar a informação recolhida, adquirindo capacidades que serão úteis na vida profissional e para exercerem uma cidadania ativa, pois quem não tiver estas capacidades talvez corra o risco de ser excluído da própria sociedade. Assim, as bibliotecas escolares apoiam os alunos quer para o sucesso escolar mais imediato, quer para o sucesso educativo ao longo da vida.

A criação da Rede de Bibliotecas Escolares, iniciada em 1996, foi um contributo fundamental para o sistema de ensino português, ao permitir que um novo conceito de biblioteca escolar entrasse na escola, sublinhando a necessidade de articulação com o trabalho da escola: “A biblioteca constitui um instrumento essencial do desenvolvimento do currículo escolar e as suas actividades devem estar integradas nas restantes actividades da escola e fazer parte do seu projecto educativo. Ela não deve ser vista como um simples serviço de apoio à actividade lectiva ou um espaço autónomo de aprendizagem e ocupação de tempos livres” (Veiga et al., 1996, p. 34), pois, as bibliotecas escolares,

surtem como recursos básicos do processo educativo, sendo-lhes atribuído papel central em domínios tão importantes como: (i) a aprendizagem da leitura; (ii) o domínio dessa competência (literacia); (iii) a criação e o desenvolvimento do prazer de ler e a aquisição de hábitos de leitura; (iv) a capacidade de seleccionar informação e actuar criticamente perante a quantidade e diversidade de fundos e suportes que hoje são postos à disposição das pessoas; (v) o desenvolvimento de métodos de estudo, de investigação autónoma; (vi) o aprofundamento da cultura cívica, científica, tecnológica e artística. (p. 15)

O relatório *Lançar a Rede* (Veiga et al., 1996), que constitui a “pedra de lançamento” dessa rede, é também explícito na visão que se tem sobre as funções da biblioteca escolar e nos objetivos que esta deveria alcançar, dos quais destacamos os que mais diretamente se articulam com o presente trabalho:

- desenvolver nos alunos competências e hábitos de trabalho baseados na consulta, tratamento e produção de informação, tais como: seleccionar, analisar, criticar e utilizar documentos; desenvolver um trabalho de pesquisa ou estudo, individualmente ou em grupo, a solicitação do professor ou de sua própria iniciativa; produzir sínteses informativas em diferentes suportes;
- estimular nos alunos o prazer de ler e o interesse pela cultura nacional e universal;
- ajudar os professores a planificarem as suas actividades de ensino e a diversificarem as situações de aprendizagem. (p. 34)

Veiga et al, (1996) referem ainda que “estudos sobre literacia, nacionais e internacionais, têm vindo a demonstrar que existe uma relação estreita entre a acessibilidade a espaços e recurso de leitura e o nível de desempenho dos alunos” (p. 15), pelo que advogam na altura a urgência em se criarem nas escolas verdadeiras bibliotecas escolares. Isto porque, se verifica também “que é nos países com tradição no domínio das bibliotecas escolares e das bibliotecas públicas que os hábitos de leitura da população se encontram mais enraizados, sendo também esses países que registam níveis mais elevados de desenvolvimento cultural e científico” (idem). Nesse relatório salienta-se ainda a importância da existência de bibliotecas escolares, face ao desenvolvimento da sociedade da informação:

No mundo em que a informação e o conhecimento científico e tecnológico se produzem a um ritmo acelerado e em que é indispensável formar pessoas capazes de acompanhar a mudança, cabe às escolas e às suas bibliotecas a função essencial de criar e desenvolver nos alunos competências de informação, contribuindo assim para que os cidadãos se tornem mais conscientes, informados e participantes, e para o desenvolvimento cultural da sociedade no seu conjunto. (p. 16)

Não podemos também esquecer que estando a leitura na base das aprendizagens que levam ao sucesso educativo, o gosto pelos livros e os hábitos de leitura começam na família e continuam na escola. Partindo desta ideia, é importante ter presente que o processo de leitura, que está igualmente implicado quando falamos no desenvolvimento da literacia da informação, implica operações com alguma complexidade. Fernando Azevedo (2009) refere que “a leitura constitui um processo activo, cognitivo e afectivo, de construção de significados a partir de um texto e que envolve o exercício de raciocínios complexos” (p. 2). Citando Braunger & Lewis, sublinha ainda Fernando Azevedo (2009) que “a monitorização dos processos de desenvolvimento da leitura é

vital para o sucesso dos alunos” (p. 2), sendo que os alunos (e utilizadores das bibliotecas, em geral) encontram nas bibliotecas escolares oportunidades para ler. A literacia exige um trabalho de preparação por parte dos docentes e do professor bibliotecário, “uma planificação consciente, de práticas intencionais e sistemáticas, com processos de monitorização constantes, e de avaliação, com um espírito de abertura à inovação” (*idem*, p. 3).

Assim, é necessária a colaboração entre todos os docentes para a escolha de recursos para que a biblioteca escolar responda às suas necessidades e forneça documentos relevantes, permitindo uma multiplicidade de contextos em que todos se envolvam na educação para a literacia.

Fernando Azevedo (2009) recorda ainda que o envolvimento dos pais na educação é importante, devendo estes dar valor à leitura e à escrita, e sendo vistos, pela escola, “como parceiros activos no desenvolvimento da literacia” (p. 3). Entre várias ideias para a promoção do “envolvimento dos pais num programa de literacia familiar” (*idem*, p. 4), salientamos a participação das famílias em atividades da sala de aula (relatos na nossa escola revelam que quando os familiares leem, recontam ou apresentam vivências pessoais, os alunos ficam atentos e dão mais valor à leitura), e a elaboração de listas/sugestões de leitura para os pais partilharem com as crianças: verificámos exatamente estas situações, quando se realizam as feiras do livro, em que há pais que já sabem o que os seus filhos devem ler e os seus gostos; e há pais que pedem sugestões sobre livros adequados à idade, mas, essencialmente, adaptados ao currículo.

Na página da *International Reading Association*, encontramos sugestões para pais e professores desenvolverem atividades de leitura. Apresentam planos de aula que justificam da teoria à prática, com os objetivos, os recursos necessários, o que fazer antes e durante a leitura, terminando com a avaliação da atividade/reflexões dos alunos².

Outro aspeto importante para o sucesso educativo estará nas expectativas que os professores tenham em relação aos seus alunos. Fernando Azevedo (2009) refere que “um princípio fundamental para essas expectativas elevadas é que tanto professores

² Exemplo: “Apanhando o bichinho da leitura através da leitura em voz alta interativa”, em <http://www.readwritethink.org/classroom-resources/lesson-plans/catching-reading-through-interactive-241.html?tab=4#tabs>

como educadores sejam pessoas culturalmente sensíveis, além de adequadamente qualificadas com uma formação científica e pedagógica actualizada” (p. 10).

A página *Teaching Ideas* apresenta várias sugestões de trabalho, para várias disciplinas, incluindo sobre literacia. Um dos exemplos é um plano de aula com o livro *The Gruffalo* (<http://www.teachinglibrary.co.uk/book/the-gruffalo/>) que começa com o resumo do livro e depois apresenta sugestões de aprendizagem sobre literacia, ciências, arte, Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC), etc., com apoio de vídeos no YouTube.

Em Portugal, a página da *Casa da leitura*³ também apoia pais, professores e jovens leitores. Desafia os educadores a experimentarem cinco novas práticas de promoção da leitura aproveitando o “Cata livros”, cujo objetivo é usar a internet para aproximar os jovens leitores “de um conjunto de títulos essenciais da literatura para infância e juventude, com destaque para a produção nacional, num modelo que, sem perder rigor científico, assenta no carácter lúdico e interativo das narrativas e desafios propostos”.

Para a formação de leitores com sucesso, Sylvanie Rigolet (2009), no seu livro *Ler livros e contar histórias a crianças – como formar leitores activos e envolvidos*, apresenta sugestões de leituras com estratégias que incluem o humor e a ternura, destinadas aos educadores de infância, com o objetivo de todos lermos mais e melhor.

Alberto Manguel, na apresentação “Cómo Pinochio aprendió a leer”⁴ (2007, p. 25-34), ao falar da ida de Pinóquio para a escola, após apresentar as razões deste para frequentar o ensino, acrescenta que Gepeto é pobre, tendo vendido o seu casaco para comprar o livro de Pinóquio, mas na sociedade de Collodi a educação requer sacrifícios. Pinóquio achava que num dia aprendia a ler, no seguinte a escrever e depois aritmética, ganhando muito dinheiro com o que aprendera. Alberto Manguel continua, afirmando que o primeiro passo para que Pinóquio fosse um cidadão era aprender a ler:

El primer paso, entonces, para convertirse en ciudadano es aprender a ler. Pero ¿qué significa eso de «aprender a ler»? Muchas cosas.

³ Cf. <http://www.casadaleitura.org/>

⁴ Intervenção efetuada no Seminário Internacional, promovido pela Fundação Calouste Gulbenkian, realizado a 25 de setembro de 2006.

- Primero, el proceso mecânico de aprender el código de escritura en el que está codificada la memoria de una sociedad.
- Segundo, el aprendizaje de la sintaxis por la que esse código se gobierna.
- Tercero, el aprendizaje de cómo las inscripciones en esse código sirven para conocer, de una manera profunda, imaginativa y práctica, nuestra identidad y la del mundo que nos rodea. (2007, p. 27)

Alberto Manguel (2007) comenta que a terceira aprendizagem é a mais difícil, passando Pinóquio por tentações e obstáculos intransponíveis que o impedem de se tornar num leitor. Quando pensamos em literacia, como na definição apresentada na introdução, da UNESCO, também é muito mais que apenas ler. Como vemos neste exemplo de Pinóquio, que quer ser um menino, mas que, como boneco, segue o que os outros dizem e para quem a leitura é apenas interpretada pelo professor e o leitor não parece ter direito à sua própria interpretação do texto. Neste sentido, continua Alberto Manguel (2007): “Hay una feroz paradoja en el seno de todo sistema escolar. Una sociedad precisa impartir el conocimiento de sus códigos a sus ciudadanos, de manera que estos puedan tener una participación activa en ella; pero el conocimiento de esse código, (...) permite a esos mismos ciudadanos cuestionar esa sociedad” (p. 31).

Os professores podem desenvolver atividades com os alunos que permitam o debate de ideias, fornecendo-lhes as ferramentas fundamentais para que possam ser livres-pensadores. Alberto Manguel (2007) diz mesmo que se os governantes não sabem ler, e se os valores nacionais são puramente económicos, é mais fácil equipar as bibliotecas escolares com equipamentos eletrónicos do que com livros, desleixando o aprender a pensar, que requer muito tempo e profundidade, qualidades essenciais à leitura, sendo que lento e difícil são adjetivos que se veem como falhas em vez de expressões de elogio (p. 33). Esta sociedade só espera como resposta um silêncio obediente: “Sé sensato y bueno — le dice el Hada azul a Pinochio en el final del libro — y serás feliz” (*idem*, p. 33).

A escola enfrenta o desafio de preparar os alunos para um mundo em constante mudança. Se cada um tiver confiança nas suas capacidades de aprender e de desenvolver a aprendizagem ao longo da vida, desenvolverá também as suas capacidades de cidadania, utilizando a informação como um saber pensado e gerando sabedoria no que Mike Eisenberg⁵ (2012) chama de *information alchemy*. Mike

⁵ Cf. <http://big6.com/pages/posts/information-alchemy-32.php>

Eisenberg afirma que a transformação da informação em conhecimento tem uma qualidade especial quase mágica. Aquele momento de descoberta é luminoso, agradável, inspirador, poderoso... É quando a informação recolhida faz sentido, é entendida e sabemos algo. O conhecimento é valioso e precioso, ajuda-nos a cumprir tarefas, a tomar decisões, a sermos eficientes e a obter sucesso em todo o tipo de empreendimentos.

1.1 A biblioteca escolar e o currículo

A articulação entre a biblioteca escolar e o currículo tem sido alvo de alguns estudos nos últimos anos. A biblioteca escolar sempre apoiou os professores, contudo nos últimos anos pretende-se que o professor bibliotecário seja mais um elemento no processo de ensino e aprendizagem no desenvolvimento das áreas curriculares, integrando, nomeadamente, o desenvolvimento de competências de literacia da informação.

Margaret Grazier (1979) fez uma recolha de vários estudos, onde apresenta a evolução do papel do professor bibliotecário até essa data, tendo como referência o contexto dos Estados Unidos da América, onde as bibliotecas escolares desde sempre desempenharam um papel fundamental na educação. Grazier refere que nos anos 40 a cooperação entre os professores e os bibliotecários já era importante para a planificação e o uso dos recursos didáticos. A American Library Association (ALA) para as bibliotecas escolares definia então o papel do bibliotecário como um “curriculum consultant” (*idem*, p. 263), sendo os objetivos principais “(1) to cooperate with teachers in selecting and using library materials which would contribute to the teaching program, and (2) to participate with teachers and administrators in programs for continuing professional and cultural growth of the school staff” (*ibidem*, p. 264).

Nos anos 60, continua Grazier (1979), o documento indicava as atividades nas quais o bibliotecário participava com alunos, professores e os gestores das escolas, integrando o projeto da escola. Em 1969, o objetivo das associações americanas nesta área, American Association of School Librarians (AASL) e Association for Educational

Communications and Technology (AECT), era promoverem a cooperação e a utilização dos audiovisuais, “the media program” (*idem*, p. 264), em que o currículo já estava interligado com a utilização dos media. Inicialmente, o professor bibliotecário selecionava o material para alunos e professores utilizarem. A cooperação entre professores e a biblioteca escolar na planificação da utilização de recursos já se adivinhava vantajosa, quando a sua ligação com o currículo passava pela seleção de materiais de apoio, nomeadamente os audiovisuais. A utilização dos media na escola, passava então pela biblioteca/centro de recursos.

O papel do professor bibliotecário e a sua ligação com o currículo evoluiu depois para o papel de especialista: “Thus, in thirty years the profession had enlarged the responsibilities of school librarians from those of service personnel supporting the work of teachers to those of curriculum developers” (Grazier, 1979, p. 265). Esta perspetiva encontra-se desenvolvida recentemente por vários autores, como Zmuda e Harada (2008). De facto, atualmente, um dos papéis centrais da biblioteca escolar é promover a integração do currículo nas suas atividades e o trabalho colaborativo com os professores, promovendo a literacia e atividades interdisciplinares. Neste sentido, o professor bibliotecário acaba por ter um papel fundamental na articulação curricular.

No texto *Extra! Extra! Read All About It! Meet your program goals with a school newspaper* (2004), John M. Fritz refere que aumentaram as responsabilidades dos professores bibliotecários e pergunta-se como arranjar o tempo para todas as atividades como a organização da biblioteca, a promoção da leitura, o ensino das técnicas de pesquisa, que nunca são suficientes. Fritz cita a visão da AASL que coloca os professores bibliotecários como promotores curriculares, colaborando com os professores, continuando as ações já desenvolvidas e acrescentando as novas tecnologias. Para se verificar um impacto significativo, das atividades realizadas em colaboração com a biblioteca, no sucesso escolar dos alunos, impõem-se o desenvolvimento de projetos a longo prazo, para que os resultados se tornem visíveis.

O exemplo que serve de ponto de partida às reflexões deste autor é o jornal escolar *online*. Fritz considera que haveria vantagens na elaboração de um jornal escolar *online*: “If operated as an after-school activity for interested students, it could meet a surprising number of academic standards and information literacy goals” (2004, p. 2). O jornal escolar *online*, segundo Fritz (2004), permitirá o desenvolvimento de

competências na escrita e na leitura. Os alunos que não participam na elaboração do jornal irão usufruir da leitura dos artigos escritos pelos colegas. Pais e professores também serão alguns dos interessados favorecendo a ligação entre a escola e a comunidade. A elaboração do jornal também será altamente motivadora no sentido em que se trata de uma realização autêntica, em ligação com o mundo real, permitindo a utilização das tecnologias. Será ainda uma atividade social e culturalmente enriquecedora.

Fritz enumera uma longa lista das características que o “Buck Institute” elaborou e que aplicam a um jornal escolar. Salientam-se algumas:

- recognizing students’ inherent drive to learn by putting them at the center of the learning process.
- engaging students in the central concepts of a discipline.
- require use of essential tools, skills, and technology.
- multiple products permitting frequent opportunities to learn from experience (...).
- performance-based assessments.
- collaboration (working with others on writing articles and managing the newspaper).

Students could use all the resources of the library (print and non-print) as resources for their work on the newspaper. The media specialist could teach information literacy standards such as how to access, evaluate, and use information efficiently, effectively, and ethically. Students could be encouraged to think creatively about how to write in an interesting way, particularly if student fiction, poetry, or comic strips are published. (2004, p. 5-6)

Na entrada no novo século, Ross Todd (2001) salienta a fusão entre aprendizagem, bibliotecas e literacias, sendo nesse campo que se joga o papel e de alguma forma o destino da biblioteca escolar no século XXI: participar na construção de sentido e novos conhecimentos, constituir uma infraestrutura e recursos de informação que o permitam (p. 2).

Um professor bibliotecário, inquirido no âmbito da pesquisa de Todd para identificar os principais desafios sentidos pelos professores bibliotecários no desempenho das suas funções, traça os contornos da intervenção destes no domínio das aprendizagens (*idem*, p. 11): inserir as tecnologias de informação no contexto da educação de forma controlada e significativa, estudar as necessidades do currículo, trabalhar com os professores na planificação das atividades curriculares, procurar a

melhor informação, em qualquer suporte, e recorrer à tecnologia de informação mais adequada, de simples motores de busca a *webquests* complexas, apoiando docentes e estudantes na sua utilização.

Todd (2001) salienta que a biblioteca escolar tem de recolher e apresentar evidências que comprovem o impacto das suas iniciativas na aprendizagem dos alunos, para poder continuar a desenvolver e aprofundar o seu papel neste domínio e aponta algumas asserções que considera estarem suficientemente suportadas pela investigação sobre a relação entre as bibliotecas escolares e a aprendizagem, dentre as quais se destacam as seguintes, por estarem relacionadas com o desenvolvimento curricular:

- A shared educational philosophy centering on inquiry learning provides an appropriate and common climate for engaging teacher-librarians and school staff in collaborative, integrated learning opportunities
- A process approach focusing on the systematic and explicit development of student's abilities to connect with, interact with, and utilize information to construct personal understanding results in improved performance in terms of personal mastery of content [...] more positive attitudes to learning, increased active engagement in the learning environment, and more positive perceptions of themselves as active, constructive learners.
- The development of student competence is most effective when it is integrated into flexibly delivered classroom instruction at the point of need. (p. 12)

Williams e Wavell (2001) começam por justificar o estudo, *The Impact of school library resource centre on learning*, por se tratar de uma época em que se pretendia avaliar o desempenho das escolas, incluindo as bibliotecas e era necessário verificar se “the service is not only efficient but also effective” (abstract). A aprendizagem, neste estudo, foi analisada “in its broadest sense, including motivation, progression, independence, and interaction” (abstract). O estudo efetuou-se em duas fases, primeiro recolhendo as perceções de professores, alunos e professores bibliotecários, depois estudando casos específicos de atividades na biblioteca escolar como centro de recursos “to establish whether this perceived impact on learning was indeed taking place; to identify indicators which might be used as evidence of learning; and to examine the process of assessing the impact of the SLRC on learning” (abstract).

As perceções coletivas expressas, segundo Williams e Wavell (2001), foram, entre outras, a aquisição de informação e de um conhecimento geral mais alargado; desenvolvimento das literacias nas TIC; motivação para a aprendizagem e o prazer de

aprender; a habilidade de utilizar as competências adquiridas através das várias disciplinas curriculares e pela vida fora, incluindo o trabalho colaborativo (p. i).

Neste relatório, Williams e Wavell (2001) examinam as experiências de aprendizagem e as provas/evidências quanto à motivação, progressão, independência e interação. Identificam os indicadores para a recolha das evidências e identificaram os métodos indicados para os estudos realizados. Nos estudos de caso, identificaram alguns fatores que poderiam influenciar as aprendizagens.

Quanto a estes últimos, Williams e Wavell (2001) identificam fatores que influenciam as aprendizagens, mas acrescentam que estes refletem a necessidade de planificação colaborativa entre o professor e o professor bibliotecário. Assim, alguns desses fatores identificados são: o interesse, o entusiasmo e a apreciação demonstrados pelos outros; e o aprofundamento das competências necessárias para continuação das tarefas propostas que começaram a compreender melhor (*idem*, p. iii).

Segundo Williams e Wavell (2001), a ligação das bibliotecas com o currículo permite o desenvolvimento de competências nos alunos que serão úteis não só na escola, mas ao longo da vida:

The recent government initiatives to raise educational standards, encourage social inclusion and introduce information technology throughout the curriculum, have led to a shift in emphasis towards the development of core skills in pupils who will be able to learn independently both in the school environment and beyond. The SLRC has been recognized as having a key role in supporting the ICT initiatives and the development of the skills required to extract and use information effectively. (p. 131)

Contudo, Williams e Wavell (2001) terminam com um apelo, pois o facto de os alunos frequentarem as bibliotecas escolares, por si só, “does not motivate pupils to learn, they need to understand what is required of them and have the skills or an understanding of the skills in order to proceed with the task set” (p. 132). As autoras apelam a que cada biblioteca avalie as necessidades de formação dos seus utilizadores para que os alunos consigam uma aprendizagem mais efetiva, pois aparentemente os alunos identificam com facilidade as fontes de informação necessárias, mas têm dificuldade em utilizá-la (p. 133).

Em 2008, Zmuda e Harada vêm sustentar o que define o sucesso de uma biblioteca escolar, salientando a necessidade de inclusão nos currículos da literacia de

informação e das competências no domínio das TIC, e atribuindo um especial papel aos professores bibliotecários no desenvolvimento de competências de aprendizagem pelos alunos, tais como: determinar as suas próprias necessidades de informação, resolver problemas, ler por prazer, utilizar a informação e as ideias eficaz e eticamente, debater pontos de vista, e comunicar oralmente e por escrito com qualidade.

O desenvolvimento da literacia da informação e a articulação com os objetivos expressos no currículo surgem como as duas faces de uma mesma moeda, o trabalho desenvolvido pelo professor bibliotecário, enquanto especialista de aprendizagem “learning specialist”, com os restantes professores, no objetivo último de, citando Ross Todd (2006, citado por Zmuda e Harada, p. 1) “transform information into personal knowledge”.

Neste contexto, Zmuda e Harada (2008, p. 2) procuram explicitar as bases para o sucesso de uma biblioteca escolar, delineando, como aspetos definidores as más e as boas práticas do professor bibliotecário. Assim, para um bom trabalho, o sucesso é definido:

- pela qualidade do trabalho realizado na biblioteca;
- pelo investimento dos recursos da biblioteca nas atividades que levam à implementação da sua missão;
- pelo encaminhamento dos alunos para uma construção aprofundada do conhecimento, por meio da exploração de ideias e informações, da investigação, da comunicação e da avaliação dos resultados;
- pela aprendizagem dos alunos resultante do trabalho centrado no currículo e nos objetivos definidos em termos de literacia da informação.

Zmuda e Harada (2008) sublinham a necessidade quer de uma monitorização e ajustamentos constantes de todo o trabalho conjunto entre o professor bibliotecário (que designam como “media library specialist”) e os restantes professores, em função do desenvolvimento do processo de aprendizagem e das características dos alunos, quer da avaliação dos resultados de todo o processo, colocando a questão Como sei que o que fiz hoje resultou? E respondendo que para verificarmos os resultados devemos investigar se:

- As experiências de aprendizagem estão a ter os efeitos desejados no desempenho de todos os alunos?
- Que evidências comprovam esse efeito?
- O conhecimento obtido será transferível para outras experiências de aprendizagem? (*idem*, p. 4)

1.2 A biblioteca escolar e o trabalho colaborativo

Uma biblioteca integrada, diariamente, na vida da escola, é facilitadora do sucesso escolar dos seus utilizadores. Promovendo a biblioteca escolar como centro de aprendizagem, que transforma informação em conhecimento, desenvolvendo competências através de aprendizagens diversificadas em que os recursos existentes são atuais, interessantes, cativantes...

Do professor bibliotecário já se espera a formação dos utilizadores sobre as zonas de organização da biblioteca escolar, a organização das estantes, as normas de funcionamento divulgadas em guias do utilizador, guiões de apoio à pesquisa de informação, etc. Das funções do professor bibliotecário indicadas na Portaria n.º 756/2009 de 14 de julho, salientamos o ponto f, do artigo 3.º: “Apoiar as atividades curriculares e favorecer o desenvolvimento dos hábitos e competências de leitura, da literacia da informação e das competências digitais, trabalhando colaborativamente com todas as estruturas do agrupamento ou escola não agrupada”.

Além disso, um dos domínios no *Modelo de avaliação da biblioteca escolar* é o apoio ao desenvolvimento curricular, com os subdomínios: Articulação curricular da biblioteca escolar com as estruturas de coordenação e supervisão pedagógica e com os docentes; e Promoção das literacias da informação, tecnológica e digital. Na nossa biblioteca escolar, este domínio ainda não foi avaliado através de questionários, mas será interessante analisar estes dados após este estudo.

Contudo, a articulação entre a biblioteca escolar e o currículo, ou seja, o envolvimento dos professores em estratégias de colaboração com o professor

bibliotecário, visível nas atividades incluídas no Plano Anual de Atividades da escola/Agrupamento, no Projeto Curricular de Turma, nas planificações das disciplinas (incluindo os recursos), ainda é esporádico, na nossa escola, salientando-se as comemorações relacionadas com as datas comemorativas que implicam a disciplina de História: 1 de dezembro, o 5 de outubro e o 25 de abril.

Pretende-se uma atitude colaborativa em que a planificação, como vimos nos capítulos anteriores, seja bem pensada, baseada em dados, conhecimentos e aprendizagens dos alunos, de modo que, no final, a avaliação seja tida em conta no percurso escolar do aluno.

A RBE editou um documento com orientações *Para uma gestão integrada da biblioteca escolar do agrupamento*, dirigidas ao diretor, ao professor bibliotecário e aos docentes, indicando os fatores críticos a considerar e as responsabilidades dos docentes, bem como, algumas sugestões de operacionalização. Aqui se propõe o trabalho colaborativo entre os docentes e o professor bibliotecário.

Na nossa escola, notamos que a leitura nas aulas de Português constitui a atividade em que as bibliotecas escolares mais se ligam ao currículo, sobretudo quando os docentes procuram as obras recomendadas pelo Plano Nacional de Leitura (PNL). Trata-se de um programa do Ministério da Educação, lançado em 2006, tendo “como objectivo central elevar os níveis de literacia dos portugueses e colocar o país a par dos nossos parceiros europeus” (p. 1). O *Relatório síntese* do PNL apresenta os seguintes objetivos específicos:

- Promover a leitura, assumindo-a como factor de desenvolvimento individual e de progresso colectivo
- Criar um ambiente social favorável à leitura
- Inventariar e valorizar práticas pedagógicas e outras actividades que estimulem o prazer de ler entre crianças, jovens e adultos
- Criar instrumentos que permitam definir metas cada vez mais precisas para o desenvolvimento da leitura
- Enriquecer as competências dos actores sociais, desenvolvendo a acção de professores e de mediadores de leitura, formais e informais
- Consolidar e ampliar o papel da Rede de Bibliotecas Públicas e da Rede de Bibliotecas Escolares no desenvolvimento de hábitos de leitura
- Atingir resultados gradualmente mais favoráveis em estudos nacionais e internacionais de avaliação de literacia. (2006, p. 3)

Verificamos que o PNL tem vindo a contribuir para o enriquecimento das bibliotecas escolares, através de apoio financeiro, mas, principalmente, através da divulgação de programas com orientações de atividades de leitura, apoiando o desenvolvimento das competências de leitura dos alunos, nomeadamente através de trabalho colaborativo com as Bibliotecas Escolares.

Os impactos positivos dos primeiros cinco anos do PNL são claros, como podemos comprovar no nosso quotidiano profissional e como é notado na avaliação externa efetuada ao Programa (Costa et al., 2011):

- No desenvolvimento regular de actividades de leitura num conjunto de contextos institucionais – escolas, bibliotecas, unidades de saúde, Centros Novas Oportunidades, associações, clubes, famílias;
- No envolvimento, em iniciativas de promoção da leitura e da literacia, de uma diversidade de actores sociais – professores e bibliotecários, educadores de infância e formadores de adultos, médicos e enfermeiros, municípios e fundações, meios de comunicação social e empresas, universidades e centros de investigação científica, entre vários outros;
- Nas práticas de leitura dos alunos, assim como nas suas atitudes relativamente à leitura e às bibliotecas e nas suas competências de literacia – sobretudo nos três ciclos do ensino básico, mas abrangendo também as crianças dos jardins-de-infância e os adultos dos Centros Novas Oportunidades;
- Na sensibilização da opinião pública a respeito da importância da leitura e da literacia e das acções que visam promovê-las – associando à implementação do PNL o desenvolvimento de um ambiente social claramente mais favorável à leitura do que anteriormente. (p. 93-94)

Especificamente, em relação às escolas e aos professores, o balanço realizado sublinha que houve algumas alterações, com significado nas práticas de leitura, em contexto escolar:

As escolas são praticamente unânimes em considerar que os professores promovem mais actividades de leitura, as bibliotecas são mais frequentadas, os alunos lêem mais e melhor, os pais estão mais atentos à importância da leitura para os filhos e a leitura recebe mais atenção da sociedade em geral. (p. 99)

Não podemos esquecer que um dos elementos fulcrais para o sucesso do PNL nas escolas é exatamente o apoio dado pelas Bibliotecas Escolares. Recordamos as palavras de Lourense Das (2008) ao mencionar que “Ninguém duvida da afirmação que

as bibliotecas escolares apoiam a leitura e aprendizagem” (p. 1). Neste texto, a autora reflete sobre o impacto das BE no sucesso educativo dos alunos. Depois de rapidamente referir as expressões que podem surgir para denominar as BE e a evolução do seu papel, fala da revolução digital e das mudanças que se adivinham na educação, expondo que os novos princípios de aprendizagem “incluem a aprendizagem individual e autónoma fora da sala de aula” (*idem*, p. 2) e a compreensão do uso que os alunos dão às tecnologias digitais.

Face aos novos ambientes digitais, a autora questiona-nos se precisamos de uma biblioteca escolar, se o aluno pode hoje estudar em qualquer lugar, e em seguida responde: “Nos últimos 40 anos, um conjunto de estudos tem provado que a biblioteca escolar tem um impacto positivo na aprendizagem e o professor bibliotecário tem um papel fundamental na promoção da aprendizagem em geral e na literacia da informação em particular” (*ibidem*, p. 3). Lourense Das faz referência a vários estudos e diz que muito depende do investimento que é feito nas BE, não apenas em equipamento informático, e em mobiliário, “mas sim os Recursos Humanos, a Coleção e a Cooperação entre professores e professores bibliotecários” (*ibidem*, p. 3). Para ela, a nova biblioteca:

é uma biblioteca escolar que oferece um conjunto alargado de recursos, físicos e virtuais, serviços e numerosas possibilidades para trabalhar e estudar, tanto individualmente como em grupo. É uma biblioteca onde a leitura é acarinhada e fomentada e o desenvolvimento da literacia da informação é vital. É uma biblioteca que evoluiu de “just a library” para um centro de aprendizagem e conhecimento que oferece a base para a aprendizagem ao longo da vida. O aluno actual deseja ser o “capitão” da sua própria aprendizagem. Mas isso implica a sua orientação nesta viagem da informação. O professor bibliotecário é o guia que tudo fará para que o aluno chegue a bom porto. Se tal acontecer, a biblioteca escolar provará, sem qualquer dúvida, ser a identidade fulcral da aprendizagem, em pleno séc. XXI e no futuro. (*ibidem*, p. 8)

Reforça-se a importância do trabalho colaborativo entre o professor bibliotecário e os professores, pois, “os alunos que beneficiam dos investimentos nas bibliotecas escolares serão alunos com competências literácicas e com formação para a aprendizagem ao longo da vida” (*ibidem*, p. 3). Lourense Das cita ainda o Dr. Ross Todd e o seu extenso trabalho de investigação que

mostra que a nova aprendizagem é facilitada pelas bibliotecas escolares e pelos professores bibliotecários: ele afirma que as bibliotecas podem ter um impacto positivo no sucesso educativo dos alunos, particularmente nos primeiros níveis do ensino básico e secundário, desde que a biblioteca escolar seja orientada por um bibliotecário credenciado, um especialista em informação que está activamente envolvido no desenvolvimento do currículo a nível individual, em grupo e na sala de aula. (p. 3)

Verificamos assim, que o valor das BE está nos recursos humanos, ou seja, na equipa da BE e surge aliada a essa questão a importância da colaboração entre os professores bibliotecários e os professores.

Mas afinal o que é colaboração? A colaboração será uma forma de trabalho em que várias pessoas, neste caso professores e professor bibliotecário, trabalham em conjunto para criarem situações de aprendizagem que ajudem os alunos a alcançarem o seu sucesso educativo. Mas como se desenrola este processo?

A problemática do trabalho colaborativo na escola e em especial entre professores e a biblioteca escolar, tendo em atenção as vantagens já anteriormente explicitadas, tem sido objeto de vários estudos. A nível internacional, salientamos o trabalho de Patrícia Montiehl-Overall (2005), que afirma “In order to fully understand the meaning of collaboration and the relationship between collaboration and student academic achievement, a theory of collaboration is needed” (p. 1), e assim, apresenta várias definições para o processo de colaboração e propõe a seguinte:

Collaboration is a trusting, working relationship between two or more equal participants involved in *shared thinking*, *shared planning* and *shared creation of integrated instruction*. Through a shared vision and shared objectives, student learning opportunities are created that integrate subject content and information literacy by co-planning, co-implementing, and co-evaluating students’ progress throughout the instructional process in order to improve student learning in all areas of the curriculum. (p. 4)

Vemos que, para um trabalho colaborativo de sucesso, há partilhas a vários níveis entre os professores e o professor bibliotecário, ou seja, partilham-se experiências para que se resolveram “problemas” de forma inovadora, desde o início da elaboração do plano até à sua implementação final, integrando as suas ideias, partilhando os saberes (curriculares dos professores e de recolha de informação do professor bibliotecário).

Aos alunos serão facultadas atividades para desenvolverem o pensamento crítico, a pesquisa, e o processo de escrita para a transmissão do que aprenderam. Terminando na avaliação conjunta do trabalho realizado:

The learning experiences created through collaboration engage students in a process that makes learning more meaningful and less difficult. The process is one that develops their ability to find, use, and evaluate information in books and on the Web and develops additional abilities in writing, critical and creative thinking, and inquiry. After the educational experiences have been completed, SLMS and teacher reflect on what was successfully taught and why, and how to improve it in the future. This is co-evaluation. (Montiell-Overall, 2005, p. 4)

Todo este trabalho estará assente numa base de confiança, pois, os professores estarão dependentes uns dos outros envolvendo o currículo (professores) e a literacia da informação (professor bibliotecário), e os alunos aprendem a aprender.

When SLMSs and teachers integrate content and information literacy, students learn how to make use of a wide range of resources and broaden their knowledge and understanding of information taught in the classroom (Woolls, 2004, citado por Patrícia Montiell-Overall, 2005, p. 5). Students also experience a broader use of abilities developed in the classroom through the development of information literacy. (idem, p. 5)

No trabalho colaborativo, professores e professor bibliotecário são parceiros que partilham uma visão comum e partilham objetivos, promovendo atividades, aulas, unidades ou toda uma disciplina, criando oportunidades de aprendizagem entre alunos e professores.

Patrícia Montiell-Overall (2005) apresenta quatro modelos de colaboração entre os professores e o professor bibliotecário, baseando-se na taxonomia de Loertscher's.

Já se fala em colaboração nas escolas, mas o nível de envolvimento dos envolvidos pode variar, ou chamar-se colaboração a um simples processo de coordenação. Assim, os modelos apresentados podem coexistir num dado momento, em atividades diferentes, e, apesar do modelo D com a integração do currículo seja o objetivo a alcançar, o importante será, com objetividade, verificarmos onde se integram as nossas práticas para que as possamos melhorar.

Quadro 1 — Modelos de colaboração entre os professores e o professor bibliotecário, segundo Montieil-Overall (2005)

Modelo A: “Coordination”	Modelo C: “Integrated instruction”
Modelo B:” Cooperation/partnership”	Modelo D: “Integrated curriculum”

“No modelo A e B o professor bibliotecário tem somente um papel de apoio. No modelo A o professor bibliotecário apoia uma parte específica do currículo, de forma a orientar actividades ou projectos o melhor possível. E as actividades não se focam directamente na melhoria dos resultados de aprendizagem. No segundo modelo a cooperação vai um pouco mais longe. Há um compromisso maior do bibliotecário escolar, mas não há uma equitativa divisão de responsabilidades e tarefas. No modelo C e D o bibliotecário escolar desempenha um papel de maior relevância no processo de ensino e de aprendizagem. No modelo C o professor e o professor bibliotecário trabalham em conjunto na planificação e execução do processo de aprendizagem integrado, baseado em objectivos partilhados e trabalham tendo em vista a melhoria dos resultados. O modelo D é uma extensão do modelo C alargando-se a todo o currículo, a todos os níveis e a todos os estudantes ao longo de todo o ano.” (Montieil-Overall, 2005, p. 4)

Patrícia Montieil-Overall (2005) refere algumas qualidades da colaboração, que levam ao sucesso dos alunos, tais como “friendliness, congeniality, collegiality, reciprocity, respect, propensity to share (shared vision, shared thinking, shared problem solving, shared creation of integrated instruction), trust, flexibility, and communication are essential in varying degrees for each models to be effective” (p. 9). No quadro 2, retirado do trabalho dessa autora, ela apresenta-nos alguns descritores de colaboração, bem como, alguns exemplos de actividades colaborativas.

Os descritores de colaboração, as actividades e a atitude refletem a progressão que se pode verificar da passagem do modelo A em que poucos são os indicadores necessários, ao modelo D onde estão presentes todos os indicadores. Os indicadores deste quadro não estarão todos presentes numa actividade, dependendo da personalidade, experiência no trabalho colaborativo e empenho na actividade a realizar.

Quadro 2 — Descritores e atividades de colaboração, segundo Montieil-Overall (2005)

Examples of Descriptors			
Model A: Coordination	Model B: Cooperation	Model C: Integrated Instruction	Model D: Integrated Curriculum
Shallow trust Congenial Collegial Friendly Communication	Shallow trust Respect Congenial Collegial Friendly Communication Dialogue Propensity to share	Deep trust Commitment Respect Congenial Collegial Friendly Communicate Dialogue Propensity to share	Deep trust Commitment Respect Congenial Collegial Friendly Communicate Dialogue Propensity to share
Examples of Activities Involved in Collaboration			
Gather resources	Gather resources Share resources Support Help Assist Contribute Aid Share funds Share space Share collection Share time Share students	Gather resources Share resources Support Help Assist Contribute Aid Share funds Share space Share collection Share time Share students Share objectives Share thinking Share problem solving Share creation of something new Share knowledge Co-plan Co-implement Co-evaluate Co-execute integration of classroom Instruction and library instruction	Gather resources Share resources Support Help Assist Contribute Aid Share funds Share space Share collection Share time Share students Share objectives Share thinking Share problem solving Share creation of something new Share knowledge Co-plan Co-implement Co-evaluate Co-execute integration of library instruction across the curriculum
Attitude			
		Partners are Equal	Partners are Equal

Num estudo realizado para a identificação de indicadores de sucesso nos programas das bibliotecas escolares, Kuhlthau (1993) refere quatro aspetos que poderão facilitar ou dificultar o trabalho colaborativo:

1. A team approach to teaching with administrators, teachers, and library media specialists playing essential roles in the instructional team.

2. A mutually held constructivist view of learning compatible with the process approach that provided the foundation for actively engaging students in problem driven inquiry.
3. A shared commitment to teaching skills for lifelong learning and for motivating students to take responsibility for their own learning.
4. Competence in designing activities and strategies to improve student learning. (p. 9)

Em primeiro lugar, Kuhlthau (1993) salienta o esforço de equipa no processo de abordagem das competências de informação. Na escola, onde fora realizado o estudo, já havia uma cultura enraizada de trabalho colaborativo, integrando a direção e todos os elementos envolvidos no processo de ensino. Cada membro com um papel bem definido das suas funções. E era evidente o respeito e a apreciação pelo trabalho de cada um. Sendo o professor bibliotecário quem providenciava os recursos, definia o processo de pesquisa de informação e era a força unificadora que dirigia o programa (*idem*, p. 9). Quando o trabalho colaborativo falha, em vez de ser facilitador, transforma-se num inibidor, daí ser necessário definir as funções de cada elemento.

Em segundo lugar, a investigadora verificou que a equipa de trabalho aceitava unanimemente a abordagem construtivista da aprendizagem, em que o conhecimento é construído sobre as experiências pessoais já existentes. Um dos objetivos da escola é desenvolver o pensamento crítico, e o processo de pesquisa de informações foi reconhecido como uma maneira de atingir esse objetivo (*ibidem*, p. 10). Os trabalhos dos alunos bem definidos orientam-nos na pesquisa e construção de conhecimento, o contrário será inibidor de uma construção de saberes para a aprendizagem ao longo da vida.

Em terceiro lugar, Kuhlthau (p. 11) apurou que os professores queriam preparar os alunos para o desenvolvimento do pensamento crítico e para a resolução de problemas relacionados com a era da informação, ou seja, as competências para localizar e utilizar a informação, e construir uma aprendizagem ao longo da vida. Tudo num ambiente de trabalho colaborativo entre alunos.

Em quarto e último lugar, notou que os professores estavam empenhados na melhoria da aprendizagem dos alunos, refletindo sobre o processo e usando as suas competências e experiências para a elaboração do projeto, a sua avaliação e reformulação, se necessário. Procuravam ser inovadores, assumindo o risco de tentarem

algo de novo e aceitarem o tempo extra envolvido. A pesquisa na biblioteca deixa de ser uma busca de fonte em fonte e passa a ser um processo criativo em que ideias e pensamentos vão evoluindo durante a pesquisa de informação. Verificaram que aumentou a motivação e a aprendizagem dos alunos (*ibidem*, p. 11). Se não houver tempo para os alunos ou para os professores implementarem um modelo de pesquisa de informação que seja comum à escola, surge outro constrangimento, a falta de tempo, que impedirá um trabalho com sucesso.

Kuhlthau conclui então que os aspetos facilitadores também podem ser vistos como inibidores do processo de aprendizagem das competências de informação. Programar as atividades com mais tempo, definir claramente as funções/o papel de cada um e trabalhos com guiões bem orientados, podem melhorar o ambiente de um programa/plano, mas este estudo indica que para um trabalho ter sucesso não é assim tão fácil:

There are profound underlying elements based in sound educational theory in the program of the case study that enabled successful implementation. This study indicates that successful implementation of the process approach to information skills calls for a shared philosophy of learning. It requires development of an instructional team and a break with the traditional concept of one teacher to one classroom. It requires a commitment to developing skills for living, working, and participating in changing technological society. It demands highly competent educators who creatively instruct, guide, coach, and assess students and who design and redesign programs to enhance the learning process. A touchstone for distinguishing a library media program that is well on its way to successful implementation is one that describes problems beyond logistical issues to focus on student learning.

This case study indicates that library media programs that address enablers and inhibitors to implementation are likely to experience success in integrating the use of ideas and information across the curriculum. These programs have potential for making substantial contributions to learning in the information age. (1993, p. 12)

Assim, em 1998, a ALA lança o documento *Information power: building partnerships for learning* dez princípios (que são aprovados pela AASL e pela AECT) e nos quais a aprendizagem e o ensino os quais servem de base para o programa da biblioteca escolar:

Principle 1: The library media program is essential to learning and teaching and must be fully integrated into the curriculum to promote students' achievement of learning goals.

Principle 2: The information literacy standards for student learning are integral to the content and objectives of the school's curriculum.

Principle 3: The library media program models and promotes collaborative planning and curriculum development.

Principle 4: The library media program models and promotes creative, effective, and collaborative teaching.

Principle 5: Access to the full range of information resources and services through the library media program is fundamental to learning.

Principle 6: The library media program encourages and engages students in reading, viewing, and listening for understanding and enjoyment.

Principle 7: The library media program supports the learning of all students and other members of the learning community who have diverse learning abilities, styles, and needs.

Principle 8: The library media program fosters individual and collaborative inquiry.

Principle 9: The library media program integrates the uses of technology for learning and teaching.

Principle 10: The library media program is an essential link to the larger learning community.”⁶

Como podemos verificar, o primeiro princípio refere a importância da integração do currículo nas atividades da BE, contribuindo para o sucesso educativo dos alunos e o segundo princípio menciona a literacia da informação. A referência à colaboração surge em três princípios.

Patrícia Montieil-Overall (2005) afirma que a “collaboration has the potential for creating a renewal in education by combining the strengths of two or more individuals

⁶ Excerpted from Chapter 4, "Learning and Teaching," of *Information Power: Building Partnerships for Learning*. 1998 American Library Association and Association for Educational Communications and Technology.

in productive relationships that can positively influence student learning” (p. 10). Como mostram os modelos C e D, referidos anteriormente, um bom trabalho colaborativo envolve relacionamentos que exigem um compromisso das partes envolvidas, podendo impulsionar melhorias na educação, mais interesse em ensinar e em aprender. Portanto, professores e alunos retiram benefícios do trabalho colaborativo.

Perhaps the power of collaboration lies in students’ greater understanding of material from being exposed to diverse opinions and distinct teaching and communication styles. Students may develop a sense of importance in the collaborative effort when they witness deep commitment to innovative instruction from those responsible for their education. Students may also gain from integration of information that mutually reinforces learning and brings about a greater understanding of content and information literacy. Collaboration involving SLMSs and teachers working as equal partners could transform education for our diverse population of students, particularly those who are disinterested, failing, and have lost hope. (p. 14-15)

Contudo, o trabalho colaborativo poderá significar mudanças organizacionais, formas criativas de estruturar as escolas e os currículos para o sucesso dos alunos. “It will also involve daring educators — librarians and teachers — who will commit to provide students an atmosphere of creativity, diversity of thinking, and learning within a rich context of inquiry, problem-solving, and writing that links what students know with what we would like them to know” (Patrícia Montiehl-Overall, 2005, p. 15). Esta será uma tarefa que só poderá vir a ser alcançada através do trabalho colaborativo, de um trabalho em equipa, com muitas pessoas e muitas ideias criativas e empreendedoras.

Ruth Small (2002) menciona que embora o trabalho colaborativo enfrente diversos constrangimentos, os benefícios daí retirados para o sucesso dos alunos devem incentivar os professores bibliotecários, procurando implementar parcerias com os colegas de sala de aula. Contudo, para se sentirem motivados a colaborar, os professores precisam de acreditar que têm o conhecimento e as competências para serem colaboradores de sucesso. Este sucesso será baseado em objetivos comuns, numa visão partilhada, num clima de confiança e respeito mútuos (p. 1). E como elemento mediador aparece o professor bibliotecário. Ruth Small (2002) apresenta alguns exemplos de sucesso, e questiona porque há relatos de insucesso e falta de colaboração noutros casos.

A autora aponta como causa de insucesso, no trabalho colaborativo, o facto de os professores ainda estarem confinados a quatro paredes, embora compreendam que,

com as novas tecnologias, os alunos possam aprender mais se houver colaboração com outros docentes (*idem*, p. 3), nomeadamente, com o professor bibliotecário ou os professores de TIC.

Segundo Ruth Small (2002), outro fator de insucesso poderá estar relacionado com a formação inicial dos docentes, pois, não foram preparados para o trabalho colaborativo, ao contrário dos professores bibliotecários. A colaboração não pode acontecer sem a existência de uma cultura colaborativa na qual os parceiros veem a sua importância e compreendem os benefícios da colaboração para si próprios, para os outros docentes e para os alunos (*idem*, p. 4). Apresenta ainda algumas soluções para o início do trabalho colaborativo, como, por exemplo, incluir na formação dos docentes a preparação para o trabalho colaborativo, pois, não deve ser apenas o professor bibliotecário a promover e a apresentar as vantagens da colaboração entre os professores e o professor bibliotecário; a preparação/formação de professores bibliotecários poderá contribuir para a formação de professores no acordar de consciências, na forma como o trabalho colaborativo beneficia a todos, e na criação de oportunidades para a planificação de experiências de colaboração; e a participação em debates/colóquios em que são apresentados exemplos de sucesso de trabalho colaborativo (*ibidem*, p. 4).

Ruth Small (2000), num artigo sobre o desenvolvimento da cultura colaborativa, cita Jones e apresenta três princípios para uma colaboração de sucesso “(1) all partners must support and maintain the collaborative relationship, (2) an integrated curriculum must be developed, and (3) resource-based instruction is enhanced by technology-driven learning” (p. 2). Assim, o trabalho colaborativo poderá iniciar-se com apenas um professor e o professor bibliotecário (PB), se tiver sucesso poderá gerar mais exemplos deste tipo de trabalho. O PB deverá ir ao encontro dos professores, aproveitando oportunidades de formação ou reuniões tanto de departamento, como de grupo; ou prontificar-se para cooperar em atividades que estejam a ser planeadas e em que a BE possa dar a sua contribuição para o sucesso escolar dos alunos.

Michele Lonsdale (2003) propõe-se rever a literatura sobre o impacto das bibliotecas escolares no rendimento escolar dos alunos (p. 1), referindo que a maioria dos estudos realizados desde 1990 não foram produzidos em território australiano e a pesquisa neste âmbito continua a ser necessária apesar dos reconhecidos resultados positivos. Para além do desenvolvimento da literacia da informação que o PB

desenvolve em colaboração com o professor da turma, outros aspetos (sobre o impacto das bibliotecas escolares no rendimento escolar dos alunos) são realçados como a qualidade da coleção (apoio ao currículo), as novas tecnologias integradas no processo de ensino aprendizagem e a cooperação entre a escola e outras bibliotecas, especialmente as bibliotecas públicas (*idem*, p. 11). Michele Lonsdale reparte o sucesso escolar dos alunos em:

- academic achievement (as represented in standardized tests);
- reading literacy (including reading for pleasure);
- broader learning (such as information skills, improved self-concept); and
- other (such as impact on particular subgroups). (p. 12)

Michele Lonsdale conclui que as pesquisas existentes mostram que as BE podem ter um impacto positivo no sucesso escolar dos alunos, seja na leitura, na literacia ou na aprendizagem em geral. Assim, segundo Michele Lonsdale (2003) há evidências que mostram que “a strong library program that is adequately staffed, resourced and funded can lead to higher student achievement regardless of the socioeconomic or educational levels of the adults in the community” (p. 30); uma rede interna, que ligue os recursos da BE às salas de aula e laboratórios, terá impacto na aprendizagem dos alunos, bem como a qualidade da coleção; os resultados dos testes são melhores quanto mais se usa a BE; “collaborative relationships between classroom teachers and school librarians have a significant impact on learning, particularly in relation to the planning of instructional units, resource collection development, and the provision of professional development for teachers” (*idem*, p. 30); o número de livros requisitados, para empréstimo domiciliário na BE, mostra uma forte relação com a melhoria das competências de leitura que não é demonstrada pelas trocas na sala de aula (biblioteca de turma) “a print-rich environment leads to more reading, and free voluntary reading is the best predictor of comprehension, vocabulary growth, spelling and grammatical ability and writing style” (*ibidem*, p. 30); a integração da literacia da informação no currículo pode melhorar a habilidade dos alunos, tanto ao nível da aquisição de conteúdos, como nas competências da pesquisa de informação; uma diferença positiva, para a promoção do sucesso dos alunos, pode ser feita quando as bibliotecas escolares cooperam com as

bibliotecas públicas; “libraries can make a positive difference to students’ self-esteem, confidence, independence and sense of responsibility in regard to their own learning” (*ibidem*, p. 30); o impacto das BE parece maior nas escolas do primeiro, segundo e terceiro ciclos e menor no ensino secundário, embora seja necessária mais investigação que comprove porque tal acontece; e “there is insufficient research on subgroups of school library users (particularly students at risk), the nature of the contribution that school librarians make to student acquisition of information literacy skills, and the extent to which a school librarian’s personal attributes and qualities contribute to student achievement.” (*ibidem*, p. 30-31).

Ross J Todd (2002) refere também que nos desafios que se avizinham “The instructional role of the school librarian is a significant leadership role” (p. 8), sendo que este papel de liderança inclui as dimensões de:

- “Informed Leadership” – conhecer as pesquisas e adaptá-las às suas iniciativas;
- “Purposeful Leadership” – ter visão clara dos resultados da aprendizagem desejada para os alunos, centrando-se nos suportes intelectuais que lhes permitam construir conhecimento, entendimento e significado;
- “Strategic Leadership” – ter um plano centrado nas ações, “through inquiry-based learning” envolvendo diferentes fontes e formatos de informação;
- “Collaborative Leadership” – criar parcerias através de uma filosofia partilhada de “inquiry-based learning” para a construção de compreensão e conhecimento;
- “Creative Leadership” – combinar com criatividade capacidades para fornecer o valor real, dos resultados da aprendizagem;
- “Renewable Leadership” – ser altamente flexível e adaptável, aprendendo continuamente, mudando e inovando, pensado fora das formas tradicionais de fazer e ser;
- “Sustainable Leadership” – estabelecendo provas locais, identificando e celebrando conquistas, resultados, impactos. (p. 8-9⁷)

⁷ Tradução da nossa responsabilidade.

Este investigador considera que estas dimensões são as pedras basilares para o futuro das bibliotecas escolares “process and outcomes oriented, formational as well as informational, interventionist and integrative, and supportive and service-oriented”, depois de se pensar, há que bem organizar o pensamento em bons planos e transformá-los em realidade, tendo tudo começado na imaginação (p. 9).

Ken Haycock fez, em 2004, uma síntese dos resultados obtidos em vários estudos, identificando os fatores que influenciam positivamente o trabalho colaborativo com a biblioteca escolar, tendo apontado os seguintes elementos:

- “The Environment” – Existe um passado de colaboração ou cooperação na comunidade, criando expectativas e confiança no processo. Há confiança no líder.

- “Faculty/Staff Characteristics” – Professores e professor bibliotecário revelam respeito mútuo, compreensão e confiança. Veem a colaboração como interesse pessoal, não se preocupando com o tempo despendido e perda de autonomia. Sendo parceiros assumem compromissos.

- “Process and Structure” – O papel de cada um e as suas responsabilidades estão bem definidos. Partilham o processo e o resultado da colaboração. Todos os elementos da escola poderão estar envolvidos. Flexibilidade e adaptabilidade são a norma.

- “Communication” – Os elementos do grupo interagem com frequência através de reuniões formais e informais, mantendo um diálogo franco e aberto, dentro e fora do grupo de trabalho.

- “Purpose” – Metas e objetivos são partilhados no grupo de trabalho.

- “Resources” – Boa capacidade de liderança do diretor e do professor bibliotecário, apoiada por recursos financeiros, humanos, materiais e tempo suficientes.

A nosso ver, que ainda estamos a começar este processo, devemos dar ênfase à comunicação nos espaços de convívio informais, à divulgação dos recursos materiais já existentes, estender a formação de utilizadores a professores, e dar início ao trabalho colaborativo com a equipa da BE, e um ou outro professor.

Peter Milbury (2005), inspirado nos artigos de Doug Johnson⁸ e Joyce Valenza⁹ (que falam da importância da colaboração e do uso da tecnologia) elaborou uma lista de dez razões para o desenvolvimento do trabalho colaborativo:

1. “Increases student achievement”. Os alunos tornam-se utilizadores eficientes de informação e ideias, quando o professor bibliotecário colabora com os professores estando todos envolvidos na integração, organização e demonstração de recursos *online* e/ou tradicionais, em contexto.

2. “Allows you to model successful and desirable practices”. Só quando a direção e os professores observarem o empenho do professor bibliotecário em colaborar é que verão como este poderá prestar um serviço importante: a participação nas reuniões com os professores, a demonstração de um uso eficiente das tecnologias da informação com os professores e os alunos, e o facto de ir aparecendo num papel de suporte; esta imagem irá crescendo nas suas mentes. Parecerá normal e necessário.

3. “Reinforces your important and pivotal role as an educational leader”. O professor bibliotecário, sendo visto como um líder, tornar-se-á mais fácil a colaboração com os professores, inculcando confiança, especialmente, se utilizar de forma eficiente a tecnologia. Muitos professores ainda se sentem incapazes de incluir as novas tecnologias nas suas salas de aula, são especialistas nos conteúdos curriculares e precisam dos conhecimentos tecnológicos do professor bibliotecário para integrarem, com eficácia, as novas tecnologias nas suas aulas.

4. “Allows you to work in a non-clerical, non-stereotypical role”. Um dos estereótipos do professor bibliotecário é ser visto como um funcionário. Há que abandonar a secretária e tornar-se mais colaborador como colega professor.

5. “Contributes to the quality of teacher training experience through working with student teachers, demonstrating the power of the SLMS”. A colaboração do professor bibliotecário com os professores pode levar ao trabalho com professores estagiários. Quando a colaboração tem sucesso com os estagiários, o professor bibliotecário revela o seu valor a um novo professor, que por sua vez poderá transmitir aos seus colegas e esperar, quando colocado, ter na sua escola o apoio/serviços do PB.

⁸ Doug Johnson, “[Top Ten Things Baby Teachers Should Know About School Libraries.](#)” Library Media Connection, April/May 2003.

⁹ Joyce Kasman Valenza. “[Virtual Library: Top Ten Things Teachers Should Know to Better Understand Network Behavior and the Web.](#)” Springfield Township High School.

6. “Guarantees that ethical use of information is integrated into instruction”. Assegurar que os alunos usam eticamente a informação é função do professor bibliotecário, e os professores nem sempre pedem trabalhos aos alunos que não suscitem o plágio, por vezes até permitem o “cut and paste” e não incluem as fontes. O PB ao colaborar com os professores pode promover o pensamento crítico e a síntese da informação.

7. “Allows you to practice and hone important skills related to collaboration.” Só um trabalho colaborativo regular permite praticar e aprimorar competências. Assim, há uma aprendizagem constante, seja localizando novas fontes de informação e ferramentas, seja demonstrando facilidade na utilização de novos equipamentos ou programas que apoiem com eficiência as apresentações dos trabalhos dos alunos.

8. “Allows you to showcase your important collaboration skills to other teachers”. Trabalhar com alguns professores pode mostrar a outros que a colaboração é importante e aos poucos outros professores aproximam-se do PB como de mais um colega.

9. “Provides you with opportunities to search for, discover and make use of online information resources in context”. Numa época de escassos recursos financeiros, o PB pode utilizar as suas capacidades de pesquisa de informação de alta qualidade na Web para ajudar alunos e colegas professores a encontrar a informação certa no momento certo.

10. “Allows you to expand and organize your online collections”. Já não é suficiente a divulgação de fontes de informação na página da BE, há que colocar à disposição dos utilizadores, na biblioteca, fontes de informação da Web, pois, esta é a base da informação para a maioria dos alunos. Organizar uma coleção virtual com documentos da Web, grátis, poderá ser uma salvação para o PB, há que tirar partido dela. (Peter Milbury, 2005, p. 1-3¹⁰)

No contexto das bibliotecas escolares em Portugal, a questão da colaboração foi analisada em algumas dissertações de mestrado, nomeadamente, no âmbito do mestrado que frequentámos, referindo-se, em seguida, alguns resultados obtidos em alguns desses estudos.

¹⁰ Tradução da nossa responsabilidade.

No trabalho realizado por Adelina Freire (2007), esta conclui que, dos quinze inquiridos do departamento de línguas tendo refletido sobre o trabalho colaborativo, em diálogos de troca de experiências com os colegas, em reuniões, na formação contínua, e durante a sua formação inicial: “a maioria dos professores atribui um papel de relevo à biblioteca como importante recurso educativo dentro da escola, enquanto facilitadora do desenvolvimento do seu projecto educativo e da consecução dos objectivos transversais ao currículo” (p. 99), sendo positivas as percepções dos professores “sobre a possibilidade de interacção da biblioteca escolar com a área curricular e de desenvolvimento de trabalho colaborativo” (p. 100). Os professores consideram que inicialmente poderão recorrer à biblioteca para solicitarem documentos adequados às atividades letivas, mas, para planificarem e avaliarem unidades de ensino em conjunto com o professor bibliotecário, os professores não parecem tão favoráveis, e consideram que é pouco frequente este tipo de colaboração (p. 103).

Os professores inquiridos respondem que um dos fatores que podem impedir ou dificultar o recurso à biblioteca se prende “com a ausência de competências dos alunos para a realização de trabalhos de investigação” (*ibidem*, p. 104). Contudo, os professores sentem necessidade do ensino dessas competências, mas não concordam que deva ser o professor bibliotecário o responsável pelo ensino das mesmas (*ibidem*, p. 104). Estaria aqui presente uma possibilidade de trabalho colaborativo. Apesar disso, os professores assinalam “que não há necessidade de articulação da actividade pedagógica com a biblioteca escolar. De novo se pode verificar que os professores não encaram como fácil, ou mesmo necessário, o recurso à equipa da biblioteca escolar para uma colaboração” (*ibidem*, p. 104).

Assim, Adelina Freire (2007) conclui, a partir do levantamento inicial efetuado, que, por referência aos modelos de colaboração de Montiel-Overall (2005), o trabalho colaborativo dos professores inquiridos é residual. Para ultrapassar esta situação, realiza com os participantes no estudo uma formação sobre a problemática do trabalho colaborativo. E após um processo de intervenção ao longo de um ano letivo, verifica, a partir de entrevistas realizadas no final, que “uma maioria substancial dos entrevistados afirma ter sentido que a fase de aprofundamento teórico deste projecto contribuiu para uma evolução favorável das suas percepções em relação ao trabalho colaborativo,

enquanto apenas três dos quinze entrevistados mantêm as suas percepções iniciais e somente dois concedem terem existido poucas alterações” (*idem*, p. 119).

Como resultado também da intervenção realizada, Adelina Freire (2007) verificou que, quanto às suas intenções de trabalho colaborativo com o professor bibliotecário, numa “esmagadora maioria, os docentes revelam o propósito de desenvolver trabalho colaborativo, vendo-o como viável na área curricular e num elevado grau de envolvimento com o professor bibliotecário” (p. 120). De todos os entrevistados, apenas dois “mencionam preferir concretizar o trabalho colaborativo num âmbito extracurricular, o que parece apontar para uma certa coerência com as práticas já existentes a este nível, surgindo contudo a ideia de que este tipo de colaboração pode ter reflexo na comunidade local” (*ibidem*, p 120).

Outro aspeto que Adelina Freire (2007) pôde verificar, e que importa aqui sublinhar, pelo incentivo que pode dar à nossa própria intervenção que apresentamos mais à frente, foi a vantagem da palavra que passa de uns professores para outros, divulgando-se assim as experiências positivas como a que fora anteriormente realizada:

Estes três professores incitaram outros colegas a aderir às suas propostas nos encontros que iam tendo para planificação de aulas. Deste modo, no final do mês de Janeiro, havia um conjunto de cinco professores prontos a desenvolver uma experiência de trabalho colaborativo num modelo de “ensino integrado” com a coordenadora da biblioteca, e dois num modelo de “cooperação”. (p. 133)

Nas conclusões apresentadas, verificamos que esta professora-investigadora deu um passo de grande valor para a construção de uma cultura de colaboração. Apesar de ter sido um trabalho com os professores do departamento da sua escola, podemos rever-nos e às nossas comunidades educativas, num ou noutro dos professores envolvidos. Um grupo desta dimensão também tem as suas vantagens: “pode ter conduzido a uma situação de maior flexibilização, abertura à inovação, e capacidade criativa que potenciaram a alegada alteração de percepções dos professores em relação ao trabalho colaborativo com o professor bibliotecário, e a inovação nas práticas observadas em alguns deles” (p. 166).

Este grupo de professores foi colocado numa situação de reflexão que permitiu uma abertura a novas situações de trabalho com o PB, entre si e com os alunos:

Ao permitir que os professores reflectissem e se abrissem ao trabalho colaborativo, confiamos ter sido dado um passo em frente na difícil alteração de culturas profissionais tendencialmente individualistas, e acreditamos que isso poderá conduzir os professores envolvidos a um grau de satisfação mais elevado em relação aos resultados alcançados com os seus alunos, e a um conseqüente crescimento da sua auto-estima profissional. (Adelina Freire, 2007, p. 166)

Terminando, Adelina Freire (2007) é de opinião que o trabalho apenas começou, mas “aqueles que nele intervieram continuem a reflectir sobre as suas práticas e a tentar torná-las mais eficazes, proporcionando aos alunos uma formação que lhes permita enfrentar a complexidade que se adivinha omnipresente nas suas vidas futuras” (p. 166).

Esta é uma área em que se torna necessário traçar metas ambiciosas, sem contudo desconhecer a sinuosidade dos caminhos a percorrer ou manifestar incompreensão para com os factores que poderão justificar as hesitações dos docentes na adopção de práticas que não são, tradicionalmente, as suas, e que escapam ao conforto do que é conhecido. Porém, na área do trabalho colaborativo de que nos ocupámos, é necessário adoptar uma perspectiva de longo prazo, ao mesmo tempo realista e ambiciosa, que nos permita lucidez e exigência nas práticas de trabalho colaborativo a empreender, tendo sempre presente que a colaboração não é um fim em si mesma, antes almeja os valores mais altos de educar e formar os alunos, de proporcionar-lhes experiências de aprendizagem profícuas e importantes, dando um verdadeiro sentido ao significado de ser professor em plena sociedade da informação, exigente de uma constante (re)construção do conhecimento. (p. 167)

Lucília Santos (2010), por seu turno, desenvolveu um estudo comparativo em três escolas, tendo procurado perceber qual era o conceito de colaboração que tanto professores como professores bibliotecários tinham e de que forma as práticas desenvolvidas se inseriam nas quatro dimensões propostas por Montieil-Overall. Os resultados que obteve apontam para a “existência de trabalho colaborativo, nos três casos em estudo” (p. 116). No entanto, identificou igualmente algumas diferenças, “existindo um professor bibliotecário, que se situa no topo do que os investigadores consideram a colaboração plena (A) e os outros dois (B e C), demonstraram conceitos de colaboração, um pouco abaixo deste, focando-se mais na *disponibilidade* do professor bibliotecário para todas as solicitações dos professores e da escola em geral” (p. 116).

Lucília Santos (2010) coloca os professores bibliotecários, relativamente ao trabalho colaborativo, num “nível médio a elevado, se considerarmos a taxonomia de

Loertscher (2000)” (p. 117). Assim, os três professores bibliotecários “apresentam perfil colaborativo, embora com diferenças de envolvimento da sua parte, ao nível da articulação com os professores” (p. 117), sendo o ponto mais frágil a avaliação em conjunto (de entre os três aspetos considerados importantes na colaboração planificar, lecionar e avaliar), Lucília Santos apresenta este aspeto a necessitar de ser trabalhado no futuro. Conclui que, considerando o “contexto português das bibliotecas escolares e das orientações de trabalho colaborativo, por parte da RBE, entendemos como muito positiva a colaboração que encontrámos nos três casos estudados” (p. 118), tendo encontrado práticas colaborativas “umas mais outras menos intencionalmente centradas no sucesso dos alunos” (p. 119), mas ainda em fase de se estar a construir um caminho, pois todos os sujeitos estudados, demonstraram consciência do que falta fazer e que ainda há um caminho importante a percorrer.

Lucília Santos (2010), após as entrevistas realizadas, pôde também concluir que o conceito de colaboração que os coordenadores de bibliotecas possuem não é o mesmo, o que, por sua vez, também influencia a capacidade de estabelecer laços colaborativos com os restantes professores:

Constata-se que dois dos coordenadores (B e C), centram o seu conceito de trabalho colaborativo na expressão “*disponibilidade*”, enquanto o coordenador A, foca mais a questão da “*articulação*” e da interacção com a sala de aula. Este coordenador aponta para um trabalho em parceria, numa perspectiva mais global em termos de escola, com grande “sintonia” e elaborando documentos conjuntos, no sentido de atingir o objectivo de formar melhor os alunos. Um aspecto comum consiste na reflexão sobre o facto de os professores ainda não se mostrarem muito disponíveis para essa articulação, ao «ficarem no seu canto» (A), na medida em que «eles também têm que se deslocar e ver, e ter algum trabalho, algum contacto» (B). (p. 73)

E continua dizendo que o coordenador A é aquele que revela uma conceção de colaboração que mais se aproxima dos estudiosos que apresenta na parte teórica do seu estudo, sendo que este coordenador também refere a importância da aprendizagem dos alunos.

Por seu lado, Maria do Céu Rodrigues (2010) desenvolveu um trabalho baseado na formação de professores, tendo concluído que “os docentes consideram que a realização de trabalhos de pesquisa tem um impacto positivo na aprendizagem dos alunos” (p. 148), embora os mesmos docentes prestem “um apoio aos alunos de forma

“regular” e “ocasional” (*idem*). Quanto ao facto de alguns docentes considerarem dissuasor o “copy/paste” para que deixem de solicitar trabalhos de pesquisa aos alunos, por outro lado, começaram a sentir que os alunos não “devem realizar os trabalhos de pesquisa sem a supervisão dos professores” (p. 149), começando a aceitar a PB “como uma parceira no trabalho curricular” (*idem*).

Tal como Adelina Freire (2007), Maria do Céu Rodrigues (2010) notou que a noção de colaboração, presente nos docentes que participaram nos estudos que realizaram, não coincide com a noção que a literatura sobre o tema do trabalho colaborativo na biblioteca escolar tem vindo a consolidar.

Balça e Fonseca (2012) num estudo que “aborda a temática das relações entre a biblioteca escolar e os docentes de uma Escola Secundária com 3.º Ciclo” (p. 65) apresentam algumas recomendações relativamente ao processo de avaliação das BE e as condições que estas possuem para o desenvolvimento do seu trabalho, entre outras, no apoio da direção, na atribuição de um orçamento, na existência de um Projeto Educativo que valorize a BE, na constituição de uma equipa consistente e mais permanente (p. 78-79).

Relativamente ao estudo realizado, as autoras salientam o Plano de Atividades da BE, que ao ser integrado no Plano Anual do Agrupamento, articulando as atividades, concretize e deixe transparecer um verdadeiro trabalho colaborativo. “Para toda esta articulação ser coerente, é necessário que o Projecto Educativo contemple, reconheça e valorize, de forma explícita, as potencialidades da utilização da Biblioteca Escolar e a sua contribuição para o sucesso educativo dos alunos” (Balça e Fonseca, 2012, p. 76).

E as autoras continuam as suas conclusões entre as quais referem que,

mesmo existindo professores bibliotecários que possuam as competências e requisitos exigidos, terão sempre que ter na escola o apoio da Direção e, principalmente, dos docentes, pois são estes últimos que determinam a utilização da Biblioteca Escolar durante os períodos de aula, já que actualmente os horários dos alunos são elaborados de modo a evitar períodos sem aulas, e também porque, quando falta algum professor, devido às aulas de substituição, os alunos estão ocupados. (p. 78)

Nas recomendações as autoras referem que a relação que os docentes estabelecem com a BE

é uma relação necessária, essencialmente, como forma de se utilizar um serviço que existe na escola e que é necessário rentabilizar, de modo a apoiar-se o desenvolvimento curricular, como uma possibilidade de se diversificar práticas num contexto cada vez mais direccionado para uma auto construção do conhecimento, a partir da informação disponível nos mais diversificados suportes, como para a necessidade de se criar na escola um pólo dinamizador de uma cultura de leitura e da compreensão leitora, já que esta é essencial para a consolidação das aprendizagens nestes níveis de escolaridade e a base do sucesso educativo, como estratégia para a promoção do trabalho colaborativo na escola, como resposta para os níveis de exigência preconizados nos modelos de avaliação, em particular do Modelo de auto-avaliação de Bibliotecas Escolares para os seus domínios, como resposta às necessidades dos alunos, principalmente dos mais carenciados, como propostas de ocupação dos tempos livres e de lazer... (p. 79)

Já anteriormente, Tomé e Bastos (2009), quanto à promoção da literacia da informação e à importância da sua inclusão no currículo, referem que, para que a BE exerça o seu papel no processo educativo e assim cumpra a sua missão, é imprescindível “a colaboração entre o professor bibliotecário e os professores curriculares na planificação e implementação de atividades e experiências de aprendizagem que desenvolvam as competências em informação” (p. 3):

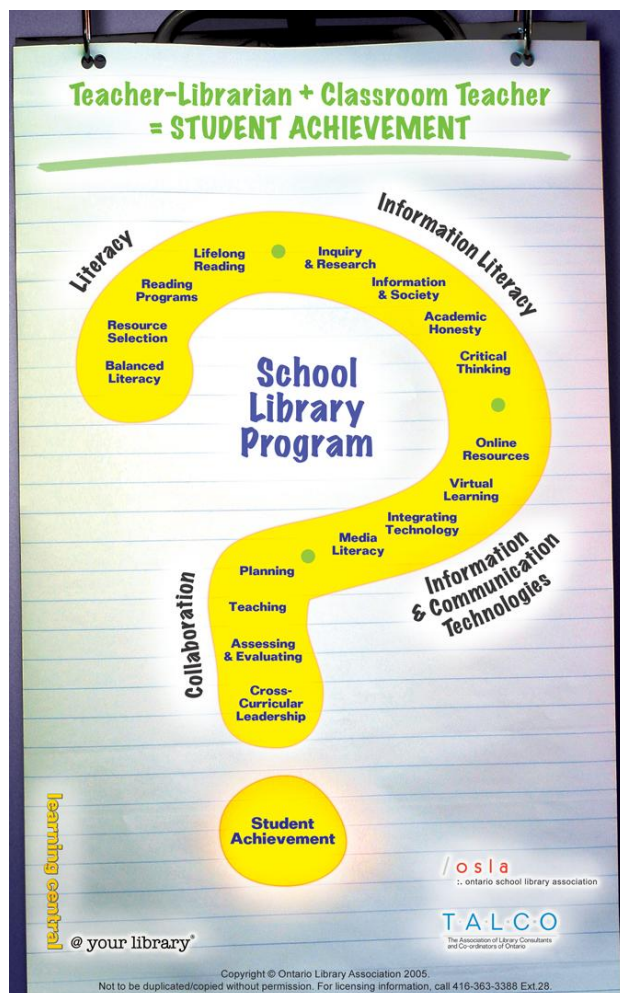
Refira-se que é crucial que o professor bibliotecário, em colaboração com as estruturas educativas da escola, especifique e articule as competências em informação inerentes a cada disciplina/área curricular e nível de estudo, com o objectivo de definir um currículo de competências transversais adequadas a cada ano de escolaridade, estabelecendo um plano sequencial para o seu desenvolvimento”. (p. 3)

O professor bibliotecário como fio condutor para ligar os docentes à BE pode fazer a diferença, mas recordando sempre que é necessário planificar as atividades e pensar na sua avaliação utilizando a “evidence-based practice”¹¹.

A figura que a seguir apresentamos (figura 1) representa exatamente que o sucesso escolar dos alunos é alcançado com a colaboração entre o professor curricular e o professor bibliotecário, com as TIC, a literacia e a literacia da informação, tudo integrado no plano anual de atividades da BE.

¹¹ Cf. <http://accessola.com/osla/toolkit/home.html>

Figura 1 — Sucesso escolar dos alunos



Para o desenvolvimento da literacia preveem-se programas de leitura que se prolonguem ao longo da vida; a literacia da informação inclui formação na pesquisa e sobre a sociedade de informação, a honestidade académica e o desenvolvimento crítico; as TIC são utilizadas para as pesquisas *online*, a aprendizagem virtual, e a integração das tecnologias, desenvolvendo as literacias dos media; tudo isto com a colaboração dos professores no planeamento e avaliação. A interessante forma do cartaz em ponto de interrogação (que contém as respostas) leva-nos a pensar: como atingiremos esse objetivo?

¹²Cf. <http://accessola.com/osla/toolkit/Resources/studentachievementposterfullpage.jpg>

2. A biblioteca escolar e o desenvolvimento das literacias da informação

Quando pensamos em sociedade da informação preocupamo-nos com a facilidade com que se pode produzir e difundir a informação através das novas tecnologias de informação e comunicação, pois apesar das vantagens (atualização, difusão do conhecimento), é necessário identificar as fontes fidedignas e ainda se sente a falta de regras (uma atitude de ética na proteção de dados e dos direitos de autor, por exemplo).

Em 1997, com a publicação do *Livro verde para a sociedade da informação em Portugal*, pretendeu-se uma reflexão sobre a Sociedade da Informação de forma transversal, abarcando os vários domínios da vida coletiva e da organização do estado (p. 7). Assim, também a escola aparece referida, quer pela implementação do Programa Internet nas Escolas, que consistiu na ligação à Internet das bibliotecas (*idem*, p. 13), permitindo o acesso a várias áreas do saber e a divulgação do património cultural português.

No capítulo 4, “A escola informada: aprender na sociedade da informação”, refere-se o papel que a escola desempenha na formação dos cidadãos. São lançados os objetivos e os desafios da escola informada, realçando a escola como um dos pilares da sociedade do conhecimento. São apresentados neste capítulo os pilares do conhecimento para a formação ao longo da vida que se sustentam em quatro aprendizagens fundamentais: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver em comum e aprender a ser. Para além da preocupação em equipar os estabelecimentos escolares, dá-se importância à formação dos professores para que possam dominar as TIC, sublinhando-se que “já não basta que os professores se limitem a transmitir conhecimentos aos alunos, têm também de os ensinar a pesquisar e a relacionar entre si diversas informações, revelando espírito crítico” (*ibidem*, p. 42-43). Aponta-se ainda que o conceito de educação também pode sofrer alterações “para dar lugar a um processo de aprendizagem durante toda a vida, isto é, facultando a cada indivíduo a capacidade de saber conduzir o seu destino, num mundo onde a rapidez das mudanças se conjuga com o fenómeno da globalização” (*ibidem*, p. 39).

A criação do Plano Tecnológico da Educação (PTE) veio criar algumas condições para a concretização de alguns dos propósitos já anteriormente enunciados no *Livro Verde*. Com o PTE procurava-se “criar uma oportunidade de transformar as escolas portuguesas em espaços de interactividade e de partilha sem barreiras, preparando as novas gerações para os desafios da sociedade do conhecimento”¹³. Pretendia-se não apenas o acesso à Internet para escolas, alunos e professores, mas também videoprojectores, quadros interativos, ...

Em 2002, o Manifesto da IFLA sobre a Internet referia igualmente que “o livre acesso à informação é essencial para a liberdade, a igualdade, o entendimento mundial e a paz” (p. 3). O papel das bibliotecas não está apenas na oferta do serviço de Internet à comunidade, é essencial oferecer aos utilizadores a orientação necessária para o acesso à informação: “Esta pode ser utilizada para o desenvolvimento pessoal, a educação, o estímulo, o enriquecimento cultural, a atividade econômica ou a participação informada na democracia. Todos podem apresentar seus interesses, conhecimento e cultura [via Internet] e torná-los disponíveis para o mundo” (*idem*, p. 4).

Já em 1996, António Calixto aponta que uma das prioridades das BE é desenvolvimento das “habilidades de informação”:

Uma vez que não faz mais sentido esperar que os alunos reproduzam os conteúdos absorvidos através dos manuais ou através do professor, é necessário que eles aprendam a pesquisar, avaliar, manusear, e, por sua vez, a assumirem o seu papel como produtores de informação. É pois necessário definir e levar à prática um currículo de habilidades de informação, pois elas não são inatas. (p. 13-14)

Reforçava, ainda antes da criação da Rede de Bibliotecas Escolares, a centralidade da BE: “à biblioteca de uma escola já não pode ser atribuído um papel marginal, secundário, de adorno ou puro entretenimento. Ela será um verdadeiro centro de informação e de documentação, bem no centro de uma prática pedagógica baseada na pesquisa e para a autonomia” (*idem*, 1996, p. 27).

¹³ Página do Plano Tecnológico da Educação: <http://www.pte.gov.pt/pte/PT/OPTE/index.htm>

Carina Silva (2007) resume da seguinte forma as mudanças esperadas nas bibliotecas:

Nas últimas décadas, as Bibliotecas assistem a profundas transformações decorrentes da evolução das tecnologias de informação e comunicação (TIC) e da emergência das designadas Sociedades de Informação e do Conhecimento. Nesta perspectiva e adoptando um conceito de biblioteca em mudança, um dos principais desafios que se impõe é o de converter a biblioteca, entre outras vertentes, num serviço onde os seus utilizadores podem adquirir um conjunto de competências que os tornem mais autónomos na pesquisa, selecção e organização da informação. Numa sociedade onde se privilegia o acesso público, gratuito e equitativo à informação, é agora também lançado um novo desafio às bibliotecas: o de apoiar os utilizadores na conversão em conhecimento, ou seja, em informação útil, prática e aplicável, toda a informação a que têm acesso, cada vez mais, através do desenvolvimento de tecnologias, designadamente a Internet. (p. 10)

A biblioteca escolar, ao promover a aprendizagem ao longo da vida, deve planear a formação de utilizadores e facultar-lhes ferramentas que facilitem/orientem a pesquisa de informação, começando por explicar aos utilizadores como estão organizados os recursos no espaço da biblioteca e, em seguida, na Internet. Carina Silva (2007) refere o que pode ser útil para a formação dos utilizadores, quanto aos serviços de referência digitais:

Preparar, identificar conceitos-chave, palavras, sinónimos e termos relacionados, construir a pesquisa com emprego de ferramentas comuns como operadores booleanos, truncatura, sistemas de classificação com índices e thesaurus, identificar os auxiliares disponíveis em cada base de dados, analisar criticamente os dados obtidos são as actividades que devem estar por detrás de um Serviço de Referência Digital que permita criar um serviço com capacidade de responder a um utilizador cada vez mais exigente. (p. 14)

Um exemplo, é a página da Internet da *b-on – biblioteca do conhecimento online* que coloca algumas questões sobre a literacia da informação e dá as respostas dirigindo-se aos seus diferentes utilizadores¹⁴. Daí a necessidade de se começar a trabalhar cedo neste domínio, para consolidar práticas, designadamente o uso ético da informação, pois, “o risco de plágio diminui e a confiança dos alunos nas suas capacidades de

¹⁴ Acessível em <http://b-on.pt/>. Consultar, por exemplo, a b-on para estudantes ou a b-on para professores.

utilizar recursos de informação aumenta”. A *b-on* começa por informar que “a literacia da informação é um conjunto de competências de aprendizagem e pensamento crítico necessárias para aceder, avaliar, e usar a informação de forma eficiente”¹⁵.

Assim, os alunos que tenham uma elevada literacia de informação conseguirão utilizar com facilidade diferentes sistemas de pesquisa de informação, encontrando o que necessitam após uma avaliação e seleção das fontes. Estes alunos desenvolverão o pensamento crítico e as suas competências de análise. Para além disso, a *b-on* continua afirmando que “aprender a aprender está no cerne da literacia da informação, o que em última análise incrementa o sentido da descoberta, o espírito inquisitivo e o gosto pela aprendizagem ao longo da vida”.

O documento *Directrizes para Bibliotecas Escolares*, de 2002, da IFLA/UNESCO, no capítulo da promoção da biblioteca e aprendizagem, no ponto sobre formação de utilizadores, recomenda exatamente a realização de cursos e programas destinados a professores e alunos “sobre o papel da biblioteca no ensino e na aprendizagem e sobre o apoio disponível por parte da equipa da biblioteca” (p. 21). Continua sublinhando a “formação prática em pesquisa de informação relacionada com as matérias e disciplinas ensinadas pelos professores” (*idem*). Sendo que, nestes cursos, pensados tendo em conta a experiência dos professores e o currículo, as competências serão introduzidas progressivamente ao longo dos anos: “tal como outros programas de aprendizagem na escola, os vários componentes dos cursos dos alunos devem ser apresentados em sequências lógicas para promover a progressão e a continuidade da aprendizagem dos alunos” (*idem*).

Neste documento da IFLA/UNESCO (2002) considera-se que na “formação de utilizadores, há três áreas principais de ensino a considerar:

- conhecimento sobre a biblioteca, qual é a sua finalidade, que tipo de serviços oferece, como está organizada e que tipo de recursos contém
- destrezas na pesquisa de informação e
- motivação para utilizar da informação, recorrendo à biblioteca em projectos de aprendizagem formais e informais. (p. 21)

¹⁵ Cf. http://b-on.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=199&Itemid=19&lang=pt

O mesmo documento apresenta um modelo para um programa de competências de estudo e literacia da informação, começando por enunciar a filosofia subjacente ao mesmo, em que a autonomia dos alunos é o primeiro objetivo apontado, visto que é essencial para a aprendizagem ao longo da vida. Neste modelo, as “competências de aprendizagem que podem contribuir para dar vida a esta “filosofia” são:

- competências de aprendizagem autónoma, centradas em cada um
- competências de cooperação
- competências de planeamento
- competências de localização e recolha
- competências de selecção e valorização
- competências de organização e registo
- competências de comunicação e realização
- competências de avaliação. (*idem*, p. 22)

Cada uma destas competências é descrita pormenorizadamente. Em todas elas salientamos que o professor bibliotecário aconselha, é orientador do grupo, apoia durante o processo de trabalho, concebe cursos sobre localização e recolha de informação (de acordo com as necessidades dos utilizadores). A conceção destes cursos “deve ser executada em cooperação com os professores. Sob muitos aspectos, formar nestas competências representa a parte principal da formação de utilizadores na biblioteca” (*ibidem*, p. 23). O professor bibliotecário deve, também, “dedicar-se em especial à orientação dos alunos para encontrarem informação relevante, atualizada e válida” (*idem*), apoiando-os na redação de trabalhos escritos (normas e organização), aconselhando e formando. Finalmente, o professor bibliotecário

deve participar no processo de avaliação em conjunto com os professores por duas razões. Uma é ser informado sobre o modo como a biblioteca actuou para corresponder às necessidades dos alunos. A segunda razão é ser capaz de funcionar como um parceiro activo da aprendizagem que pode contribuir para que se entenda com mais clareza a relação existente entre o processo de aprendizagem e o produto final. (*ibidem*, p. 24)

Com esta preocupação de apoiar professores e alunos neste âmbito, e no sentido de providenciar um quadro de orientações para a planificação e o ensino de competências de informação, através do currículo escolar, o Departamento de Educação de New South Wales, na Austrália, colocou à disposição dos professores o documento *Information skills in the school: engaging learners in constructing knowledge*¹⁶, onde o conceito de colaboração entre o professor bibliotecário e os professores é essencial. Apresentamos aqui este exemplo pelo facto de ser bem representativo das muitas iniciativas e das boas práticas que a nível institucional se desenvolvem com o objetivo de apoiar os professores no quadro de uma área fundamental para a formação de cidadãos ativos e críticos. Assim, este documento refere que a base da aprendizagem são os conhecimentos já adquiridos pelos alunos e tem como objetivo equipá-los com “the more sophisticated information attitudes and skills required for adult life” (*idem*, p. 6). E recorda que a literacia da informação não é apenas desenvolvida na escola, mas também nas atividades do dia-a-dia:

Searching newspaper and online advertisements and deciding which secondhand bike to buy is an example of a recreational information activity which contributes to the development of such skills and attitudes. A topical unit taught at school using information from a range of online and other resources, such as newspapers, provides planned and guided development of expertise in using information. (*ibidem*, p. 6)

Contudo, na escola, estas atividades serão planeadas para que os alunos aprendam a localizar informação, a percebê-la e a utilizá-la, mas também para o desenvolvimento de atitudes e valores (*ibidem*, p. 7) que incluem, entre outros, o reconhecimento de que a aprendizagem se realiza ao longo da vida.

O documento *Information skills in the school: engaging learners in constructing knowledge* apresenta o seguinte processo de informação que tem início na definição da tarefa com a resposta à questão “O que quero realmente saber/descobrir?” (p. 8), mas como as setas indicam, podemos recuar e avançar, entre os diferentes passos, de acordo com as necessidades próprias de cada tarefa de busca de informação. Sendo este processo aplicável aos mais diversos temas e disciplinas, pode ser apoiado por um professor ou não, desenvolvendo as competências a literacia da informação e

¹⁶ Cf. <http://www.curriculumsupport.education.nsw.gov.au/schoollibraries/teachingideas/isp/docs/infoskills.pdf>

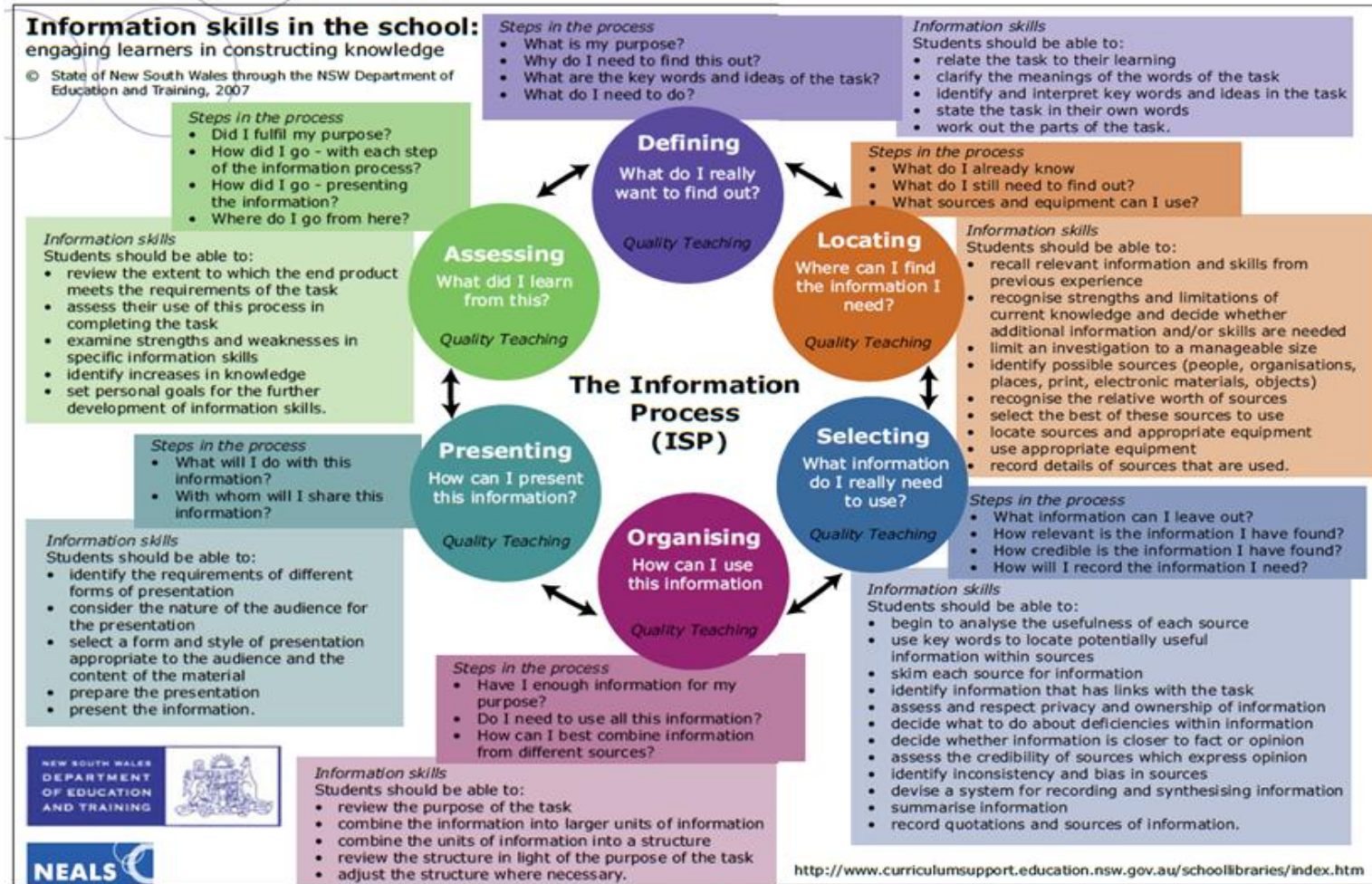
interagindo com as TIC. Sendo, assim, uma boa ferramenta que permitirá aos alunos (depois de se familiarizarem com este processo) orientarem-se na definição da sua tarefa (que a nossa experiência diz ser o mais difícil, ou seja, por vezes os alunos não conseguem transmitir o que se pretende que façam), localizarem a informação que necessitam, selecionarem-na, organizarem-na, apresentarem-na e verificarem o que aprenderam com todo este processo, sendo este ponto muito interessante, do ponto de vista pedagógico, pois, interessa menos o que o professor percebe do que o aluno aprendeu, mas mais o que este sabe que aprendeu!

Figura 2 — O processo de informação



A figura seguinte, do documento *Information skills in the school: engaging learners in constructing knowledge* (2007, p. 9) apresenta as questões que orientam a pesquisa e as competências que se procuram desenvolver nos alunos.

Figura 3 — As competências de informação na escola: para a construção de conhecimento



A colaboração entre os professores e o professor bibliotecário está presente nas ações previstas para o diretor, para os diferentes departamentos de grupos disciplinares, bem como atividades individuais dos professores, sempre integrando o currículo.

No contexto português, é importante referir que o gabinete da RBE divulgou também um documento com orientações para o desenvolvimento da literacia da informação (LI):

Quadro 3 — Desenvolvimento da literacia da informação.

Características do aluno	Tipos de Informação Fontes	Orientação
Nível inicial		
1. Tem pouca ou nenhuma experiência em recorrer a diferentes fontes de informação. 2. Necessita de grande apoio do professor. 3. Revela pouca capacidade em definir, organizar e realizar um projecto. 4. Tem falta de hábito de reflexão crítica. 6. Lê avidamente de forma não sistemática. 7. Necessita desenvolver capacidades nas TIC.	1. Utilização de um número de fontes pré-seleccionadas. 2. Simples, directas, claras e concisas e de leitura fácil. 3. Adequação da informação impressa, visual e auditiva ao nível conceptual. 4. Forma e apresentação apelativas. 5. Mecanismos de estrutura simples: o aluno pode facilmente encontrar a informação.	1. Realiza pequenas sessões sobre a utilização de fontes específicas. 2. Apoio de alunos-monitores sobre a localização da informação. 3. Sensibiliza para as diferentes componentes da literacia da informação. 4. Utiliza modelos simples de apresentação.

Características do aluno	Tipos de Informação Fontes	Orientação
Nível intermédio		
1. Desenvolve o projecto com entusiasmo, mas tem dificuldade em delimitar o tema. 2. Tem experiência em utilizar correctamente	1. Accede a fontes de informação simples e complexas. 2. Atinge resultados com alguma complexidade. 3. O nível conceptual das	1. Assegura o acesso a fontes de informação múltiplas. 2. Organiza pequenas sessões acerca da localização e pesquisa da

<p>algumas fontes de informação.</p> <p>3. Desiste com facilidade face às dificuldades de desenvolvimento do projecto.</p> <p>4. Tem dificuldade em reunir informação relevante.</p> <p>5. Desenvolve capacidades de análise e interpretação da informação.</p> <p>6. É um leitor independente e interessado.</p> <p>7. Desenvolve capacidades nas TIC.</p>	<p>fontes de informação requer maior capacidade de leitura, audição, observação.</p> <p>4. As fontes de informação podem usar símbolos codificados ou familiares que necessitam ser traduzidos pelo utilizador.</p> <p>5. Acede a múltiplas fontes de informação e tecnologias.</p>	<p>informação.</p> <p>3. Apoia os alunos na identificação e filtragem da informação relevante.</p> <p>4. Promove a análise e interpretação da informação.</p> <p>5. Orienta e guia os alunos face à informação que detém.</p> <p>6. Ajuda os alunos nas dificuldades que encontram.</p> <p>7. Ensina as componentes da literacia da informação e a utilização das TIC.</p> <p>8. Mostra múltiplos modelos de apresentação da informação.</p>
---	---	--

Características do aluno	Tipos de Informação Fontes	Orientação
Nível avançado		
<p>1. Lê com avidez.</p> <p>2. Pensa de forma crítica.</p> <p>3. Aprende com interesse.</p> <p>4. Investiga de forma organizada.</p> <p>5. Comunica com eficácia.</p> <p>6. Usa a informação com responsabilidade.</p> <p>7. Usa as TIC com destreza.</p>	<p>1. Tem acesso a fontes de informação complexas.</p> <p>2. Domina diferentes perspectivas e opiniões.</p> <p>3. Explora a riqueza das fontes de informação.</p> <p>4. Códigos e formatos complexos já não constituem barreira.</p> <p>5. Manipula fontes de informação primárias tão bem como as secundárias.</p> <p>6. Usa um leque vasto das TIC.</p>	<p>1. Encoraja a utilização de múltiplas fontes de informação em suportes variados.</p> <p>2. Estimula a utilização de estratégias mais complexas de investigação.</p> <p>3. Desafia o pensamento crítico dos alunos.</p> <p>4. Faz feedback no processo de desenvolvimento do projecto.</p> <p>5. Induz a apresentação dos produtos finais com qualidade e recurso a diferentes suportes.</p>

Neste documento, sobre o desenvolvimento da literacia, são descritos três níveis diferentes: inicial, intermédio e avançado. Estes podem adequar-se às características dos alunos, conforme a sua experiência no recurso a diferentes fontes

de informação, ao pensamento crítico, à utilização das TIC, entre outros. Os planos de formação dos utilizadores devem, por tudo o que foi apresentado anteriormente, ser elaborados com atitude colaborativa entre docentes e o professor bibliotecário, possibilitando aos alunos a aquisição de competências procurando e recuperando informação. Os planos são elaborados a partir de competências já adquiridas, enquadrados no currículo de forma progressiva e continuada, utilizando atividades lúdicas e metodologias ativas e participativas. Os docentes de Estudo Acompanhado, no nosso estudo, ao facilitarem o ensino de componentes da literacia da informação e a utilização das TIC, quanto à orientação (quadro anterior), colocam-se num nível intermédio, desde que os alunos utilizem o que aprenderam de forma continuada.

Por constituir uma área de extrema importância e onde se tem realizado investigação aprofundada, verifica-se que têm sido desenvolvidos e propostos vários modelos no âmbito do desenvolvimento de competências associadas à literacia da informação¹⁷. A título exemplificativo, refira-se o modelo de David Wray e Maureen Lewis (1998), EXIT (**Extending Interactions with Text**), que se preocuparam sobretudo com a leitura e a escrita de textos expositivos (não-ficção), fornecendo aos alunos dez etapas, que não têm que ser sequenciais, e que facilitam a pesquisa de informação e a comunicação da informação, utilizando várias tipologias de texto como relatórios, textos de não-ficção, teatro,... As etapas propostas por este modelo são as seguintes:

1. Evocar conhecimentos anteriores
2. Estabelecer objetivos
3. Localizar a informação
4. Adotar uma estratégia apropriada
5. Interagir com o texto
6. Monitorizar a compreensão
7. Tomar notas

¹⁷ Apenas abordamos a literacia da informação, mas a biblioteca escolar poderá desenvolver atividades relacionadas com a literacia da leitura, a literacia para os media, a literacia digital, e-Literacia, a literacia da Internet, literacia financeira, literacia informática e outras.

8. Avaliar a informação
9. Apoiar a memória
10. Comunicar a informação

Outro modelo bastante conhecido é o PLUS de James Herring (1997). PLUS é o acrónimo de Purpose (Objectivo), Location (Localização), Use (Uso) e Self-Evaluation (Auto-avaliação), as quatro partes principais em que, neste modelo, se dividem as competências de informação. Este modelo pretende:

covers the range of interrelated skills which pupils will use when undertaking assignments which involve the use of information resources of different kinds. These are key learning skills which, if acquired and practised by pupils across the curriculum, will help pupils to produce the high levels of work expected of them by teachers. The PLUS model incorporates the broad areas of *Purpose, Location, Use* and *Self-evaluation* to present school librarians and teachers with a framework which can be used in the school and a meaningful acronym which can be used by pupils as a guide to their use of learning skills. (p. 1)

Há ainda outros modelos que apoiam a literacia da informação. Para uma visão abrangente sobre as várias propostas nesta área, podemos consultar a informação compilada em <http://ictnz.com/infolitmodels.htm>, por Trevor Bond, professor ligado às Tecnologias de Informação e Comunicação e que criou igualmente um modelo de literacia da informação, o Sauce, um “process that facilitates pupils into inquiry learning, thinking and information literacy”. Trevor Bond salienta nestas páginas que as TIC devem ser apenas utilizadas como uma ferramenta que nos ajudem a melhorar o ensino e a apoiar os alunos a aprenderem melhor: “The focus should not be on how to teach pupils skills like word processing, spread sheets, Internet searching etc. Rather the primary focus should be on quality learning and teaching. The secondary focus will be on ways of using ICT as a tool to enhance learning and teaching”.

De entre os vários modelos, destacamos o *Big6*, criado em 1988 por Eisenberg e Berkowitz, que utilizámos no nosso estudo empírico, e por aqui o descrevemos com mais pormenor. Para além de ser um modelo sugerido pelo gabinete da Rede de Bibliotecas Escolares, constitui de facto um instrumento de

simples compreensão e que integra as etapas essenciais para orientar na resolução de problemas relacionados com informação. Como já anteriormente referimos, a RBE divulgou um documento (Quadro 3) com orientações para o desenvolvimento da literacia da informação, com três níveis diferentes – inicial, intermédio e avançado –, para se adequar às características dos alunos, conforme a sua experiência no recurso a diferentes fontes de informação, ao pensamento crítico, à utilização das TIC, entre outros.

O *Big6* é um modelo que assenta num conceito de aprendizagem cognitiva, baseada em recursos e tem seis etapas, contendo cada uma, duas fases (apresentados na página do *Big6*, em português):

1. Definição da tarefa

- 1.1 Defina o problema
- 1.2 Identifique as informações necessárias

2. Estratégias de busca da informação

- 2.1 Considere todas as fontes possíveis
- 2.2 Selecione as melhores fontes

3. Localização e acesso

- 3.1 Localize as fontes
- 3.2 Recupere as informações nas fontes localizadas

4. Uso da informação

- 4.1 Consulte (leia, ouça, olhe, toque)
- 4.2 Extraia as informações relevantes

5. Síntese

- 5.1 Organize as informações extraídas das diversas fontes
- 5.2 Apresente o resultado

6. Avaliação

- 6.1 Julgue o resultado (eficácia)
- 6.2 Julgue o processo (eficiência)

O *Big6*, dos autores Eisenberg e Berkowitz, apoia a literacia da informação, e a resolução de problemas relacionados com a informação:

the most widely known and widely used approach to teaching information and technology skills in the world. Used in thousands of K-12 schools, higher education institutions, and corporate and adult training programs, the Big6 information problem-solving model is applicable whenever people need and use information. The Big6 integrates information search and use skills along with technology tools in a systematic process to find, use, apply, and evaluate information for specific needs and tasks.¹⁸

Este modelo é bastante utilizado, devendo-se sublinhar que é apoiado por um *site* que disponibiliza um número bastante alargado de recursos, direcionados para várias idades, e com exemplos de aplicação a várias matérias. Neste sentido, a sua utilização está bastante facilitada: para além da clareza do modelo, muito provavelmente a sua ampla difusão dever-se-á aos muitos recursos que os respetivos autores disponibilizam.

Os autores não consideram que este processo seja útil apenas para as escolas, mas também para situações pessoais ou profissionais:

In addition to considering the Big6 as a process, another useful way to view the Big6 is as a set of basic, essential life skills. These skills can be applied across situations — to school, personal, and work settings. The Big6 Skills are applicable to all subject areas across the full range of grade levels. Students use the Big6 Skills whenever they need information to solve a problem, make a decision, or complete a task.¹⁹

Contudo, a melhor forma de se adquirirem as competências, que se podem desenvolver com o *Big6*, será em situações em que se integre em atividades de articulação com o currículo, na sala de aula:

The Big6 Skills are best learned when integrated with classroom curriculum and activities. Teachers and library media specialists can begin to use the Big6 immediately by:

- Using the Big6 terminology when giving various tasks and assignments

¹⁸Cf. <http://big6.com/pages/about/big6-skills-overview.php>

¹⁹ Cf. <http://big6.com/pages/about/big6-skills-overview.php>

- Talking students through the process for a particular assignment
- Asking key questions and focusing attention on specific Big6 actions to accomplish. (*idem*)

Figura 4 – Big6 (versão para crianças)²⁰



A problemática da Literacia da Informação, sendo um dos temas centrais ao sucesso educativo, e pelas suas implicações na aprendizagem ao longo da vida, tem constituído um tópico bastante estudado. Diferentes associações ligadas, quer ao ensino, quer mais especificamente às bibliotecas em geral e bibliotecas escolares, em particular, têm desenvolvido instrumentos de apoio ao desenvolvimento e à avaliação das competências em LI. Por exemplo, no “National Forum on Information Literacy” (NFIL), em 2003, foi apresentado para os alunos “The Nine Information Literacy

²⁰ Imagem disponível em <http://www.percursos.net/becre/modelobig6.htm>

Standards for Student Learning” da American Association of School Librarians e da Association for Educational Communications Technology²¹, que aqui mencionamos pela sua relevância e pela sistematicidade que apresenta. Este documento apresenta uma série de indicadores que apontam para o nível de literacia em que se encontram os alunos, permitindo aos docentes e à biblioteca escolar acompanhar as aprendizagens dos seus utilizadores, promovendo o sucesso dos alunos, pois, conhecem-se os objetivos que se pretendem alcançar e como avaliá-los, através das tarefas indicadas.

Em relação à situação das escolas em Portugal e ao trabalho que as bibliotecas escolares têm desenvolvido para incrementar as competências de alunos e professores em literacia da informação, podemos identificar vários trabalhos de investigação, designadamente algumas dissertações de mestrado sobre essa temática. Glória Bastos (2011) elaborou uma meta-análise onde confronta e sintetiza os principais resultados obtidos pelos estudos realizados no âmbito do mestrado em Gestão da Informação e Bibliotecas Escolares, entre 2006 e 2010. Da análise que efetua, ressaltam os seguintes aspetos:

A brief note on the master’s dissertations conducted after 2008, where we have some references – even though tentative – about the role played by the self-evaluation model in, for instance, increasing collaboration between teachers and TL. But other aspects can be found, for instance: improvement of TL leadership and more confidence in the work they develop. Nevertheless, some constraints still remain: (1) Resistance to diversification of teaching and learning resources - most of the work is based on textbooks; and (2) Teacher isolation in the classroom – one teacher, one textbook, 25 students all doing the same at the same time. (p. 27)

Glória Bastos (2011) refere que nos últimos anos se podem identificar melhorias importantes nos PB portugueses e que as pesquisas realizadas revelam alguns progressos. A legislação que institucionalizou o PB, e o MABE vieram dar visibilidade ao trabalho efetuado “and to the advantages of linkage between the TL

²¹ Cf. http://www.ilipg.org/sites/ilipg.org/files/bo/InformationLiteracyStandards_final.pdf
<http://edweb.tusd.k12.az.us/uttelib/information%20literacy%20standards%20for%20student%20learning.htm>

and other teachers, specifically with regard to the development of students' competences in Information Literacy" (p. 27).

Nevertheless in some schools IL practices are still undeveloped and emergent, and classroom teachers and TL still live, in a considerable number of schools, in parallel worlds. And more recent developments, motivated by economic constraints, like the obligation of TL to be responsible again for a class, with less time to dedicate to support students and teachers, represent a step backwards from the pedagogical improvements of the last decade [...] and may also put in danger a situation that was not yet sufficiently consolidated. (p. 27)

Perante o quadro que é retratado, consideramos que de facto ainda há um importante labor que deve continuar a ser realizado pelas bibliotecas escolares, e pensamos que o nosso trabalho é também uma pequena achega, no nosso contexto específico, para melhorar as competências de alunos e professores em literacia da informação.

2.1 Ferramentas que a biblioteca escolar pode disponibilizar

Lourense H. Das (2008) relata que as BE do século XXI, são um desafio, não apenas para os professores, mas para quem gere as escolas e o ensino. As novas tecnologias podem trazer muitas possibilidades mas, segundo Lourense H. Das para os alunos a biblioteca é

a possibilidade de encontro num ambiente agradável; para os alunos, a biblioteca escolar é um espaço social que potencia o trabalho individual ou em grupo, a troca de informação, ideias e conhecimento e o local onde podem confiar na orientação e apoio que lhes é oferecido pela equipa da biblioteca escolar. A investigação conjunta baseada na evidência de dados mostra-nos que as bibliotecas escolares oferecem valor acrescido: contribuem significativamente para a melhoria do sucesso educativo dos alunos. (p. 7)

A Internet cativa os utilizadores e a biblioteca escolar deve atualizar-se de forma a ir ao encontro das necessidades dos seus utilizadores.

No início, a Web era essencialmente informativa, apesar de apresentar algumas hiperligações, podendo os utilizadores participar em fóruns e enviar mensagens por correio eletrónico. Em 2004, com O'Reilly (citado por Maness, 2007, p. 44) surge o termo Web 2.0, a informação é atualizada, permite a personalização das páginas e maior interatividade: “O termo é agora amplamente usado e interpretado, mas Web 2.0, essencialmente, não é uma Web de publicação textual, mas uma Web de comunicação multi-sensitiva” (Maness, 2007, p. 44).

O termo “biblioteca 2.0” surge em 2005, no blogue *Library Crunch*, de Michael Casey. É uma biblioteca que vai ao encontro das necessidades dos utilizadores usando as ferramentas da Web 2.0. Para apoio ao currículo, à literacia ou à leitura, os professores podem recorrer a ferramentas da Web 2.0, tais como: YouTube, Blogues, Facebook ou outras redes sociais, Agregadores, Wikis, Messenger, Skype, correio-e,...

Os blogues servem para a divulgação de notícias e eventos, formação de utilizadores, debates, concursos, recomendações de leituras,... As redes sociais são essenciais nas estratégias de *marketing*, divulgação de exposições, concursos,... Os agregadores RSS levam aos utilizadores informações sobre as atividades e as novidades da biblioteca escolar, disponibilizando ligações a fontes de informação externas,...

Mas um caminho ainda significativo tem de ser trilhado pela biblioteca escolar no sentido de que a implementação das ferramentas seja para um uso pedagógico, e em que as possibilidades oferecidas pela Web 2.0, seja um trabalho colaborativo e leve ao sucesso dos alunos que se pretende também sejam ferramentas que lhes permitam a aprendizagem ao longo da vida, como vários estudos que têm sido realizados vão demonstrando.

João Proença (2012) estudou a utilização das ferramentas Web 2.0 em algumas BE. Segundo as conclusões a que chegou, poderemos dizer que as BE ainda estão “numa fase de exploração e implementação” dessas ferramentas e que “a adesão a essas ferramentas e serviços acaba por ser feita pelos PB mais inovadores, faltando ainda um suporte teórico e práticas consolidadas que ajudem a trilhar caminhos mais consistentes” (p. 203). João Proença (2012) verificou que nas BE existe “um equipamento informático básico” (p. 205), mas ainda faltam outros

equipamentos como o scanner, a máquina de filmar ou de fotografar digital, software de edição áudio e vídeo,... para se coadunarem “com o necessário papel de vanguarda tecnológica que a BE deve ter face às necessidades dos públicos que estas servem e ao paradigma educativo atual” (*idem*).

Ao nível dos serviços Web 2.0, as BE usam sobretudo o blogue para divulgação das atividades ou para a promoção da leitura. No entanto, muito há ainda a ser feito pelos PB e os docentes “o trilha percorrido ainda é diminuto face ao objetivo que se pretende que é a transformação da BE numa BE 2.0” (*idem*, p. 206-207).

Outras ferramentas com potencialidades para as disciplinas curriculares são a Prezi, uma ferramenta rápida, prática e útil para apresentações breves, para qualquer área. O Calameo, o Issuu e o Myebook servem para a criação de ebooks. O Glogster.edu que cria cartazes interativos, o Google docs que permite o trabalho colaborativo na redação de documentos, o Diigo que permite uma aglutinação de páginas da Internet para a criação de uma nuvem no blogue, o Tagxedo para a criação de nuvens com palavras em várias formas, o Prezi que permite a importação de PowerPoints,...

Estas e outras ferramentas são úteis para qualquer disciplina, pois, importa comunicar e transmitir informações, desenvolvendo as competências de leitura e das literacias (quer de leitura, quer digitais) nos alunos.

A relação dos blogues com a promoção da leitura foi, por exemplo, analisada por Raquel Ramos (2011), que afirma que

a rentabilização do blogue, no âmbito da promoção da leitura, será tanto maior quanto maior for o envolvimento dos alunos na criação e desenvolvimento do próprio blogue ou das actividades com ele relacionadas, uma vez que apenas a interação do leitor com o texto, concebido por nós como unidade em formatos e suportes diferentes, permite a imersão necessária à criação de leitores. (p. 54-55)

Relativamente ao perfil dos professores que utilizavam esta ferramenta de forma mais consistente, verificou que “os factores que estão relacionados com a utilização recorrente e mais sustentada das novas tecnologias, no âmbito estudado,

são a formação académica e a atitude de proactividade dos professores bibliotecários” (*idem*, p. 170).

Podemos então apontar que a BE 2.0 é inovadora quando o PB quer dar resposta às necessidades dos seus utilizadores onde quer que eles se encontrem. No caso da nossa BE, que está presente no blogue das BE do Agrupamento e no Moodle, por enquanto, esta presença justifica-se mais por uma necessidade da BE se tornar presente na vida da comunidade do que para responder às suas necessidades, pois o *feedback* das publicações ainda é mínimo. O que tem vindo a ter mais retorno positivo são as mensagens e os documentos enviados por correio-e aos docentes. Alguns alunos procuram o espaço da BE no Moodle, mas ainda são poucos. Sabemos, no entanto, que é pela insistência e por um trabalho continuado e persistente que os resultados vão pouco a pouco surgindo.

João Proença (2012) refere que as BE estudadas mostram-se “inovadoras quanto aos conteúdos e alguns serviços prestados” (p. 211), mas ainda não são bibliotecas 2.0 porque os utilizadores “não participam ainda na criação de conteúdos” (*idem*).

Com efeito, verifica-se que quando a biblioteca escolar se constitui como um centro de aprendizagem tecnologicamente bem apetrechado e o professor bibliotecário apresenta amplas competências no âmbito das tecnologias de informação e as coloca ao serviço do desenvolvimento curricular, as aprendizagens, e consequentemente os resultados escolares, dos estudantes melhoram de forma mensurável. (Silva, 2011, p. 45)

Este mundo digital é uma realidade e a BE tem que dar mais um passo e ser moderadora junto dos seus utilizadores, seja na BE ou em ambiente de sala de aula, para que esta realidade (textos, imagens, vídeos,.. da Internet) não seja aceite cegamente, mas com consciência crítica, validando, reconhecendo as fontes certas para a construção de conhecimento.

Como podemos verificar pelos aspetos apontados anteriormente, é possível a articulação da biblioteca escolar com as várias áreas curriculares, apoiando os docentes com ferramentas que promovam o sucesso educativo e a aprendizagem ao longo da vida. Este constitui ainda um percurso longo em termos de consolidação,

mas sem dúvida possível, com o auxílio dos docentes e de novas ferramentas de trabalho.

A utilização da Web 2.0 vem permitir uma maior partilha e colaboração. Agora é necessário utilizar algum tempo para nas BE, PB e equipa, explorarem cada uma das ferramentas e analisarem as suas potencialidades de forma a poderem transmiti-las aos outros docentes, ou aos alunos, numa forma de colaboração/formação de utilizador. Porque não pensar-se em criar uma pasta para divulgação destas ferramentas na disciplina da BE, no Moodle! Com tantas mudanças que se esperam, o que muda na BE?

A coleção da biblioteca irá mudar, tornando-se mais interativa e plenamente acessível. Os serviços de biblioteca irão mudar, focando mais na facilitação da transferência da informação e em alfabetização informacional do que fornecendo acesso controlado a isso. Este artigo coloca quatro conceitos ratificados para Biblioteca 2.0: ela é centrada no usuário; é uma experiência multimídia; é rica socialmente; e comunitariamente inovadora. Também se admite uma definição focada para o termo: “A aplicação de interatividade, colaboratividade, e tecnologias multimídia baseadas em web para serviços e coleções de biblioteca. (Maness, 2007, p. 51-52)

A utilização das TIC não serão um fim, mas um meio para a obtenção de conhecimento e, por isso, devem ser aproveitadas para a criação de um pensamento crítico. Assim, não interessa a sua utilização apenas na disciplina TIC, mas em todas as disciplinas: “There are good arguments that functional skills need to be included in both ICT lessons and in other subjects. Just as students practice writing both in specific English lessons as well as in all school subjects, so should they be practicing the skills needed to use digital technologies in all subjects, including ICT” (Hague, 2010, p. 22).

As questões que levam à construção de um pensamento crítico são:

- Do you agree with this?
- What do you think?
- Why do you think that?
- How do you know?
- Can you be sure? (Hague, 2010, 38)

Se se conseguir este trabalho colaborativo entre os professores e se sentirem que os alunos precisam de aprender transversalmente as mesmas competências, o trabalho será mais eficiente e bem-sucedido. Para isso,

students will need to become critical consumers of information, effective problem solvers, capable decision makers and innovative communicators as well. They will require the skills and ability to flow with change. And most of all, students will need to understand that these transferable skills give them the capacity to make a difference in this world... personally. (OSLA, 2010, p. 3)

Esta perspetiva da Ontario School Library Association, baseada nas aprendizagens transversais às diferentes áreas curriculares, “that recognizes literacy, numeracy, knowledge, thinking, communication, and application as foundations for *learning how to learn*” (OSLA, 2010, p. 3), a BE será um espaço físico e virtual, que terá um papel fundamental na educação: “The school library, a key component of a Learning Commons, has an integral and transformative role to play in implementing this fresh and innovative vision for education (OSLA, 2010, p. 3).

Neste contexto, a escola deve dotar os alunos de ferramentas fundamentais para o seu sucesso enquanto cidadãos integrados nesta sociedade digital uma vez que,

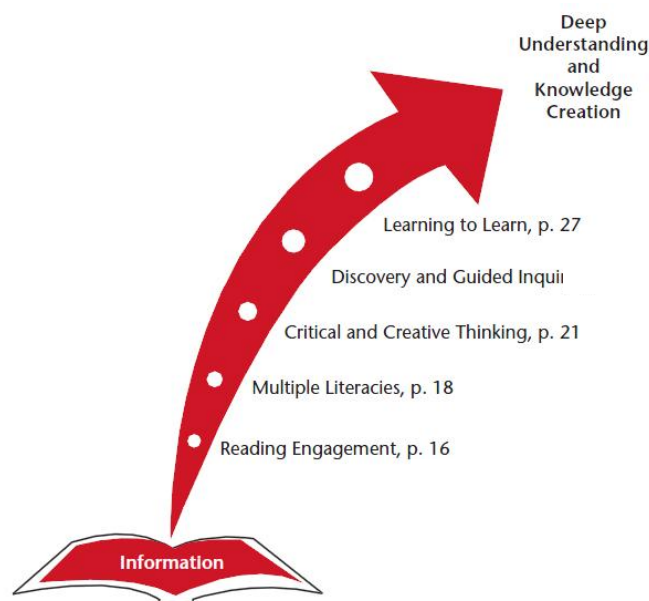
Technology is rapidly modifying the nature and significance of information. The context for finding relevance is in radical transformation. For those younger than 25, a technologically-rich environment is a natural part of everyday life. The interactive and social nature of digital technologies is woven seamlessly into their lives. To them, the online world is a reflection and extension of the offline. (OSLA, 2010, p. 4)

E os autores do documento sublinham ainda:

The skills needed to be successful in life, technology notwithstanding, remain largely the same. As much as ever, a learner must be able to attain the ability to think critically. But the tools to carry out decision making are expanding and merging with remarkable speed and subtlety. What a student will need to be able to do in a school, in a workplace, or at home is experiencing radical change. (*idem*, p. 5)

Mais do que pesquisar, recolher factos para a construção de conhecimento individual ou coletivo, os alunos ao ler, pesquisar, experimentar, descobrir e criar, em colaboração com os outros, enriquecem a sua aprendizagem. “When learners take responsibility for learning — when they begin building their own personal learning networks — learning for life is on the horizon”. (OSLA, 2010, p. 15)

Figura 5 — Aprendizagem ao longo da vida²²



23

Assim, de acordo com a figura 5, começando com a leitura, os alunos são levados a seguirem os seus interesses e paixões, escolhendo livremente o que leem, melhorando na leitura e na compreensão. Os alunos precisam de utilizar múltiplas literacias para atingirem os seus objetivos e desenvolverem a sua criatividade. Desde sempre se procurou que os alunos desenvolvessem o pensamento crítico, hoje em dia, a diferença está no volume de informação disponível, e na forma como é apresentada (em diferentes suportes). Contudo, as descobertas ou as pesquisas devem ser guiadas, para tal, a escola poderá promover o uso de um modelo de pesquisa, criando, na escola, uma cultura de pesquisa/investigação. Finalmente, aprender a aprender “Learning to learn is a critical component of student success” (OSLA,

²² Cf. http://www.accessola.com/data/6/rec_docs/677_olatogetherforlearning.pdf

²³ As páginas apresentadas na figura referem-se ao documento original.

2010, p. 27), devendo haver espaços para a reflexão e discussão/debate das próprias descobertas com os outros.

Hoje, já se fala em Web 3.0²⁴, em que a Internet está presente em várias aplicações do dia-a-dia, como telefones, carros e eletrodomésticos, TV, todas eles interligados, mas, para funcionarem em sintonia, têm que reconhecer as mesmas aplicações. As escolas podem acompanhar esta evolução das tecnologias de forma a apoiarem os alunos nas suas necessidades de formação e no desenvolvimento da sua criatividade?

Neste momento, o desafio das BE prende-se exatamente com as novas tecnologias, pois deve acompanhar a sua evolução de forma a continuar a motivar os alunos e a possibilitar o acesso rápido a materiais atualizados, embora ainda se sinta dificuldade em identificar o grau de confiança dos documentos *online*. Neste sentido, a Equipa de Recursos e Tecnologias Educativas (ERTE) apresenta o projeto SACAUSEF (Sistema de Avaliação, Certificação e Apoio à Utilização de *Software* para a Educação e a Formação)²⁵. No Caderno SACAUSEF I – *Utilização e avaliação de software educativo* são apresentados, por exemplo, alguns instrumentos para análise de software educativo multimédia. Nos guiões disponibilizados, são apontados alguns critérios de análise, como por exemplo: o tema, a autoria, o conteúdo, a atualidade, potencialidade de suporte à aprendizagem, correção linguística, ausência de preconceitos ou estereótipos,... Esta poderá ser uma forma de colaboração, baseada na importância da análise de *sites* com potencial de utilização pedagógica.

²⁴ <http://www.youtube.com/watch?v=off08As3siM&NR=1&feature=fvwp> ou <http://www.youtube.com/watch?v=bsNcjya56v8&feature=endscreen&NR=1>

²⁵ <http://www.crie.min-edu.pt/index.php?section=92>

PARTE II – ESTUDO EMPÍRICO

1. Apresentação do estudo empírico

Um bom plano de trabalho da biblioteca escolar integra a colaboração entre o professor bibliotecário e os professores curriculares. O objetivo principal da escola é o sucesso educativo dos seus alunos, a biblioteca escolar pode ser o centro da aprendizagem, onde se concretizam as metas dos órgãos de gestão, dos docentes e dos alunos, na utilização dos recursos existentes, transformando informação em conhecimento.

Segundo o relatório *Lançar a rede* (Veiga et al., 1996) que está na origem do arranque em Portugal da Rede de Bibliotecas Escolares, a biblioteca escolar deve ser:

entendida como centro multimédia onde a informação com fins educativos é tratada, integrada, disponibilizada e produzida em diferentes suportes (...), constitui, por isso mesmo, um dos principais recursos para o desenvolvimento curricular. Constitui igualmente um recurso privilegiado na promoção da leitura lúdica. (p. 3)

Como a biblioteca escolar em que desenvolvemos este estudo estava a iniciar a sua integração na vida escolar, pareceu-nos que a literacia da informação, a par da promoção da leitura, seriam as áreas essenciais para a nossa intervenção e que permitiriam o trabalho em colaboração com os docentes em situações de aprendizagem curricular. Aquando do início deste estudo, o professor bibliotecário estava a tempo inteiro na biblioteca escolar, não lhe tendo sido atribuída turma, o que facilita a gestão do tempo e uma maior disponibilidade para a realização de atividades que possam abranger várias turmas²⁶. O trabalho desenvolvido foi realizado em articulação com os professores de Estudo Acompanhado. Sendo esta uma área curricular, não disciplinar que

visa essencialmente promover a apropriação, pelos alunos, de métodos de estudo, de trabalho e de organização, assim como o desenvolvimento de atitudes e capacidades que favoreçam uma crescente autonomia na realização das suas próprias aprendizagens. Trata-se de desenvolver a capacidade de *aprender a aprender*, de acordo com o pressuposto de que aprender, por

²⁶ Entretanto esta situação alterou-se, voltando novamente os professores-bibliotecários a terem de assumir turmas, com a consequente perda de disponibilidade.

exemplo, a consultar diversas fontes de informação, a elaborar sínteses ou a organizar trabalhos originais constitui um objectivo a assumir explicitamente pela escola e em correspondência com tarefas que nela se realizam.²⁷

Consideramos que este poderá ser um espaço ideal para a concretização de um trabalho de divulgação do *Big6*, como forma de resolução de problemas relacionados com o tratamento da informação. Os professores das disciplinas curriculares poderão fornecer os temas de pesquisa e avaliar os conteúdos abordados, para assim se analisar a influência destas atividades no resultado escolar dos alunos.

A biblioteca escolar pode assim contribuir com a formação dos seus utilizadores, iniciar processos curriculares que apoiem o desenvolvimento da autonomia dos alunos, promovendo a interdisciplinaridade dos conteúdos, numa aprendizagem ativa baseada na resolução de problemas, integrando as TIC nas áreas curriculares e promovendo o trabalho colaborativo entre os professores, pois estas atividades deverão ser integradas nos Projetos Curriculares de Turma, recentemente, apelidados de Planos de Atividades de Turma²⁸.

1.1 Identificação do problema de investigação

Tudo começou com a constatação, assente inicialmente apenas na observação superficial dos trabalhos que os alunos imprimiam na BE, de que estes não cumpriam requisitos essenciais de trabalhos de pesquisa: sem capa, nem qualquer tipo de identificação; com o *copy/paste* bastante óbvio; a maioria não identificando as fontes, e não se preocupando em dar um título ao documento eletrónico – uma vez impresso, não era preciso guardá-lo para posterior utilização. Como pretendíamos ter uma maior consciência do nosso ponto de partida, recolheram-se alguns desses trabalhos, realizados na BE, no ano anterior ao do estudo, por diferentes grupos de

²⁷ In, *Reorganização Curricular do Ensino Básico – Princípios, Medidas e Implicações* (Decreto-Lei: 6/2001 de 18 de Janeiro), Ministério da Educação, Departamento da Educação Básica.

²⁸ Cf. Despacho normativo n.º 24-A/2012 de 6 de dezembro, Secção VI, ponto 1 do Artigo 20.º, e n.º 4 do art.º 2.º do D.L. n.º 139/2012, de 5 de julho.

alunos. Foi uma recolha aleatória, dependendo mais do momento e da possibilidade de serem guardados no correio-e da BE, tendo-se detetado os seguintes problemas mais comuns:

- Trabalhos sem capa, nem qualquer tipo de identificação;
- Trabalhos com situações de *copy/paste* bastante óbvias, pois estão visíveis as hiperligações que vêm associadas aos textos copiados da Internet;
- Trabalhos sem identificação de fontes, às vezes só há identificação do motor de busca, e não há preocupação em dar um título ao documento eletrónico;
- Trabalhos baseados apenas na impressão de textos ou de imagens diretamente da Internet, sem qualquer tipo de tratamento.

Para tentarmos resolver esta situação, em outubro de 2009, (depois de alguma pesquisa sobre exemplos já existentes) elaborámos o documento *Como redigir e apresentar um trabalho escrito* (Anexo I), que veio a ser aprovado em Conselho Pedagógico para ser recomendado pelos docentes aos alunos, mas com carácter facultativo.

Em novembro de 2009, todas as turmas visitaram a BE, onde ficaram a conhecer como o fundo documental está organizado e a saber que no espaço da BE, na plataforma Moodle usada na escola, dispunham do documento *Como redigir e apresentar um trabalho escrito*, bem como uma hiperligação para um tutorial da literacia da informação da biblioteca pública de Évora²⁹ (cf. Calendário e documentos no Anexo I).

Como estávamos a frequentar o curso de Mestrado em Gestão da Informação e Bibliotecas Escolares, verificámos que o *Big6* seria uma boa ferramenta a ser apresentada aos alunos, pois, para além da preocupação com a apresentação do trabalho final, o *Big6* apresenta seis passos para a resolução de problemas relacionados com informação, tal como já descrevemos em anterior capítulo, na Parte I desta dissertação.

²⁹ Tutorial da literacia da informação: <http://www.evora.net/bpe/Linfo/>

Após conversa informal com o diretor do Agrupamento, este concordou com a apresentação do *Big6* e com o treino da sua aplicação, no 3.º período do ano letivo de 2009/2010, e com a sua apresentação a todos os alunos, do quinto ano, nas aulas de Estudo Acompanhado, no ano letivo seguinte. Assim, o anteprojecto realizado na unidade curricular de Investigação em Educação deu lugar ao projecto de dissertação *A biblioteca escolar e o currículo* realizado para o ano letivo de 2010/2011.

Sendo este o segundo ano em que, neste Agrupamento de Escolas, se estava a implementar o Modelo de Avaliação das Bibliotecas Escolares, pretendíamos também conhecer a percepção que alunos e professores tinham sobre a influência que a biblioteca escolar terá no sucesso escolar dos alunos. O domínio avaliado foi o B - Leitura e Literacia. Contudo, para este trabalho, reduzimos este estudo de aprendizagem da literacia da informação, à utilização do *Big6*.

Assim, ainda durante o ano letivo de 2009/2010, o modelo *Big6* foi apresentado a todas as turmas dos 2.º e 3.º ciclos, durante uma aula de Estudo Acompanhado, no terceiro período (cf. Anexo I).

Quadro 4 – Primeira apresentação do *Big6*

5.º ano	6.º ano	7.º ano	8.º ano	9.º ano
4 turmas	3 turmas	2 turmas	2 turmas	1 turma

O objetivo era motivar alunos e professores para a utilização das etapas do *Big6* na resolução de problemas relacionados com informação. Paralelamente, pretendíamos também que todos os alunos adotassem como regra para a elaboração de trabalhos escritos o documento *Como redigir e apresentar um trabalho escrito*.

Retomando esta atividade, no ano letivo de realização deste estudo, 2010/2011, desejávamos desenvolver um trabalho mais sistemático e incisivo, começando então com o 5.º ano, apresentando o documento acima referido e o *Big6*. Pretendeu-se que a apresentação do *Big6*, em Estudo Acompanhado, pudesse auxiliar os alunos na resolução de qualquer problema relacionado com o tratamento da informação em qualquer das restantes disciplinas.

Também seria mais um passo para a realização de trabalho colaborativo entre os professores curriculares e a professora bibliotecária.

Assim, tendo por base esta nossa intenção de desenvolver um projeto de intervenção aplicando atividades de ligação entre a biblioteca escolar e o currículo relacionadas com a literacia da informação, estabelecemos as seguintes questões de investigação:

- Como pode a biblioteca escolar articular com as atividades de sala de aula no sentido de promover o sucesso educativo dos alunos?
- Qual é a utilização que os alunos fazem da BE e como incrementar o uso de alguns elementos de apoio produzidos pela BE?
- A utilização do *Big6* na resolução de problemas relacionados com o tratamento da informação promove a autonomia dos alunos e melhora os trabalhos que estes realizam?

1.2. Sujeitos de investigação

Havendo apenas quatro turmas do 5º ano, todas elas participaram no estudo.

Quadro 5 – Alunos intervenientes

Turmas	Alunas	Alunos	Total
5º A	13	8	21
5º B	8	13	21
5º C	9	10	19
5º D	9	10	19

A turma A tem 10 alunos com 9 anos de idade; 10 alunos com 10 anos; 1 com 12 anos. Um aluno de naturalidade chinesa. Alunos de 6 localidades diferentes, sendo 16 do local da escola.

A turma B tem 5 alunos com 9 anos de idade; 13 alunos com 10 anos; 3 com 11 anos. Alunos de 11 localidades diferentes.

A turma C tem 8 alunos com 9 anos de idade; 8 alunos com 10 anos; 2 alunos com 11 anos; 1 com idade desconhecida. Alunos de 12 localidades diferentes.

A turma D tem 7 alunos com 9 anos de idade; 10 alunos com 10 anos; 2 com 11 anos. Alunos de 5 localidades diferentes, sendo 14 do local da escola.

Centrámos o estudo nas quatro turmas do 5.º ano desta escola, utilizando algumas aulas de estudo Acompanhado, de 15 de novembro de 2010 a 30 de maio de 2011. Nas turmas A e D eram os mesmos docentes. Assim, os seis docentes envolvidos, para além de lecionarem Estudo Acompanhado a estas turmas, lecionavam, às turmas A e D, Matemática e Português; à turma B, Matemática e Educação Física; à turma C, Matemática, História e Geografia de Portugal e Português.

Todos os docentes se mostraram interessados nos documentos apresentados, alguns já conheciam o documento *Como redigir e apresentar um trabalho escrito*, mas nenhum conhecia o modelo *Big6*. Uns docentes disponibilizaram mais horas de Estudo Acompanhado do que outros. Também uns quiseram acompanhar os trabalhos de grupo dos alunos nas aulas de Estudo Acompanhado, outros decidiram que os alunos fariam os trabalhos nos seus tempos livres.

2. Aspetos metodológicos

A metodologia utilizada para este estudo apoiou-se em procedimentos da investigação-ação. Estando em contacto com o meio e os intervenientes, observando e agindo em conformidade com as necessidades dos alunos e a disponibilidade dos docentes de Estudo Acompanhado.

A respeito deste tipo de metodologia, Léssard-Hébert (1996) começa por afirmar:

diversos autores definem o seu procedimento de investigação-acção como um ciclo em espiral. O termo *ciclo* é utilizado no sentido de um conjunto ordenado de fases que, uma vez completadas, podem ser retomadas para servirem de estrutura à planificação, à realização e à avaliação de um segundo projecto, e assim sucessivamente. O ciclo em espiral não é um ciclo vicioso, porque cada novo ciclo é enriquecido pelo ciclo anterior, de que é a continuação. Não se trata, portanto, de repetir, de andar em círculo. (p. 15)

Podemos ver também aqui um dos papéis que se atribuem atualmente ao professor bibliotecário, baseando-se na recolha de evidências que justifiquem as suas ações, identificando os aspetos a manter e a melhorar. Ainda, segundo Léssard-Hébert (1996):

Um projecto não é um sonho. O vosso projecto de intervenção deverá, portanto, concretizar-se a dois níveis:

- através de **meios de acção** (actividades e recursos), escolhidos em função da vossa problemática e do objectivo que tiverem em seguida formulado;
- através de **meios de avaliação** que deveriam permitir-vos, no final do vosso projecto, emitir um juízo sobre o nível de realização da mudança que desejavam provocar, ou facilitar, com a vossa intervenção. Esse juízo deverá basear-se em **dados de observação**. (p. 24)

Uma vez que a investigação-ação é um ciclo construído em espiral, previa-se que poderia existir alguma alteração dos planos, caso os resultados obtidos assim o impusessem. No nosso caso, as alterações deveram-se às necessidades que os alunos foram levantando e às quais tentámos dar algum tipo de resposta. Foi o caso quando introduzimos alguns aspetos do trabalho com o processador de texto, Word, como o

índice automático, a inclusão de paginação, de cabeçalho ou rodapé... (Documentos de 2009/2010 – cf. Anexo I). Logo em seguida, houve a necessidade de alterar estas informações do Word 2003 para o Word 2007. Também com a mudança de Agrupamento e da respetiva página da Internet, mais modificações foram necessárias.

Apesar de estarem no *Diário de Bordo*, e não terem sido incluídas neste estudo, houve outras solicitações que poderiam ter influenciado as atividades planificadas. Foi o caso das docentes de Área de Projeto das turmas C e D, do 5.º ano, que requereram o nosso apoio para a publicação de um livro digital. No final, ainda acrescentámos a apresentação de um folheto de elaboração de uma apresentação oral, com o apoio do PowerPoint, porque uma docente disse que seria interessante os alunos poderem apresentar aos colegas os seus trabalhos (cf. Anexo IX).

Judith Bell (2008) investigou definições para investigação-ação de vários autores, encontrando muitas, que vão desde a ação realizada num determinado local, para a resolução de um problema concreto, localizado numa situação imediata, passando para outra em que se testam teorias através da prática, ou pela investigação que levará à inovação curricular.

Assim, Cohen e Manion (1994, p. 192) citados por Judith Bell (2008, p. 20-21) descrevem a investigação-ação como

um procedimento essencialmente *in loco*, com vista a lidar com um problema concreto localizado numa situação imediata. Isto significa que o processo é constantemente controlado passo a passo (isto é, numa situação ideal), durante períodos variáveis, através de diversos mecanismos (questionários, diários, entrevistas e estudos de casos, por exemplo), de modo que os resultados subsequentes possam ser traduzidos em modificações, ajustamentos, mudanças de direcção, redefinições, de acordo com as necessidades, de modo a trazer vantagens duradouras ao próprio processo em curso.

Uma vez que a investigação-ação é vista como algo sempre inacabado, os participantes continuam a rever, a avaliar, e a melhorar a sua prática. Elliot (1991, p. 69) citado por Judith Bell (2008, p. 21) acrescentam

A sua finalidade é estimular a capacidade de ajuizar de forma prática em situações concretas, e a validade das «teorias» ou hipóteses que gera depende não tanto de testes «científicos» de veracidade, como da sua utilidade na tarefa de ajudar as pessoas a agir de forma mais inteligente e hábil. Na investigação-acção, as «teorias» não são validadas independentemente e em seguida aplicadas à prática. São validadas através da prática.

Já Brown e McIntyre (1981, p. 245) citados por Judith Bell (2008, p. 21-22) descrevem a investigação-ação como um modelo para a inovação curricular, onde a prática também é importante:

As questões de uma pesquisa surgem de uma análise dos problemas de quem a pratica em determinada situação, tornando-se então o seu objectivo imediato a compreensão desses problemas. O investigador/actor formula primeiramente princípios especulativos, hipotéticos e gerais em relação aos problemas que foram identificados; a partir destes princípios, podem ser depois produzidas hipóteses quanto à acção que deverá mais provavelmente conduzir, na prática, aos melhoramentos desejados. Essa acção será então experimentada e recolhida a informação correspondente aos seus efeitos; estas informações serão utilizadas para rever as hipóteses preliminares e para identificar uma acção mais apropriada que já reflecta uma modificação dos princípios gerais. A recolha de informação sobre os efeitos desta nova acção poderá gerar hipóteses posteriores e alterações dos princípios, e assim sucessivamente, aproximando-nos dessa forma de um maior entendimento e melhoramento da nossa acção. Isto implica um processo contínuo de pesquisa e o valor do trabalho é julgado pelo que se tiver conseguido em termos de compreensão, bem como das alterações desejáveis na nossa forma de agir.

A investigação-ação é assim, uma forma que os professores podem considerar interessante por estar ligada à sua prática. No caso do nosso estudo, inserimo-nos na primeira definição em que a investigação-ação se destina à resolução de uma situação (que se poderá repetir ao longo dos anos, para os alunos do quinto ano, por exemplo) e que se relaciona com a pesquisa da informação e a redação de trabalhos escritos, que se destinam à comunicação dessa mesma pesquisa. Os objetivos têm um carácter prático e não se pretende generalizar os resultados deste estudo.

2.1 Instrumentos utilizados e procedimentos

No desenvolvimento do nosso plano de intervenção, utilizámos alguns instrumentos de recolha de dados com o objetivo de perceber melhor a forma como se processava a realização de trabalhos de pesquisa nas diferentes disciplinas e também para identificar o tipo de utilização que os alunos faziam da biblioteca escolar. Foram assim elaborados dois questionários aplicados aos alunos

Questionário A – Com o objetivo de ficarmos a saber como é que os alunos utilizavam a BE, quantas vezes vão à BE, se procuram as novidades e se têm conhecimento das atividades da BE.

Questionário B – Foi aplicado no final da apresentação do *Big6*, para levantamento das disciplinas que pedem aos alunos trabalhos de pesquisa, dos tipos de fontes de informação que mais utilizam e se têm utilizado o *Big6* ou o guião para a realização de trabalhos escritos.

No âmbito do plano de intervenção, foram elaborados planos de formação (F) de utilizadores para:

F1 – Conhecer a biblioteca escolar.

F2 – Localizar a informação necessária.

F3 – Utilizar as etapas do *Big6*.

F4 – Utilizar o documento do Agrupamento *Como redigir e apresentar um trabalho escrito*.

F5 – Preparar uma apresentação oral com PowerPoint.

As formações de utilizadores F1 e F2 foram concretizadas no plano de visita à BE (Anexo III e respetivo PowerPoint de apoio, Anexo IV).

As formações de utilizadores F3 e F4 foram concretizadas no Plano de apresentação do *Big6* (Anexo I) e no PowerPoint *Como redigir e apresentar um trabalho escrito; Big6 — seis passos para a resolução de problemas relacionados com informação* (Anexo V).

A formação de utilizadores F5 concretizou-se com a apresentação do folheto *Como fazer uma apresentação* (Anexo IX).

Redigimos igualmente um diário de bordo (síntese no Anexo II) para acompanharmos as atividades que os alunos foram realizando e compilámos alguns documentos produzidos e apresentados em anexo (cf. Anexo VII).

3. Apresentação e discussão das atividades realizadas no projeto de intervenção

As atividades foram programadas de acordo com o calendário seguinte (que foi sendo adaptado, sendo esta a versão final).

Quadro 6 – Calendário de atividades

Data	Atividades 2010/2011		Agente responsável
	Intervenção	Avaliação	
15 a 29 de novembro	Atividade F1	Observação/Diário	Professora bibliotecária
	Atividade F2	Observação/Diário	
		Questionário A	
dezembro	Atividade F1	Observação/Diário	
	Atividade F2	Observação/Diário	
		Questionário A	
janeiro	Atividade F3	Observação/Diário	
	Atividade F4		
	Atividade prática sobre um tema curricular	Avaliação do trabalho	
fevereiro	Atividade F3	Observação/Diário	
	Atividade F4		
	Atividade prática sobre um tema curricular	Avaliação do trabalho	
		Questionário B	
23 a 30 de maio	Atividade F5	Observação/Diário	

Tudo começou, como já se referiu anteriormente, com a constatação de que os alunos imprimiam trabalhos na BE sem cumprir alguns requisitos fundamentais.

Inicialmente, apenas pretendíamos apresentar o *Big6* como ferramenta para a resolução de problemas relacionados com a pesquisa e tratamento da informação, e

fazermos a divulgação do documento com as regras para a elaboração e apresentação de trabalhos escritos. Contudo, verificou-se a necessidade de apoiar alunos e docentes na utilização de algumas ferramentas do processador de texto Word, tendo-se criado três PowerPoint de apoio (um para o Word 2003, outro para o Word 2007 e outro com o *Big6*) que se encontram no espaço da biblioteca no Moodle do Agrupamento.

Em seguida, descrevemos e comentamos as atividades desenvolvidas e os resultados obtidos com os instrumentos de recolha de dados que utilizámos, seguindo a sua sequência temporal.

Novembro e Dezembro

No início do ano letivo de 2010/2011, as turmas do 5.º ano fizeram a visita à Biblioteca Escolar, para lhes serem apresentadas algumas regras de utilização da BE e a forma como o fundo documental está organizado nas estantes, chamando já a atenção para os documentos de apoio à literacia da informação que se encontram no espaço da BE, no Moodle. Deram-se exemplos de pesquisa através da apresentação de algumas obras, cujos temas, os alunos localizaram na tabela da CDU (cf. Anexos III e IV).

Com a primeira visita das turmas do 5.º ano à BE, aproveitou-se, como sempre, para a divulgação da estante das novidades, para a explicação das regras de requisição domiciliária, e para a promoção da leitura, tendo alguns alunos aproveitado a ocasião para requisitar livros.

As professoras que acompanhavam a turma foram também intervindo, sobretudo a professora de Matemática, aproveitando para dar exemplos sobre o cálculo da área da biblioteca (com base na planta da sala), e a professora de História e Geografia de Portugal/Português, sobre a legenda da planta da biblioteca, sobre algum vocabulário, mas essencialmente, sobre os provérbios apresentados.

Todos os alunos foram participando e expondo as suas ideias sobre o livro como apoio ao estudo e “alimento da imaginação”.

Os alunos continuaram sentados e fomos propondo exemplos de pesquisa (ver plano de visita à BE, com alguns títulos), como referimos acima.

O último exercício de pesquisa era um livro de poesia. Os alunos participaram lendo alguns poemas da obra *Eu bem vi nascer o Sol*, uma antologia da poesia popular portuguesa, organizada por Alice Vieira.

Noutra turma, um dos professores (Educação Física) acompanhantes comentou, no final, que achara a atividade interessante. A professora de Matemática participou no debate de ideias ao longo da apresentação quer sobre a importância do estudo, quer sobre a disciplina de Matemática, mas sobretudo pedindo aos alunos que explicassem algum vocabulário.

No mês de novembro, visitaram a BE as turmas A, B e C do 5.º ano, utilizando 90 minutos da área de Estudo Acompanhado. A turma D realizou esta visita no mês de dezembro, tendo-se utilizado apenas 45 minutos de Estudo Acompanhado.

Iniciou-se a apresentação do PowerPoint *Como redigir e apresentar um trabalho escrito; Big6 — seis passos para a resolução de problemas relacionados com informação* na turma B, utilizando 45 minutos de Estudo Acompanhado.

Todas as turmas responderam ao questionário A (Anexo IV), aplicado no decorrer das atividades incluídas na visita à biblioteca da escola. O quadro seguinte sintetiza os resultados obtidos com todas as turmas.

Quadro 7 – Razões que levam os alunos à BE

Quando vens à Biblioteca Escolar (BE) é para:	5º A	5º B	5º C	5º D	Totais
1. Entregar ou requisitar livros para leitura domiciliária.	11	13	16	12	52
2. Pesquisar na Internet dados para trabalhos escolares.	14	9	6	18	47
3. Utilizar o computador para trabalhos da escola.	12	1	7	18	38
4. Utilizar o computador para jogar.	3	20	14	7	44
5. Ver um DVD.	14	17	15	12	58

6. Ouvir música.	11	9	13	14	47
7. Ler jornais ou revistas.	6	17	6	7	36
8. Ler ou consultar livros.	16	18	15	18	67
9. Estudar.	15	14	14	17	60
10. Outra atividade: _____	14	0	0	0	14

Verificamos que as respostas variam de turma para turma. Interessava-nos saber em particular, em que ponto ficavam as requisições para leitura domiciliária, a pesquisa na Internet e a consulta de livros na BE. Assim, estes três pontos encontram-se em quarto, quinto e primeiro lugar, respetivamente, não correspondendo à perceção que tínhamos da vida diária da BE, pois, parecia que o que mais atraía os alunos era a utilização dos computadores. Isto vem reforçar a importância da recolha de evidências, referida na primeira parte desta dissertação, neste ponto, para uma avaliação do que os utilizadores fazem na BE.

Notamos que a BE é maioritariamente utilizada como sala de estudo (segunda hipótese mais escolhida), o que já antecipávamos e foi confirmado, pois, não havia condições para estudarem na sala de convívio (sem mesas, nem cadeiras, equipamentos apenas colocados desde o início deste ano civil) e a sala de estudo tem um horário de abertura muito restrito, dependendo da presença de um funcionário (pressupondo-se que, se esta sala está fechada, a BE estará sempre aberta); e para ver DVDs (terceira situação mais assinalada), talvez porque muitos alunos dependem dos transportes públicos para o regresso a casa, tendo algumas turmas a tarde livre, e a maioria tem, o último tempo da tarde, sem atividades letivas, que depois é ocupado com aulas de apoio pedagógico acrescido ou clubes, por exemplo. Refira-se que a utilização do computador se reparte de forma equilibrada por um uso de carácter mais pedagógico – pesquisar dados ou para fazer trabalhos escolares – e uma vertente mais lúdica.

Apenas a turma A acrescentou, no ponto 10, que constituía uma questão aberta, a indicação “trabalhos de casa”, tendo sido a única turma que os referiu, mas na realidade, muitos alunos os incluíram, no ponto 9, estudar.

Pressupõem-se que as turmas do 5.º ano não conheciam a BE, como utilizadores em anos anteriores. Contudo, poderão ter visitado a BE em atividades da Semana da Leitura, ou por outros motivos, como, por exemplo, uma exposição, mas estas visitas são pouco frequentes.

Na segunda parte do questionário A pretendia-se recolher informações sobre alguns procedimentos seguidos pelos alunos, na utilização que fazem da Biblioteca Escolar, e indagar sobre como é que algumas iniciativas da BE eram recebidas por eles.

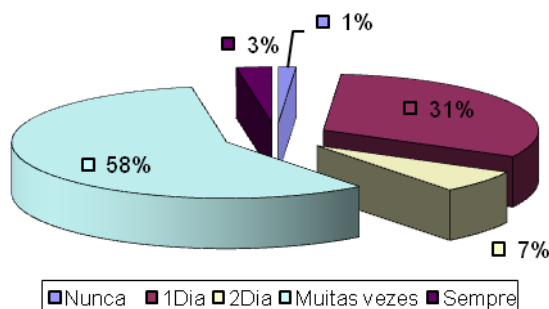
Uma das vantagens da realização deste questionário é que se podem informar os alunos imediatamente de algo que não tenha sido referido durante a apresentação e/ou retirar dúvidas que os alunos coloquem.

Apresentamos a seguir os dados obtidos, em cada turma em percentagens globais.

Tabela 1 — Visitas à BE, por semana

	5A	5B	5C	5D
Nunca	1	0	0	0
1 dia por semana	10	7	2	5
2 dias por semana	0	0	5	0
Muitas vezes	9	13	9	13
Todos os intervalos	0	0	2	0

Gráfico 1 — Visitas à BE, por semana – percentagens globais



Verificámos que 58% dos alunos responderam que visitam a BE muitas vezes, o que é bastante positivo, tratando-se de turmas que estão pelo primeiro ano na escola. Sabemos que com frequência a BE é uma espécie de “refúgio” para as crianças recém-chegadas a uma escola, e esta poderá ser uma das explicações para as respostas obtidas, pois, os alunos fizeram uma visita muito rápida pela escola, em setembro, com os respetivos diretores de turma, tendo estado muito pouco tempo na BE. Todavia, os diretores de turma receberam um guia do utilizador para comunicarem as informações mais importantes aos seus alunos, nesse dia ou numa das aulas seguintes de Formação Cívica.

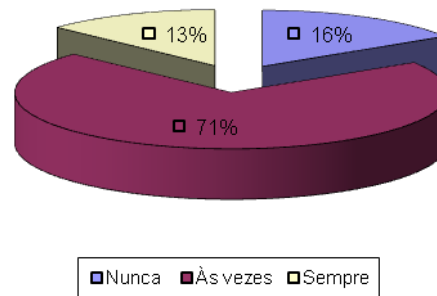
Além disso, os alunos começaram a sentir que podem contar com o apoio da BE no empréstimo domiciliário (pela primeira vez, alguns alunos perguntaram se não se pagava o livro, era o seu primeiro empréstimo domiciliário); na impressão de documentos, uma novidade para alguns, apesar de serem pagas; nas pesquisas; nas sugestões de leitura; para o visionamento de filmes; para o apoio no estudo, ou na realização dos trabalhos de casa, pois, em dezembro, estas solicitações começam a aumentar.

Para nós era importante verificar se os métodos por nós utilizados para a divulgação de informações eram eficazes, nomeadamente junto dos novos alunos, e as questões a seguir apresentadas abordam essa questão, incidindo sobre os mecanismos e canais que a BE usa para comunicar com os seus utilizadores.

Tabela 2 — Procura de livros na estante das novidades

	5A	5B	5C	5D
Nunca	5	0	4	3
Às vezes	11	18	14	11
Sempre	4	2	0	4

Gráfico 2 — Procura de livros na estante das novidades – percentagens globais



Pelos dados obtidos, em que apenas 13% dos alunos já tinham reparado na estante das novidades, verificou-se que a formação de utilizadores, no início do ano letivo, é essencial, para se dar a conhecer a BE.

Assim, os alunos foram informados, prontamente, que nesta estante são colocados livros novos que sejam adquiridos ou oferecidos à BE. Também se destacam aqui alguns livros que, apesar de não serem novos, são interessantes e têm estado esquecidos nas estantes porque ninguém os requisitou. As novidades de DVDs também são aqui divulgadas.

Aos alunos, foi ainda comunicado que as revistas e os jornais são colocados nos respetivos escaparates, sendo que o mais recente deverá estar na respetiva *porta* (no caso das revistas) e à frente (no caso dos jornais). Porém, a melhor forma é verificarem as datas, caso se interessem pelo mais recente.

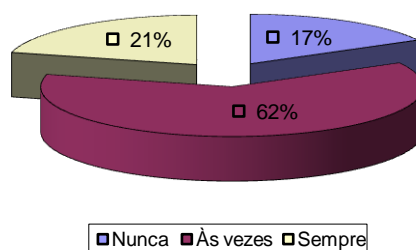
Estes documentos deverão ser arrumados no sítio respetivo (onde se encontravam), não necessitando de os colocarem no *carrinho*, onde os documentos retirados das restantes estantes aguardam a sua vez para serem corretamente distribuídos pelas estantes.

Esta última instrução é sempre bastante reforçada, para que os alunos evitem colocar um livro num lugar errado, como se costuma dizer, um livro mal arrumado é um livro perdido.

Tabela 3 — Procura de notícias no placard do hall da BE

	5A	5B	5C	5D
Nunca	5	1	2	5
Às vezes	12	10	15	10
Sempre	3	9	1	3

Gráfico 3 — Procura de notícias no placard do hall da BE – percentagens globais.



Quanto à leitura/consulta do placard existente no hall da BE, onde são divulgadas algumas atividades da BE, os concursos e informações sobre algumas datas comemorativas, apenas 21% dos alunos respondeu que procura ler o que lá é divulgado.

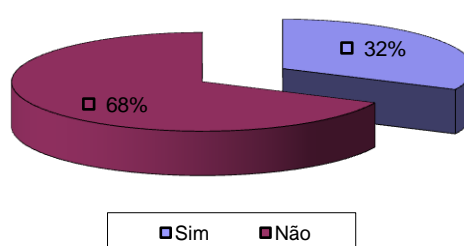
Deu-se conhecimento aos alunos que outras informações também são aí colocadas, referentes aos clubes que há na escola, pois, por vezes, aceitamos as inscrições e explicamos como vão funcionar. Alguns departamentos também utilizam este espaço para a divulgação de algumas atividades, mas é mais raro.

Salienta-se que a BE se situa num primeiro andar, num hall que dá acesso, para além da BE, a apenas duas salas, ou seja, os alunos que têm aulas nestas salas, ou que frequentam a BE, estão mais conscientes da existência destes placards que os restantes alunos.

Tabela 4 — Visitas ao blogue da BE

	5A	5B	5C	5D
Sim	10	3	6	5
Não	10	17	12	13

Gráfico 4 — Visitas ao blogue da BE – percentagens globais.



Quanto ao blogue da BE, a percentagem de uso ainda é pouco satisfatória — apenas 32% dos alunos dizem tê-lo visitado, mas a nossa perceção é que seria um número muito inferior, no entanto, não temos registos ou feedback com mensagens dos visitantes.

Recordámos a forma de acesso ao blogue, que se encontra no Moodle do Agrupamento, no espaço da BE.

Pensamos que uma forma de os levarmos a visitarem mais vezes o blogue seria utilizá-lo, não apenas como difusão das atividades da BE, mas divulgando aí os trabalhos dos alunos.

Janeiro

No mês de janeiro, a professora bibliotecária dirigiu-se à sala de aula das turmas do quinto ano, tendo-se realizado na turma A, seis sessões de 45 minutos em Estudo Acompanhado; na turma B, três sessões de 45 minutos em Estudo Acompanhado; na turma C, quatro sessões de 45 minutos em Estudo Acompanhado; e na turma D, uma sessão de 45 minutos em Estudo Acompanhado.

Nestas sessões, foi apresentado o modelo *Big6* e os alunos escreveram as etapas no caderno diário, se seguida, para iniciarem o trabalho de grupo, foram orientados pelos docentes de Estudo Acompanhado.

Três etapas estavam previstas: a exposição teórica através da apresentação dos documentos/PowerPoints; a prática com a realização dos trabalhos; e a crítica com a avaliação conjunta dos trabalhos realizados. A avaliação sendo formativa, partiu-se do pressuposto que os alunos não necessitavam de pré-requisitos e a recolha de informações recaiu sobre a observação dos trabalhos dos alunos. Utilizou-se a dinâmica do trabalho de grupo, por favorecer a partilha de conhecimentos e a colaboração entre os alunos.

A turma A escolheu o tema *À descoberta do escritor*, tendo-se formado sete grupos, que se distribuíram pelos seguintes autores: 1- António Mota, 2- Isabel Alçada, 3- Matilde Rosa Araújo (Anexo VII), 4- António Torrado, 5- Eça de Queiroz (Anexo VII), 6- Sophia de Mello Breyner e 7-? (não entregaram e não ficámos com registo do autor escolhido, apesar de pensarmos que seria António Torrado).

A turma B escolheu o tema *Matemáticos famosos*, tendo formado sete grupos que se distribuíram assim: 1- Arquimedes (Anexo VII), 2- Fibonacci, 3- Euler (Anexo VII), 4- Galileu, 5- Einstein, 6- Pitágoras e 7- Descartes. Estes alunos ficaram de realizar os seus trabalhos nos seus tempos livres e apenas dois grupos os entregaram.

A turma C escolheu o tema *Biografias de autores portugueses*, tendo formado seis grupos que se dividiram pelos seguintes autores: Grupo 1- Luís Vaz de Camões (Anexo VII); Grupo 2- António Mota; Grupo 3- António Torrado (Anexo VII); Grupo 4- Luísa Ducla Soares; Grupo 5- Ana Maria Magalhães; e Grupo 6- Alice Vieira. Apenas não foi entregue o trabalho do grupo 4.

Na turma D foi rapidamente apresentado o PowerPoint *Como redigir e apresentar um trabalho escrito; Big6 — seis passos para a resolução de problemas relacionados com informação*, apresentaram-se dois trabalhos (no Anexo VII está um), e a turma foi identificando omissões. De acordo com os documentos, faltava, por exemplo, o nome da escola, a disciplina e utilizaram a palavra desenvolvimento como título de uma parte (em vez de plantas, cf. Anexo VII). Nesta turma, não se realizou o trabalho de aplicação do modelo.

Apresentam-se em seguida, os esquemas de trabalho desenvolvidos pelos alunos das turmas A, B e C.

A turma A organizou da seguinte forma as etapas do *Big6* para a elaboração do trabalho — *À descoberta do escritor*:

1. *Definição da tarefa*

- Qual o autor?
- Nome/pseudónimo
- Profissão
- Ano de nascimento e ano da morte
- Local de nascimento (naturalidade)
- Obras do autor
- A(s) nossa(s) obra(s) preferida(s)
- Obras na Biblioteca Escolar (BE)

2. *Estratégias de busca de informação*

- Livros e Internet

3. *Localização e acesso*

- Biblioteca

4. *Uso da informação*

- Criar uma pasta: *À descoberta do escritor/grupo X*, para se organizarem os documentos e as imagens recolhidas.

Sugestões dos alunos: Anne Frank, Ana Bola, Sophia de Mello Breyner Andresen, António Mota, Eça de Queiroz, António Feio, António Torrado, Matilde Rosa Araújo, José Saramago, José Rodrigues dos Santos, Luís de Camões, Isabel Alçada

5. *Síntese*

- Realizar o trabalho escrito de acordo com o documento “*Como redigir e apresentar um trabalho escrito*”.

6. *Avaliação*

A turma B organizou da seguinte forma as etapas do *Big6* para a elaboração do trabalho — *Matemáticos famosos*:

1. *Definição da tarefa*

Pesquisar a biografia de um matemático:

- Nome
- Data de nascimento e morte
- Local de nascimento (naturalidade)
- Nacionalidade (país de origem)
- Contributo científico (o que fez)
- Foto
- Imagem da descoberta (facultativo)

2. *Estratégias de busca de informação*

- Livro “Pensa num número” CDU 5
- Internet

3. *Localização e acesso*

- Biblioteca

4. *Uso da informação*

- Pasta: matemáticos famosos grupo número X

Guardar os documentos encontrados, as imagens e as notas para o trabalho escrito.

Sugestões: Ahmose, Al Khwarizmi, Pitágoras, Fibonacci, Euclides, Galileu, Arquimedes, Kepler, Eratóstenes, Descartes, Fermat, Pascal, Newton, Euler, Gauss e Einstein.

5. *Síntese*

- Trabalho escrito de acordo com as regras apresentadas.

6. *Avaliação*

- Ver se aplicámos as regras.

A turma C organizou da seguinte forma as etapas do *Big6* para a elaboração do trabalho — *Biografias de autores portugueses*:

1. Definição da tarefa

- Biografias de autores portugueses
- Nome completo (pseudónimo)
- Data de nascimento e morte
- Local de nascimento (naturalidade)
- Profissão
- Obras do autor
- Obras do autor que existem na Biblioteca Escolar (BE)

Facultativo: a nossa obra preferida

2. Estratégias de busca de informação

- Biblioteca, Internet

3. Localização e acesso

- CDU classe 8 – Literatura

4. Uso da informação

Sugestões: António Torrado, Sophia de Mello Breyner Andresen,
Rosa Lobato de Faria, Álvaro Magalhães

5. Síntese

- Trabalho escrito

6. Avaliação

Como se pode observar, as orientações destas sessões, para as turmas A e C são parecidas, porque a mesma professora de Estudo Acompanhado foi orientando os alunos e aproveitou para realçar que, por vezes, os escritores utilizam um pseudónimo, quer seja para não revelarem quem são, quer seja para distinguirem orientações/facetas diferentes da sua escrita como Rómulo de Carvalho (que para a poesia assinava António Gedeão).

Assim, nas primeiras sessões procedeu-se à apresentação do PowerPoint *Como redigir e apresentar um trabalho escrito; Big6 – seis passos para a resolução de problemas relacionados com informação* (Anexo V). De seguida, escreveram-se as etapas no quadro e os alunos foram recordando as tarefas a realizar em cada uma, respondendo às questões tomando nota do que poderiam fazer em relação ao trabalho escolhido, tendo resultado nas orientações apresentadas acima, mas que se

desenvolveram das questões seguintes, às quais acrescentamos algumas notas que ilustram um pouco o pensamento dos alunos:

1. Definição da tarefa

1.1 Defina o problema

O que devo fazer?

NOTA: Aqui, a resposta resumia-se à apresentação escrita de um escritor português ou de um matemático famoso.

1.2 Identifique as informações necessárias

Que informação necessito para fazer isto? (Fazer uma lista de perguntas.)

NOTA: Aqui os alunos concordaram que era mais fácil terem o esquema (apresentado em cima) do que apenas a orientação de que deveriam fazer um trabalho sobre um autor por eles escolhido. Agora sabiam quais as informações sobre esse autor que teriam de pesquisar, por exemplo, nome completo, data de nascimento e morte, local de nascimento (naturalidade), profissão, etc.

2. Estratégias de busca da informação

2.1 Considere todas as fontes possíveis

A que fontes devo aceder para encontrar esta informação?

2.2 Selecione as melhores fontes

Se usar páginas eletrónicas, como posso saber se elas são fiáveis?

NOTA: A resposta imediata dos alunos é Internet, depois pensam nos livros. Numa das turmas uma aluna recordou que no manual de Português havia pequenas biografias de alguns autores. A turma B indica uma obra que nós tínhamos levado para uma das sessões e que tinha pequenos textos biográficos de alguns matemáticos mais importantes. A professora de Estudo Acompanhado fez questão que todos tomassem nota do título da obra, e os alunos colocaram-no nesta lista, perguntando em que sítio da BE se encontrava, ao que respondemos na estante 5, daí a referência à CDU.

3. Localização e acesso

3.1 Localize as fontes

Onde posso encontrar estas fontes? Bibliotecas, Internet, disponibilizadas pelos professores, outros...

3.2 Recupere as informações nas fontes localizadas

Quem me pode ajudar? Sozinho, equipa da biblioteca, professores, pais...

NOTA: Os alunos referiram que se dirigiram à BE, e alguns alunos quiseram saber onde encontrariam os livros dos autores escolhidos, por isso, aparece a referência à CDU, para a literatura.

4. Uso da informação

4.1 Consulte (leia, ouça, olhe, toque)

Como posso registar a informação que encontro? Tirar notas (usando fichas, blocos, processador de texto, quadros, gráficos, ilustrações, gravar em áudio ou vídeo...

4.2 Extraia as informações relevantes

Como posso referir as minhas fontes? Usar guias dados pelos professores, usar o guia da plataforma...

NOTA: Neste ponto, surgiram algumas dificuldades, pois os alunos não estão habituados a tirar notas, nem a fazer citações. Contudo, insistimos para que todos os textos ou páginas da Internet que recolhessem, ficassem numa pasta que se destinaria a guardar tudo, inclusive as imagens. Os que não tinham uma pen drive para guardarem a pasta foram aconselhados a guardarem os documentos no correio-e. Mais tarde, já na fase de pesquisa com o computador, reforçámos que deveriam copiar os endereços/links para uma página do processador de texto, que depois utilizariam para as referências bibliográficas.

As professoras de Estudo Acompanhado reforçaram a ideia de que deveriam aplicar as normas de resumo já estudadas e que o que aprendem numa disciplina, também deve ser utilizado nas outras, eles já

tenham treinado algumas formas de estudo de textos, sublinhando ou fazendo esquemas...

5. Síntese

5.1 Organize as informações extraídas das diversas fontes

5.2 Apresente o resultado

Como posso mostrar os resultados? Texto escrito, apresentação oral...

Incluir uma bibliografia...

Quanto tempo necessito para encontrar a informação e criar o produto final?

Tempo previsto para a realização do trabalho:

- Ideias para o projeto (definição de tarefas) realizadas por...*
- Pesquisa de informação (tirar notas) realizada por...*
- Tempo previsto para elaborar o primeiro esquema...*
- Tempo previsto para a realização do trabalho final...*

Incluir qualquer informação adicional para a realização do trabalho com sucesso.

NOTA: Nesta etapa, referiu-se que a informação é conhecimento e comunicação. Pesquisamos, aprendemos e comunicamos o que ficámos a saber de novo, seja num trabalho escrito, como este, seja num teste, seja numa conversa de amigos. As professoras de Estudo Acompanhado recordaram que se um trabalho é feito com gosto, ainda corre melhor, neste caso os grupos devem escolher um autor que apreciem e do qual alguns já tenham lido obras.

Como verificámos anteriormente, pela não entrega de alguns trabalhos, os alunos tiveram dificuldade em cumprir o prazo previsto, por um lado, pensamos que precisavam de mais apoio nosso, por outro talvez tenham pensado que pouco contribuiria para a avaliação da sua nota em Estudo Acompanhado.

6. Avaliação

6.2 Julgue o resultado (eficácia)

6.2 Julgue o processo (eficiência) Como posso saber se o que fiz foi o melhor?

O que fiz para realizar este trabalho foi correto, de acordo com as normas do Guião para os trabalhos escritos?

A informação que encontrei no ponto 4 (utilização da informação), corresponde às necessidades identificadas no ponto 1 (definição da tarefa)?

Citei corretamente as minhas fontes, de acordo com as orientações do professor?

O meu trabalho está organizado e bem apresentado?

O meu trabalho está completo e inclui títulos (nome, data, etc.)?

Vou sentir-me orgulhoso se alguém vir este trabalho?

NOTA: Apenas a turma B quis aqui acrescentar que a primeira avaliação era, depois de darem o trabalho por terminado, verificarem se tinham cumprido as regras e se o trabalho realizado respondia às questões.

Durante a preparação das respetivas fases do *Big6*, apenas a turma B referiu, na etapa da avaliação, que poderiam verificar se o trabalho final cumpria as regras apresentadas. Alguns alunos admiraram-se quando referimos que a primeira avaliação era feita por eles, verificando se o trabalho estava bem organizado, bem apresentado (limpo, mesmo tipo de letra, mesmo tamanho,...), com a identificação, e se se sentiam satisfeitos com o trabalho realizado. As professoras de Estudo Acompanhado reforçaram esta ideia recordando que eles são sempre ouvidos quando fazem a sua autoavaliação nas diferentes disciplinas.

Entre eles, formaram os grupos e na sessão seguinte selecionaram o autor sobre o qual iriam pesquisar e começaram os trabalhos.

Para uma das sessões ainda se requisitaram os computadores portáteis, mas depois verificámos que a sala TIC estava disponível na hora de Estudo Acompanhado e aí foram realizadas as sessões de trabalho das turmas A e C. Apesar da sala de TIC não estar preparada para trabalhos em grupo, porque os alunos ficam apertados em frente ao computador, tínhamos mais tempo, pois a utilização dos

computadores portáteis implica a sua requisição, o seu transporte para a sala de aula, o registo em folha própria dos nomes dos alunos que utilizam o portátil número x ou y e a tarefa para que é utilizado. No final, todo o processo se repete na ordem inversa e na arrumação dos mesmos, bem como, das extensões elétricas necessárias.

Na realização do trabalho, alguns alunos revelam dificuldades em seguir as normas propostas para a sua redação: pretendiam escrever tudo (na capa) em maiúsculas, ou utilizarem quer o tipo de letra, quer o tamanho que mais lhes agradava, mostrando-se muitas vezes mais preocupados com questões de forma do que de conteúdo. Ficavam sem saber o que fazer quando lhes repetíamos que não podiam simplesmente colar os textos pesquisados na Internet, sem analisarem a informação recolhida e sem procederem à elaboração de um texto pessoal. Este aspeto revela a importância de se desenvolver um trabalho sobre o tratamento da informação que é pesquisada, aprendendo a identificar os temas num texto e a elaborar o resumo das ideias principais num ou dois parágrafos, a confrontar textos de várias fontes e a retirar deles a informação mais relevante, organizando a seguir um novo texto.

Comentámos, com as professoras de Estudo Acompanhado, que este tipo de atividade poderia ser realizado por todos os docentes, que aplicariam as técnicas de resumo nas suas disciplinas, em articulação com a Biblioteca Escolar, se fosse necessário. As professoras de Estudo Acompanhado reforçaram a ideia de que os alunos deveriam aplicar as normas de resumo já estudadas e que o que aprendem numa disciplina, também deve ser utilizado nas outras, eles também já tinham treinado algumas formas de estudo de textos, sublinhando ou fazendo esquemas. No final do 1º Ciclo seriam atividades mais simples e para o 2º ciclo já se poderiam exigir resumos de textos, aumentando o grau de dificuldade e variando a tipologia dos textos até ao 12º ano.

Fevereiro

Durante este mês realizaram-se duas sessões de 45 minutos com a turma A; uma sessão de 45 minutos com a turma B; três sessões de 45 minutos com a turma C; e uma sessão de 45 minutos com a turma D; todas em Estudo Acompanhado.

Estas sessões foram essencialmente para a conclusão de trabalhos (depois de alguns grupos acabarem, os docentes de Estudo Acompanhado concordaram que os restantes grupos terminavam a sua tarefa nos seus tempos livres). Corrigiram-se alguns trabalhos em grupo turma, sendo os alunos a identificarem as omissões, de forma construtiva. Como podemos verificar pelos dados apresentados no Anexo VIII, os trabalhos realizados apresentaram algumas fragilidades, mas considerando que se tratavam de turmas de 5.º ano, portanto ainda com um grande potencial de aprendizagem e de desenvolvimento de competências nestes domínios, consideramos que o balanço final foi positivo, tendo em atenção as observações e experiências anteriores.

No final desta fase foi preenchido o questionário B, nas turmas A, C e D. A turma B não respondeu ao questionário por falta de tempo na sessão final, pois apenas se observaram e se analisaram alguns trabalhos que os alunos já tinham realizado.

Com a aplicação do questionário pretendíamos fazer um levantamento dos trabalhos de pesquisa efetuados pelos alunos, para as diferentes disciplinas, quais as fontes de informação que utilizavam e queríamos saber se alguns alunos já começavam a utilizar o *Big6* (incluindo os documentos disponibilizados no espaço da BE no Moodle do Agrupamento).

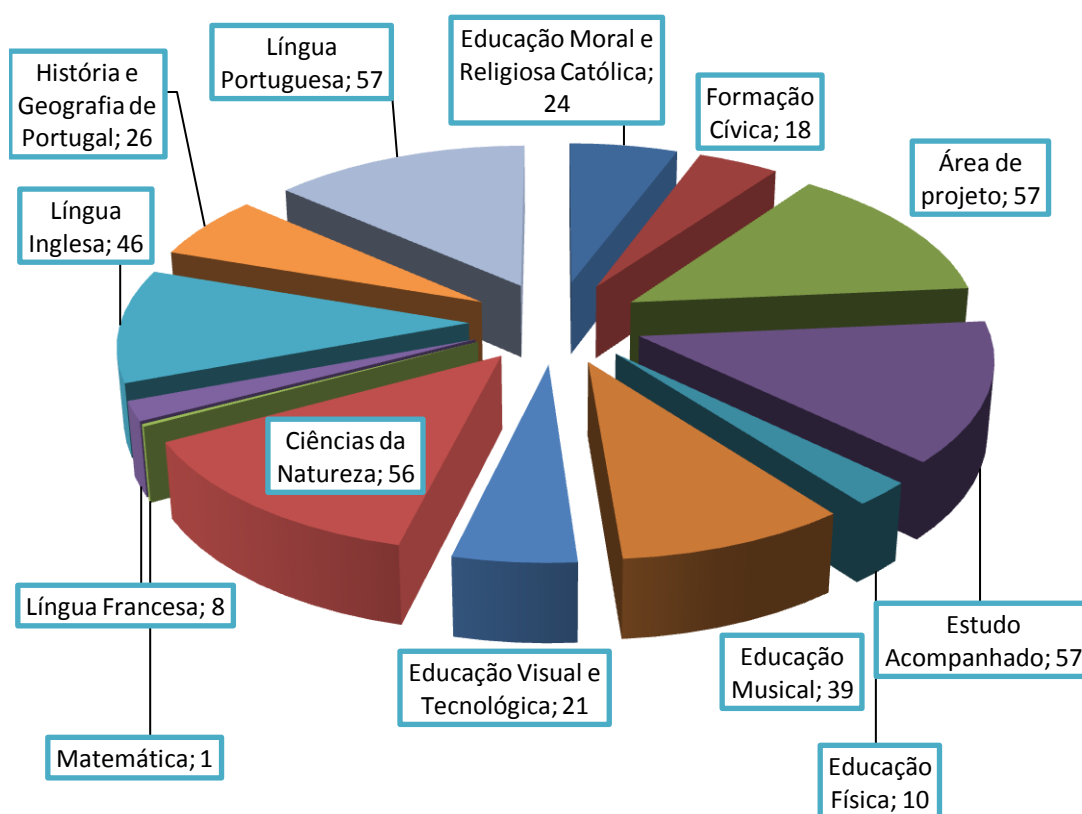
Apresentamos em seguida os resultados globais obtidos com as três turmas que responderam ao questionário, num total de 57 alunos. No Anexo VI, encontram-se os resultados de cada uma das três turmas que participaram neste questionário.

Relativamente à primeira pergunta, verificámos que as disciplinas em que os alunos costumam realizar trabalhos de pesquisa com mais frequência são: Área de Projeto, Estudo Acompanhado e Português (apontadas pela totalidade dos alunos), seguidas pelas disciplinas de Ciências da Natureza e de Inglês.

Área de Projeto, Estudo Acompanhado e Português terão sido indicadas pela totalidade dos alunos, a primeira pela sua própria natureza de trabalho de projeto, havendo turmas que desenvolvem um projeto por período; em Estudo Acompanhado, dependendo dos professores, alguns trabalhos são desenvolvidos e este nosso projeto também estará aqui refletido, apesar da turma D não ter realizado os trabalhos

conosco, realizou outros com os respetivos docentes; em Português e Inglês os trabalhos estarão relacionados com a cultura do país ou com o conhecimento da literatura, havendo os contratos de trabalho que se realizam em Português e há uma professora que pede aos seus alunos um portfólio com diferentes trabalhos, desde fichas de trabalho sobre o conhecimento explícito da língua, passando pela redação de textos livres ou não, e as fichas de leitura.

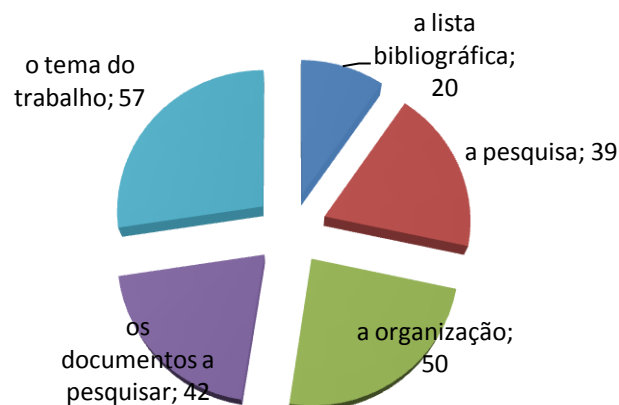
Gráfico 5 — Disciplinas em que costumam realizar trabalhos de pesquisa



Pelo que temos observado na BE, estes resultados devem aproximar-se das solicitações feitas na BE. Sabemos que os trabalhos de Educação Física, por exemplo, se baseiam nos manuais escolares. Os alunos não utilizam muito a BE para a pesquisa nesta disciplina, porque quando a BE foi integrada na RBE os manuais foram distribuídos por armários, em salas mais ou menos específicas, e os de Educação Física estão no pavilhão, no gabinete dos docentes. Na disciplina de Matemática só um aluno respondeu que fazia trabalhos de pesquisa, pensámos que teve em conta o trabalho realizado em Estudo Acompanhado ou realizou um por iniciativa própria.

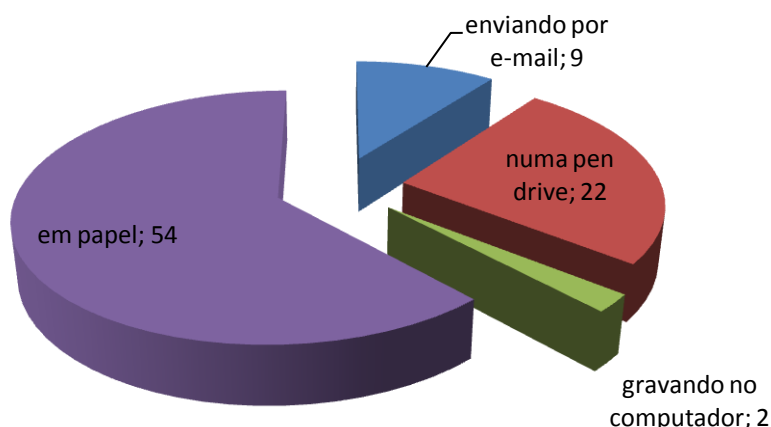
Em relação ao apoio e indicações que os professores dão para a realização de trabalhos de pesquisa, verificámos que há alguma irregularidade em termos dos procedimentos que são usados. Enquanto, naturalmente, todos os 57 alunos afirmam que os professores fornecem informações sobre o tema a pesquisar, o mesmo já não acontece em relação a outro tipo de orientações. 50 alunos dizem que os professores dão orientações sobre a forma de organizarem o trabalho; e 39 alunos declaram que os professores dão indicações sobre a pesquisa. Do conhecimento que tínhamos na altura, sobre os procedimentos geralmente seguidos pelos professores, reconhecemos que as orientações são usualmente para questões específicas: onde procurar, o que procurar, continuando-se a não usar o modelo sugerido (*Big6*). O elemento menos indicado é a bibliografia de apoio, o que poderá estar relacionado com o tipo de trabalho e com os objetivos pretendidos.

Gráfico 6 — Tipo de informações fornecidas pelos professores sobre os trabalhos de pesquisa



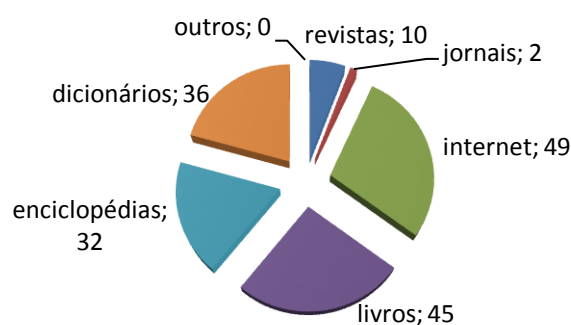
Após os trabalhos estarem realizados, estes são entregues, em grande maioria em suporte de papel, mas alguns professores já solicitam o envio dos trabalhos através do correio-eletrónico, um hábito que tem vindo a aumentar gradualmente.

Gráfico 7 — Processo de entrega dos trabalhos



Relativamente à forma como desenvolvem a pesquisa, a maioria dos alunos, 49, afirma que pesquisa na Internet, 45 alunos pesquisam em livros e 32 em enciclopédias. Sabemos que os dois primeiros dados estão em sintonia com o que observamos na BE. Quando os alunos responderam enciclopédias quisemos saber mais e a maioria disse que tem em casa as enciclopédias, que os pais já tinham adquirido há algum tempo e que eram incentivados a utilizá-las. Acreditamos neste facto, pois há alguns anos tivemos conhecimento de boas ofertas que eram recebidas com a compra de enciclopédias e coleções de literatura.

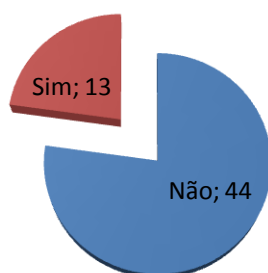
Gráfico 8 — Suportes utilizados para recolha de informação



Desde que tiveram conhecimento do *Big6*, 13 alunos responderam que já o utilizaram para os seus trabalhos de pesquisa de informação, sendo todos da turma A, onde realizámos mais sessões. É importante que os alunos desenvolvam estas

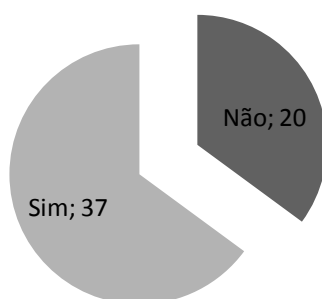
competências de literacia da informação, pois, a capacidade para encontrar e usar informação em diferentes contextos é essencial para a aprendizagem ao longo da vida.

Gráfico 9 — Utilização do *Big6*



Quanto ao documento para a redação de trabalhos escritos, 37 dos alunos responderam que seguem as regras aí indicadas. Alguns alunos, apesar de ainda não terem utilizado todas as regras nos trabalhos efetuados, disseram que procurariam utilizar este documento de apoio à realização dos trabalhos escritos. As professoras de Estudo Acompanhado incentivaram-nos a que o fizessem, e, por sua vez, disseram que iriam divulgá-lo, principalmente a professora de Português, que, no entanto, já foi colocada noutra escola.

Gráfico 10 — Cumprimento das regras para a redação de trabalhos escritos



Maio

No mês de maio realizaram-se duas sessões de 45 minutos cada nas turmas C e D, em Estudo Acompanhado, e uma em Formação Cívica na turma B, para a divulgação do folheto *Como fazer uma apresentação* (Anexo IX).

Os docentes aprovaram este tipo de trabalho, algumas docentes foram tomando notas de alguns aspetos, nomeadamente, sobre as ferramentas do processador de texto, outras quiseram guardar os documentos apresentados.

Foram entregues as tabelas de correção dos trabalhos realizados pelos alunos (Anexo VIII), de forma a permitir que os docentes valorizassem, nas suas avaliações, os alunos que terminaram os trabalhos.

Na turma A foram entregues seis trabalhos de grupo. O grupo 7 (de dois alunos), que não entregou o trabalho, revelou-se desorganizado desde o início, não chegando a acordo com a divisão das tarefas e perdendo ou deixando em casa o que iam realizando durante as sessões. Nem gravando no correio-eletrónico se conseguiu recuperar o que foram fazendo. Num total de 76 pontos, caso cumprissem todas as regras, o grupo 1 obteve 47 pontos, o grupo 2 obteve 56 pontos, o grupo 3 obteve 65 pontos, o grupo 4 obteve 58 pontos, o grupo 5 obteve 60 pontos e o grupo 6 obteve 60 pontos. Os resultados foram considerados bastante positivos. Revelam o trabalho efetuado na sala de aula e o envolvimento dos docentes de Estudo Acompanhado.

Na turma B, dos 7 grupos, apenas foram entregues dois trabalhos dos grupos 1 e 3 (Anexo VII) que obtiveram 56 e 32 pontos, respetivamente. Os trabalhos foram realizados nos tempos livres dos alunos, havendo nesta turma alunos muito heterogéneos no que se refere ao seu nível de aprendizagem e na forma como se empenham na realização das tarefas escolares. Os docentes de Estudo Acompanhado comentaram que nestes grupos havia alunos que se revelavam sempre empenhados em colaborar e em aprender.

Na turma C foram entregues cinco trabalhos. Não foi entregue o trabalho do grupo 4 porque não houve um bom entendimento na divisão das tarefas. Num total de 76 pontos, caso cumprissem todas as regras, o grupo 1 obteve 66 pontos, o grupo 2 obteve 61 pontos, o grupo 3 obteve 64 pontos, o grupo 5 obteve 64 pontos e o grupo 6 obteve 62 pontos.

Como foi referido anteriormente, na turma D, os alunos não realizaram esta parte prática da realização do trabalho de grupo, uma vez que os docentes não puderam disponibilizar-nos mais aulas de Estudo Acompanhado.

Conclusões

Nesta investigação as atividades centraram-se na divulgação do *Big6*, uma proposta da biblioteca escolar que os docentes de Estudo Acompanhado acolheram com agrado, e na divulgação e aplicação das regras para a apresentação e redação de um trabalho escrito.

Este trabalho serviu assim para um estudo prático sobre as literacias da informação, em contexto de trabalho colaborativo com os professores de Estudo Acompanhado. Ao longo das aulas o plano foi sendo alterado de acordo com as necessidades dos alunos (acrescentando-se informação sobre ferramentas do Word) e dos docentes (não havendo tempo para um segundo trabalho prático nem para a apresentação prática de um trabalho em PowerPoint).

Podemos avançar que uma das conclusões a retirar deste estudo é que as perceções existentes à partida, como sendo que os alunos sabem usar o Word, pode ser enganadora. Utilizam o computador sem receios, mas não retiram partido de todas as suas funcionalidades. Outra perceção era que os alunos iriam em primeiro lugar à BE para as pesquisas na Internet, mas a maioria respondeu que vai à BE para ler e consultar livros.

Alunos e docentes concordam com a importância do *Big6* como uma ferramenta que os apoia na organização de uma pesquisa e na resolução de problemas relacionados com informação. Contudo, ainda não se sente que alunos ou docentes utilizem com regularidade este modelo, apesar de, como apontámos, haver um conjunto de documentos disponíveis no espaço da Biblioteca, na plataforma Moodle, e de termos iniciado, no ano anterior a este estudo, algumas intervenções mais estruturadas sobre este tema.

A apresentação de outros guiões de apoio (que estão na plataforma Moodle) surgiu das necessidades sentidas, pelo que foram bem acolhidos, como foi o caso da redação de uma brochura para a criação de um e-book e do folheto *Como fazer uma apresentação*.

O que mais sentimos no final deste trabalho é que os alunos mostram maior entusiasmo e empenho quando as aprendizagens se apoiam nas TIC. Estão sedentos de saber e empenhados nas atividades.

Os docentes de Estudo Acompanhado que facultaram as suas turmas para esta divulgação do *Big6* mostraram interesse que a experiência se repetisse nos anos seguintes. Uma docente quis guardar todos os documentos para recordar e aplicar algumas das ferramentas do Word como, por exemplo, a criação do índice automático.

Contudo, não sentimos que os alunos tenham compreendido que poderão utilizar o *Big6* noutras situações: precisavam de mais exemplos práticos para o começarem a utilizar com “normalidade”; mas, sobretudo, que todos os docentes o referissem, solicitassem, aplicassem... nas várias disciplinas. Mais uma vez, se os docentes não orientarem os alunos na realização de trabalhos de pesquisa, nomeadamente com o recurso ao *Big6*, para que esses trabalhos correspondam aos princípios da literacia da informação, dificilmente iremos notar progressos significativos na aquisição de competências nesse domínio. Uma pequena percentagem pergunta na biblioteca escolar se emprestamos o documento que tem as regras para a elaboração de um trabalho escrito (está disponível no Moodle, na página das bibliotecas escolares). Os alunos precisavam de mais tempo para treino/realização das tarefas com apoio dos professores ou na BE, até serem autónomos na sua utilização.

Quando de faz a formação de utilizadores, os professores que acompanham as turmas vão ouvindo e verificámos que também vão aprendendo. Nestas circunstâncias não se pode referir falta de colaboração dos professores, existe boa vontade, mas não se pode ensinar algo que se desconhece, na linha do balanço efetuado por Glória Bastos (2011). O passo seguinte poderá passar pela visita do PB às reuniões de grupo disciplinares, onde poderá ser possível organizar-se a formação e prepararem-se algumas atividades, já que entretanto foi extinta a área de Estudo Acompanhado, que serviu de suporte ao estudo que realizámos.

Refira-se também que, para além das atividades previstas, se realizou um Bibliopaper para a turma C do 6.º ano a pedido de um docente de Estudo Acompanhado. Foi elaborado um guião com questões para que os alunos

encontrassem informação na BE. Um dos professores de Estudo Acompanhado levou as soluções e corrigiu os guiões com as respostas dos alunos. A segunda sessão serviu para esclarecimento das respostas e das dúvidas dos alunos, bem como de consolidação da atividade. A referência a esta atividade tem interesse, nesta fase de balanço sobre o nosso estudo, no sentido de comprovar que a colaboração é possível e que é importante alargar a nossa ação a outras situações, o que pretendemos vir a concretizar à medida também que sentimos abertura para a nossa intervenção e colaboração.

Segundo o documento da RBE que identifica três níveis de desenvolvimento da literacia da informação (cf. Quadro 3) colocaríamos a maioria dos alunos no nível inicial antes desta pequena formação. Neste momento, alguns alunos já se encontram num nível intermédio. Para que todos os alunos atinjam as características do nível avançado, referidas no mesmo documento de desenvolvimento da literacia de informação da RBE, todos os docentes deveriam orientar os alunos de forma a encorajá-los na utilização de múltiplas fontes de informação e suportes variados; estimulá-los na utilização de estratégias mais complexas de investigação; desafiar o pensamento crítico dos alunos; fazer feedback no processo de desenvolvimento do projeto; e induzir os alunos para a apresentação dos produtos finais com qualidade e recurso a diferentes suportes.

Contudo, considerámos que este nível avançado poderia ser a meta para o final do 3.º ciclo, mas também poderá depender da sua utilização transversal às diferentes disciplinas, de forma que os alunos compreendam que é uma aprendizagem que os irá ajudar ao longo da vida.

No manifesto da biblioteca escolar da IFLA/UNESCO podemos ler que “está comprovado que quando os bibliotecários e os professores trabalham em conjunto, os estudantes alcançam níveis mais elevados de literacia, leitura, aprendizagem, resolução de problemas e competências no domínio das tecnologias de informação e comunicação” (p. 1).

Assim, quando às questões para as quais nos propusemos encontrar uma resposta com esta investigação-ação:

- Como pode a biblioteca escolar articular com as atividades de sala de aula no sentido de promover o sucesso educativo dos alunos?

- Qual é a utilização que os alunos fazem da BE e como incrementar o uso de alguns elementos de apoio produzidos pela BE?

- A utilização do *Big6* na resolução de problemas relacionados com o tratamento da informação promove a autonomia dos alunos e melhora os trabalhos que estes realizam?

Respondemos que neste estudo não foi possível verificar a influência do que foi feito para o sucesso escolar dos alunos, no sentido de uma nota de final de período: apesar do que se possa fazer em Estudo Acompanhado ser transversal a todas as disciplinas, um trabalho prático e dois docentes empenhados não são suficientes para se influenciar a forma de pensar dos alunos para que aprendam a aprender. Contudo, estes resultados eram de alguma forma esperados, ou seja, todos os docentes terão que estar envolvidos, utilizando a BE com os seus alunos, orientando-os na pesquisa, nos resumos, na forma de citarem as fontes e de as citarem,...usando as novas tecnologias para o desenvolvimento do pensamento crítico com os alunos e preparando-os para a aprendizagem ao longo da vida, como foi referido na parte teórica.

Uma vez que deixou de existir o Estudo Acompanhado, o espaço da BE, no Moodle, poderá vir a ser útil para os alunos, se aí disponibilizarmos grelhas, guiões ou outros documentos que os apoiem nas suas tarefas escolares e os preparem para a sua vida futura. Mas é fundamental que os professores se empenhem no apoio pedagógico para que os alunos desenvolvam competências no campo das literacias da informação.

Poderemos pensar que nestes quatro anos de integração da BE da nossa escola na RBE, já se conseguiu que os alunos vejam a BE como um lugar onde encontram apoio para a pesquisa e a realização de trabalhos. Alguns professores também já solicitam a BE, mas ainda é insuficiente... o trabalho colaborativo ainda é escasso, mas há vontade por parte de alguns docentes e veremos se no futuro será possível concretizar um conjunto de ações estruturadas para um trabalho mais efetivo no desenvolvimento da literacia da informação.

Apesar dos docentes de Português serem os que mais solicitam os serviços da BE e os maiores incentivadores da leitura, de acordo com os *Programas de Português do Ensino Básico* ainda há muito a fazer no que respeita às orientações dadas para a gestão e o desenvolvimento curricular, das quais destacamos (para o 3º Ciclo):

O recurso à biblioteca escolar, tanto em articulação com o trabalho da sala de aula como livremente utilizada pelos alunos, integra-se numa prática inclusiva, que fomenta a autonomia e a disponibilidade para a aprendizagem ao longo da vida.

Pretende-se criar condições para o desenvolvimento amplo das diferentes competências, em particular da leitura em diferentes suportes e da literacia da informação.

As actividades e projectos realizados deverão ter em conta, p. ex.:

- i) O uso da biblioteca escolar para realizar trabalhos de pesquisa, com base em diferentes suportes de informação;
- ii) O uso da biblioteca escolar para desenvolver a leitura por interesse pessoal;
- iii) O uso da biblioteca para completar e aprofundar conhecimentos;
- iv) A articulação com actividades e com programas desenvolvidos pela biblioteca escolar, em várias áreas do saber. (2009, p. 52)

Ana Novo (2007), na sua revisão da literatura para um trabalho de investigação sobre as bibliotecas escolares das escolas portuguesas, no que diz respeito ao sucesso educativo dos alunos, citando Dias, refere que “a pesquisa efetuada [...] sobre o papel que a escola, as bibliotecas escolares e o bibliotecário escolar têm no sucesso escolar, afigura-se pouco significativa” (p. 59). Contudo, Ana Novo refere que a nível mundial existe “um variado leque de estudos [...] sobre bibliotecas e bibliotecários escolares, que concluem que estes melhoram o aproveitamento dos alunos e têm impacto no sucesso escolar e na aprendizagem no seu sentido mais lato” (p. 59). Estes estudos mostram que as BE que desenvolvem “programas de qualidade são um poderoso indicador de sucesso escolar” (p. 62). Só com a prática é que os alunos irão aprender e, preferencialmente, se utilizarem exemplos de vida ou muito aproximados à sua realidade.

O trabalho desenvolvido em Área de Projeto facilitaria a aplicação de ferramentas ou seria facilitadora para o trabalho colaborativo, sendo uma pena que se tenha perdido esta área. O Estudo Acompanhado, pelo menos no 5.º ano, facilitaria a

formação de utilizadores, embora também se possa considerar ainda a área de Formação Cívica, mas com menos tempo disponível.

Como nota final, queremos registar que é nossa intenção que a ação que temos vindo a desenvolver se possa consolidar, tendo este estudo constituído um capítulo importante nesse processo, pela possibilidade que nos deu de refletirmos de forma mais detalhada sobre um conjunto de elementos bibliográficos de suporte, mas também sobre algumas práticas que realizámos.

Referências bibliográficas

- Alçada, Isabel (coord.) *Plano Nacional de Leitura: relatório síntese*. Acedido a 18 de dezembro de 2012 em <http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/pnlv/uploads/relatoriosintese.pdf>
- ALIA, ASLA (2004). *Standards of professional excellence for teacher librarians*. Acedido a 18 de dezembro em http://www.alia.org.au/policies/teacher-librarian_standards.html <http://www.alia.org.au/policies/TLstandards.pdf>
- Azevedo, Fernando et al. (2009). *Modelos e práticas em literacia*. Lisboa: Lidel.
- b-on – biblioteca do conhecimento online*. Acedido a 23 de setembro de 2011 em http://www.b-on.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=199&Itemid=19&lang=pt
- Balça, Ângela e Fonseca, Maria Adelina (2012). Os docentes e a biblioteca escolar: uma relação necessária. *Revista Lusófona de Educação*, 20, 65-80. Acedido a 24 de agosto de 2012 em <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/viewFile/2938/2213>
- Bastos, Glória (2011). Collaboration or parallel worlds? Information literacy practices in Portuguese school libraries, *Proceedings of European Conference on Reading: Literacy and Diversity*. Mons: IDEC, 23-28. Acedido a 18 de dezembro de 2012 em <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/2142>
- Bell, Judith (2008). *Como realizar um projecto de investigação: Trajectos*. Lisboa: Gradiva. 4.^a ed.
- Biblioteca 2.0*. Acedido a 23 de setembro de 2011 em http://www.slideshare.net/ladonordeste/biblioteca-20-1439521?src=related_normal&rel=1216474
- Big6*. Acedido a 12 de setembro de 2010 em <http://www.big6.com/kids/> e em <http://www.big6.com/2002/05/31/the-big6-in-portuguese/>

Bond, Trevor (s/d). *The SAUCE process that facilitates pupils into inquiry learning, thinking and information literacy*. Acedido a 19 de dezembro de 2012 em <http://ictnz.com/author.htm>

Calixto, José António (1996). *A biblioteca escolar e a sociedade da informação*. Lisboa: Caminho.

Calixto, José António (ed.) (2007). *Ter ou não ter bibliotecário escolar: valor e impacto dos recursos humanos nas bibliotecas escolares*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Coelho, José Dias et al (1997). *Livro Verde para a Sociedade da Informação em Portugal*. Lisboa: Missão para a Sociedade da Informação / Min. da Ciência e da Tecnologia. Acedido a 18 de dezembro de 2012 em <http://www.acessibilidade.gov.pt/docs/lverde.htm>

Costa, António Firmino da (coord.) (2011). *Avaliação do plano nacional de leitura: os primeiros cinco anos*. Acedido a 18 de dezembro de 2012 em http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/PNLEstudos/uploads/ficheiros/avaliacao_externa_5_anos_de_pnl_cies.pdf

Das, Lourense H. (2008). Bibliotecas Escolares no século XXI: à procura de um caminho, *Newsletter RBE*, n.º 3. Acedido a 4 de setembro de 2012 em http://www.rbe.min-edu.pt/news/newsletter3/bib_sec_21.pdf Mais informação em <http://www.smd.meles.nl>

Delors, Jacques et al (1996). *Educação: um tesouro a descobrir*. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. Acedido a 12 de setembro de 2010 em http://www.dhnet.org.br/dados/relatorios/a_pdf/r_unesco_educ_tesouro_descobrir.pdf

Ferramentas da web 2.0 em bibliotecas. Acedido a 23 de setembro de 2011 em <http://www.slideshare.net/syrinpt/ferramentas-da-web-20-em-bibliotecas>

- Freire, Adelina (2007). *Biblioteca escolar e sala de aula. Intersecção de duas realidades através do trabalho colaborativo. Estudo numa escola secundária*. Dissertação de Mestrado em Gestão da Informação e Bibliotecas Escolares. Lisboa: Universidade Aberta. Acedido a 6 de janeiro de 2013 em <http://hdl.handle.net/10400.2/577>
- Freixo, Manuel João Vaz (2009). *Metodologia científica: fundamentos, métodos e técnicas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Fritz, John M. (2004) Extra! Extra! Read All About It! Meet your program goals with a school newspaper. *Bowriding: The Online Journal of Key Ideas in Teaching, Learning, and Libraries*. Vol 2, Issue 2, Fall 2004. Acedido a 11 de março de 2010 em <http://virtualinquiry.com/course/projects/bowriding/fritzpr2.pdf>
- Grazier, Margaret Hayes (1979). The curriculum consultant role of the school library media specialist. *Library Trends*, 263-279. Acedido a 11 de março de 2010 em http://www.ideals.illinois.edu/bitstream/handle/2142/7086/librarytrendsv28i2l_opt.pdf?sequence=1
- Hague, Cassie e Payton, Sarah (2010). *Digital literacy across the curriculum*. Futurelab Acedido a 13 de outubro de 2012 em http://www2.futurelab.org.uk/resources/documents/handbooks/digital_literacy.pdf
- Haycock, Ken (2004). What works - Research About Collaboration. *Teacher Librarian*, Volume 31, Number 3, February 2004.
- Herring, James E. (1997). *Information skills: the PLUS approach – a view from the UK. 63rd IFLA General conference*. Scotland. Acedido a 21 de dezembro de 2009 em <http://ifla.queenslibrary.org/IV/ifla63/63herj.htm>

- IFLA/FAIFE. (2002). *Manifesto sobre Internet*. Glasgow: Sida. Acedido a 12 de dezembro de 2012 em <http://www.ifla.org/files/assets/faife/publications/policy-documents/internet-manifesto-pt.pdf>
- IFLA/UNESCO (2002). *Directrizes da IFLA/UNESCO para Bibliotecas Escolares*. Versão em português (Portugal), 2006, trad. Maria José Vitorino. Acedido a 28 de outubro de 2011 em <http://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/SchoolLibraryGuidelines-pt.pdf>
- IFLA/UNESCO. *Manifesto da biblioteca escolar*. Acedido a 31 de outubro de 2011 em <http://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/portug.pdf>
- Internacional Reading Association*. Acedido a 5 de setembro de 2011 em <http://www.reading.org/General/Default.aspx>
- Kuhlthau, Carol C. (1993). Implementing a Process Approach to Information Skills: A Study Identifying Indicators of Success in Library Media Programs. *School Library Media Quarterly*, vol 22, no. 1: 11–18. Acedido a 11 de janeiro de 2013 em <http://www.ala.org/aasl/aaslpubsandjournals/slmrb/editorschoiceb/infopower/slctkuhlthau1>
- Léssard-Hébert, Michelle (1996). *Pesquisa em educação*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Lonsdale, Michele (2003) *Impact of School Libraries on Student Achievement: a Review of the Research Report for the Australian School Library Association ACER (Australian Council for Educational Research)*. Acedido a 11 de janeiro de 2013 em <http://www.asla.org.au/site/defaultsite/filesystem/documents/research.pdf>
- Maness, Jack M. (2007) *TEORIA DA BIBLIOTECA 2.0: Web 2.0 e suas implicações para as bibliotecas* [Inf. & Soc.: Est., João Pessoa, v.17, n.1, p.44-55, jan./abr. 2007]. Acedido a 11 de janeiro de 2013 em <http://joademeira.wikispaces.com/file/view/MANESS,+Jack,+Teoria+da+Biblioteca+2.0-Web+2.0+e+suas+implicacoes+para+as+Bibliotecas+F.pdf>

- Manguel, Alberto (2007). *Cómo Pinocho aprendió a leer*. In José António Calixto (Ed.), *Ter ou não ter bibliotecário escolar; valor e impacto dos recursos humanos nas bibliotecas escolares*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 25-34.
- Milbury, Peter (2005). *Collaboration: ten important reasons to take it seriously*. Acedido a 11 de janeiro de 2013 em <http://www.ala.org/aasl/aaslpubsandjournals/knowledgequest/kqwebarchives/v33/335milbury>
- Montiel-Overall, Patricia (2005). *Toward a theory of collaboration for teachers and librarians*. Acedido a 11 de janeiro de 2013 em <http://www.ala.org/aasl/aaslpubsandjournals/slmrb/slmrcontents/volume82005/theory>
- Morin, Edgar (2002). *Os sete saberes para a educação do futuro*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Na Web 2. Um olhar português da Web 2.0 e do software social*. Acedido a 23 de setembro de 2011 em <http://naweb2.com/observatorio-web20-portugal/>
- NFIL, UNESCO e IFLA, (2003). *Definitions, standards, and competencies related to information literacy* (National Forum on Information Literacy). Acedido a 16 de dezembro de 2009 em <http://bibliotecamm.wikispaces.com/file/view/definitionsliteracy.pdf> e <http://www.ala.org/acrl/standards/informationliteracycompetency>
- Novo, Ana (2007). *Bibliotecário escolar, biblioteca e sucesso educativo: uma revisão da literatura*. In José António Calixto (Ed.), *Ter ou não ter bibliotecário escolar: valor e impacto dos recursos humanos nas bibliotecas escolares*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 51-70.
- OSLA (2010). *Together for Learning School Libraries and the Emergence of the Learning Commons: A vision for the 21st century*. Acedido a 11 de janeiro de

2013 em

http://www.accessola.com/data/6/rec_docs/677_olatogetherforlearning.pdf

Portaria nº 756/2009 de 14 de julho.

Proença, João Paulo da Silva (2012). *Biblioteca Escolar e Web 2.0 – Questões em torno de algumas práticas em implementação e percepção do impacto no trabalho da Biblioteca*. Dissertação de Mestrado em Gestão da Informação e Bibliotecas Escolares. Lisboa: Universidade Aberta. Acedido a 18 de dez de 2012 em <http://hdl.handle.net/10400.2/2149>

Ramos, Maria Raquel M. O. (2011). *As novas tecnologias na biblioteca escolar ao serviço da promoção da leitura recreativa*. Dissertação de Mestrado em Gestão da Informação e Bibliotecas Escolares, Lisboa: Universidade Aberta. Acedido a 18 de dezembro de 2012 em <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/2035>

RBE (2008) *Modelo elaborado da literacia da informação*. Acedido a 31 de outubro de 2011 em <http://rbe3.addition.pt/np4/117.html>

RBE (2011). *Modelo de avaliação da biblioteca escolar*. Acedido a 31 de outubro de 2011 em <http://www.rbe.min-edu.pt/np4/np4/?newsId=83&fileName=mabe.pdf>

RBE (2011). *Para uma gestão integrada da biblioteca escolar do agrupamento – orientações*. Acedido a 30 de outubro de 2011 em http://rbe.min-edu.pt/np4/np4/?newsId=36&fileName=gestao_be_v2.pdf

RBE. *Desenvolvimento da literacia da informação*. Acedido a 31 de outubro de 2011 em <http://rbe3.addition.pt/np4/?newsId=115&fileName=desenvolvimentoliteracia.pdf> (Quadro 1).

RBE. *Porquê a literacia da informação?* Acedido a 31 de outubro de 2011 em <http://rbe3.addition.pt/np4/116.html>

- Reis et al (2009). *Programas de Português do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação, DGIDC. Acedido a 12 de janeiro de 2013 em <http://www.dgicd.min-edu.pt/ensinobasico/index.php?s=directorio&pid=47>
- Rigolet, Sylvanie A. (2009). *Ler livros e contar histórias a crianças – como formar leitores activos e envolvidos*. Porto: Porto Editora.
- Rodrigues, Maria do Céu Gomes Dias (2010). *Estratégias para demonstrar o valor da biblioteca escolar e obter colaboração: um estudo numa escola secundária com 3º Ciclo*. Dissertação de Mestrado em Gestão da Informação e Bibliotecas Escolares. Lisboa: Universidade Aberta. Acedido a 28 de outubro de 2011 em <http://hdl.handle.net/10400.2/1706>
- Santos, Maria Lucília Marques dos (2010). *Bibliotecas escolares: que colaboração? O trabalho colaborativo entre o professor bibliotecário e os professores. Estudo de caso*. Acedido a 6 de janeiro de 2013 em <http://hdl.handle.net/10400.2/1574>
- Silva, Carina da Conceição souza da Silva (2007). *A literacia da informação*. Acedido a 23 de setembro de 2011 em <http://literaciadainformacao.web.simplesnet.pt/Ficheiro/Versao%20impressa%20do%20tema%20a%20literacia%20da%20informacao.pdf>
- Small, Ruth (2002A). Collaboration: Where Does It Begin? *Teacher Librarian*, June 2002; 29(5). Acedido a 15 de novembro de 2009 em http://www.teacherlibrarian.com/tlmag/v_29/v_29_5_feature.html
- Small, Ruth (2002B). *Developing a Collaborative Culture*. School Library Media Research, Best of ERIC. Acedido a 15 de novembro de 2009 em <http://www.ala.org/aasl/SLMR/eric.html>
- Teaching Ideas*. Acedido a 31 de outubro de 2011 em <http://www.teachingideas.co.uk/>

- Todd, Ross (2001). *Transitions for preferred futures of school libraries*. IASL Conference Auckland, Nova Zelândia, 9-12 Julho. Acedido a 11 de março de 2010 em <http://www.iasl-online.org/events/conf/virtualpaper2001.html>
- Todd, Ross (2002). *School librarian as teachers: learning outcomes and evidence-based practice*. 68th IFLA Council and General Conference August. Acedido a 20 de agosto de 2008 em <http://www.ifla.org/IV/ifla68/papers/084-119e.pdf>
- Todd (2006). *It's all about getting 'A's*. Acedido a 18 de janeiro de 20013 em <http://www.cilip.org.uk/publications/updatemagazine/archive/archive2006/january/toddjan06.htm>
- Tomé, Maria da Conceição e Bastos, Glória (2009). *A biblioteca escolar e o desafio da literacia da informação*. In M. L. Dionísio; J. A. Brandão de Carvalho; R. V. Castro (eds.) - *Discovering Worlds of Literacy*. Proceedings of the 16th European Conference on Reading and 1st Ibero-American Forum on Literacies. Braga: Littera/CIED [da] Universidade do Minho, 2009. ISBN 978-989-96548-0. p. 1-11 Acedido a 24 de agosto de 2012 em <http://hdl.handle.net/10400.2/2141>
- UNESCO. *Workshop on Development of Information Literacy through School Libraries in South-East Asian Countries* on 18-20 October 2004 in Bangkok. Acedido a 30 de maio de 2010 em <http://www2.unescobkk.org/elib/publications/06INF/information.pdf>
- Veiga, Isabel et al (1996). *Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares*. Lisboa: M.E. Acedido a 23 de setembro de 2011 em <http://www.rbe.min-edu.pt/np4/94.html>
- Web 3.0*. Acedido a 23 de setembro de 2011 em <http://naweb2.com/observatorio-web20-portugal/>
- Williams, Dorothy e Wavell, Caroline (2001). *The impact of the school library resource centre on learning*. The Robert Gordon University. Acedido a 11 de março de 2010 em <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.129.471&rep=rep1&type=pdf>

Wray, David e Lewis, Maureen (1997). *Extending interactions with non-fiction texts: An exit into understanding*. Acedido a 9 de novembro de 2012 em <http://homepages.warwick.ac.uk/staff/D.J.Wray/exel/exit.html>

Wray, David e Lewis, Maureen et al (1998). *Science and literacy: A guide for primary teachers*. London: Collins Educational. Acedido a 18 de dezembro de 2012 em <http://www.nationalstemcentre.org.uk/dl/25892777c9c7100b5085e68a5993e50784cda9cf/17352-Nuffield%20SPACE%20Series%3B%20Science%20and%20literacy%20a%20guide%20for%20primary%20teachers%20-%20redacted.pdf>

Zélia Maria Delgado da Silva (2011). *A Web 2.0 nas Bibliotecas Escolares*. Dissertação de Mestrado em Gestão da Informação e Bibliotecas Escolares. Lisboa, Universidade Aberta. Acedido a 12 de janeiro de 2013 em <http://hdl.handle.net/10400.2/2102>

Zmuda, Allison G. e Harada, Violet (2008). *Reframing the library media specialist as a learning specialist*. Acedido a 12 de setembro de 2010 em <http://www.schoollibrarymonthly.com/articles/Zmuda&Harada2008v24nn8p42.html>

ANEXOS

Anexo I – Documentos de 2009/2010

Horário da visita à biblioteca escolar - 9 a 13 de novembro

Ano letivo 2009/2010		Estudo Acompanhado						2.º e 3.º Ciclos		
Horas	2ª Feira	Sala	3ª Feira	Sala	4ª Feira	Sala	5ª Feira	Sala	6ª Feira	Sala
08.30-09.15										
09.25-10.10			5.º C	6						
10.10-10.55	6.º B	11	6.º C	11	5.º A	8			5.º D	EV12
11.10-11.55										
11.55-12.40										
14.00-14.45							6.º A	11		
14.45-15.30	8.º B	ST1					7.º A	9		
15.45-16.30	7.º B	7	8.º A	CG11			5.º B	6	9.º A	7
16.30-17.15										

Apresentação do PowerPoint «Visita à biblioteca escolar».

Objetivos desta atividade:

- Promover hábitos de frequência e utilização da BE.
- Tomar conhecimento de algumas normas de funcionamento da BE.
- Desenvolver competências de informação, necessárias à busca, tratamento e produção de informação.
- Encorajar o manuseamento de diversos equipamentos.
- Identificar as diversas zonas funcionais da BE.
- Conhecer a forma de organização dos documentos.
- Desenvolver a autonomia, o espírito crítico e hábitos de trabalho individual e coletivos.
- Ouvir ler.
- Promover o gosto e hábitos de leitura.
- Recolher alguns dados gerais sobre as visitas à BE.

Esta atividade é realizada na Biblioteca, durante 45min. de **Estudo Acompanhado**, sendo os alunos acompanhados pelos respetivos professores, no horário acima marcado. Esta **calendarização pode ser alterada** desde que não coincida com a visita de outra turma.

A professora bibliotecária apresenta um PowerPoint em que os alunos participam. No final, há um pequeno questionário que será respondido oralmente.

_____, 4 de novembro de 2009

Plano de apresentação do *Big6*

Título	- <i>Como redigir e apresentar um trabalho escrito</i> - <i>Big6</i> - seis passos para a resolução de problemas relacionados com informação	Tipo	Apoio curricular na redação e apresentação de trabalhos escritos
--------	---	------	--

Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Promover o trabalho colaborativo entre os professores de Estudo Acompanhado e a BE. ▪ Fornecer aos alunos bases de trabalho para redigirem e apresentarem trabalhos escritos. ▪ Desenvolver a autonomia, o espírito crítico e hábitos de trabalho individual e coletivos. ▪ Desenvolver competências de informação, necessárias à busca, ao tratamento e à produção de informação. ▪ Dar a conhecer o <i>Big6</i>. ▪ Conhecer os documentos de apoio que existem na plataforma. ▪ Executar um exercício de treino. ▪ Redigir e apresentar um trabalho de acordo com os documentos de apoio apresentados.
-----------	---

Participantes	Agrupamento: EBI de _____ (sede)	Nível: 2.º e 3.º ciclos (grupo turma)
Características		

Tempo	Duração: 90 min + ?	Período: início do 3.º período
-------	---------------------	--------------------------------

Recursos	Lugar: na sala de aula
	Profissional: Professores de Estudo Acompanhado e professora bibliotecária
	Materiais: Documentos da plataforma Moodle: <i>Como redigir e apresentar um trabalho escrito; Big6</i>
	Outros: Computadores com ligação à Internet

Desenvolvimento	<p>1.º Análise do PowerPoint «<i>Como redigir e apresentar um trabalho escrito; Big6</i> - seis passos para a resolução de problemas relacionados com informação»:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Apresentação da página do agrupamento e da plataforma Moodle, para acesso à disciplina da Biblioteca Escolar; - Apresentação dos documentos na disciplina da BE; - Apresentação dos seis passos do <i>Big6</i>, acompanhados por um exemplo de trabalho sobre o azevinho; - No ponto 5, do <i>Big6</i>, apresentação do documento com as normas de redação e apresentação de um trabalho escrito; <p>2.º Apresentar algumas dicas do Word, se for necessário;</p> <p>3.º Os alunos escolhem um tema, formam grupos de trabalho e iniciam a preparação de um documento seguindo os passos apresentados.</p>
-----------------	--

Dificuldades	
Análise	<ul style="list-style-type: none"> – Verificar o grau de participação dos alunos na atividade. – Correção dos trabalhos finais.

_____, 12 de abril de 2010

.....

Apresentação do documento *Big6* com um exemplo.

Os seis passos essenciais

1. Definição da tarefa

1.1 Defina o problema

O que devo fazer?

Pesquisar sobre o azevinho.

1.2 Identifique as informações necessárias

Que informação necessito para fazer isto? (Fazer uma lista de perguntas.)

Como é? (Descrição)

Como cresce? (Reprodução)

Onde existe? (Distribuição)

2. Estratégias de busca da informação

2.1 Considere todas as fontes possíveis

A que fontes devo aceder para encontrar esta informação?

Livros (CDU 5)

Enciclopédias

Internet:

Sítios sobre plantas, áreas e parques protegidos.

2.2 Selecione as melhores fontes

Livros, enciclopédias

Se usar páginas eletrónicas, como posso saber se elas são fiáveis?

Sítios de organizações bem identificadas.

3. Localização e acesso

3.1 Localize as fontes

Onde posso encontrar estas fontes? Bibliotecas, Internet, disponibilizadas pelos professores, outros...

Biblioteca:

Azevinho, a fadazinha do Natal de Daisy MEADOWS
Nova Enciclopédia Portuguesa, vol. 2, CIL Alfragide, 1996, p. 232



«Azevinho — Nome vulgar da *Ilex aquifolium* L., planta da família das Aquifoliáceas. Tem folhas verde-escuras, brilhantes e armadas de espinhos, flores brancas, e o fruto maduro, uma drupa, é vermelho-vivo. Utiliza-se muito em decorações de Natal. A madeira emprega-se em marcenaria.»

Tola, José, *Grande Enciclopédia das Ciências: Botânica*, CIL, Alfragide, 1998. p. 48-49

Refere «Plantas medicinais e plantas venenosas». 48 e «O cozimento de folhas de azevinho, (*Ulex aquifolium*) tem propriedades diuréticas e laxativas.» p. 49

Howell, Laura et al. *Enciclopédia da Ciência – O Mundo das Plantas*. Porto Editora: Porto. 2003 p. 29 tem links para a net:

<http://hcs.osu.edu/hort/plantlisting/>

Atlas básico de botânica, Didáctica editora: Lisboa 2004 p. 31

Internet

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Azevinho>

http://arvoresdeportugal.free.fr/Mapa_do_Sitio/Mapa_do_Sitio.htm

<http://arvoresdeportugal.free.fr/IndexArborem/Ficha%20AzevinhoIlexaquifolium.htm>

3.2 Recuperar as informações nas fontes localizadas

Quem me pode ajudar? Sozinho, equipa da biblioteca, professores, pais...

4. Uso da informação

4.1 Consulte (leia, ouça, olhe, toque)

Como posso registar a informação que encontro? Tirar notas (usando fichas, blocos, processador de texto, quadros, gráficos, ilustrações, gravar em áudio ou vídeo...

4.2 Extraia as informações relevantes

Como posso referir as minhas fontes? Usar guias dados pelos professores, usar o guia da plataforma...

Seguir as regras para as citações...

5. Síntese

5.1 Organize as informações extraídas das diversas fontes

5.2 Apresente o resultado

Como posso mostrar os resultados? Texto escrito, apresentação oral, apresentação multimédia, representação (dramatização de textos) ...
Como vou valorizar as minhas fontes na apresentação do produto final?
Incluir uma bibliografia escrita ou oral...

Material que vou precisar para a minha apresentação ou representação.
Quanto tempo necessito para encontrar a informação e criar o produto final?

Tempo previsto para a realização do trabalho:

- Ideias para o projeto (definição de tarefas) realizadas por...
- Pesquisa de informação (tirar notas) realizada por...
- Tempo previsto para elaborar o primeiro esquema...
- Tempo previsto para a realização do trabalho final...

Incluir qualquer informação adicional para a realização do trabalho com sucesso.

6. Avaliação

6.1 Julgue o resultado (eficácia)

6.2 Julgue o processo (eficiência)

Como posso saber se o que fiz foi o melhor?

O que fiz para realizar este trabalho foi correto, de acordo com as normas do Guião (*Big6*)

A informação que encontrei no ponto 4 (utilização da informação), corresponde às necessidades identificadas no ponto 1 (definição da tarefa)

Citei corretamente as minhas fontes, de acordo com as orientações do professor

O meu trabalho está organizado e bem apresentado

O meu trabalho está completo e inclui títulos (nome, data, etc.)

Vou sentir-me orgulhoso se alguém vir este trabalho

Documento “Como redigir e apresentar um trabalho escrito»

COMO REDIGIR E APRESENTAR UM TRABALHO ESCRITO

OUTUBRO 2009

TRABALHOS ESCRITOS



Realizar trabalhos escritos é uma das tarefas mais comuns que vais realizar ao longo do teu percurso escolar.

Após teres escolhido o tema adequado e teres feito o necessário trabalho de pesquisa, tens pela frente uma das tarefas mais importantes: redigir o trabalho e preparar a sua apresentação.

Este guia pretende fornecer-te indicações sobre a redacção e apresentação de TRABALHOS ESCRITOS.

Nota prévia: não te esqueças que um trabalho escrito não deve ser confundido com uma cópia ou um decalque de textos lidos em livros ou retirados de sítios da Internet.

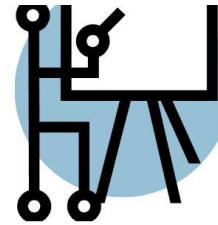
Eis algumas sugestões que deves ter em conta quando redigires o trabalho...

- Nunca utilizes termos ou conceitos sem os definires.
- Constrói frases curtas.
- Procura que cada parágrafo corresponda apenas a uma ideia.
- Espaça as linhas, sem exagerar, a fim de faci-

tar a leitura.

- Utiliza o itálico ou o sublinhado para os seguintes casos: títulos (de livros, filmes, canções, peças de teatro e obras de arte) palavras estrangeiras, frases ou palavras que queiras evidenciar.

De um modo geral, um trabalho escrito deverá conter por esta ordem: **capa, folha de rosto, sumário, introdução, desenvolvimento, conclusão, bibliografia e anexos (facultativo).**



Redigir e apresentar um trabalho escrito.



CAPA



- A capa é a primeira imagem que surge associada ao teu trabalho.
- A capa deve conter: o **nome da escola, o título do trabalho, o nome da disciplina, a identificação do aluno** — nome, ano, turma,

número) e o ano lectivo.

No ponto 4, (última página) encontra-se o tamanho e o tipo de terá aconselhados para todo o trabalho. O título pode ser ao gosto de cada um, com o tamanho 18.

- Pode ainda conter desenhos, gravuras ou fotografias alusivas ao seu conteúdo.



Figura 2

COMO REDIGIR E APRESENTAR UM TRABALHO ESCRITO**FOLHA DE ROSTO**

É a folha que vem logo depois da capa e apresenta uma identificação mais detalhada sobre o trabalho, nomeadamente:

- o nome da escola, a disciplina a que se destina o trabalho e o nome do professor;
- o título do trabalho;
- o nome do(s) autor(es), ano, turma e número;
- local e data.

**SUMÁRIO** (ANTERIORMENTE CHAMADO ÍNDICE)

- Aqui são numerados todos os títulos e subtítulos que utilizaste ao longo do trabalho.
- Deves indicar a página correspondente a cada um, de acordo com a paginação geral do trabalho, iniciada na página de rosto que corresponde à página 1.

INTRODUÇÃO

- Na introdução, deve apresentar-se:
 - o tema que se vai tratar;

- a razão por que se escolheu esse tema;
- o que se deseja desenvolver;
- o percurso e os métodos utilizados.

**DESENVOLVIMENTO**

- O desenvolvimento, ou corpo do trabalho, é a sua parte central.
- Baseia-se nas informações recolhidas e deve ser redigido em texto, de forma lógica e coerente.
- Podes dividi-lo em várias partes (capítulos ou subcapítulos) e ilustrá-lo com fotografias, esquemas, desenhos, gráficos...
- Organiza a informação de forma lógica e coerente.
- Podem ser feitas citações dos autores consultados. As citações devem ser curtas e estar bem destacadas entre aspas. Deves utilizar notas de rodapé, sempre que precisares de fazer algum esclarecimento.

Figura 3
COMO REDIGIR E APRESENTAR UM TRABALHO ESCRITO



CONCLUSÃO

Na conclusão, deves apresentar uma síntese do assunto desenvolvido anteriormente. Podes dar uma visão pessoal, referir as dificuldades sentidas. Não deves, contudo, repetir o que já foi dito anteriormente.



BIBLIOGRAFIA

Como apresentar uma referência bibliográfica

Último nome do autor, Primeira inicial e iniciais dos outros nomes, *Título do livro: subtítulo*. Local da publicação: Editora, Ano da publicação. p.

Exemplos:

Livro de um só autor:

Camões, L., *Os Lusíadas*. Porto: Figueirinhas, 1978

Livro de dois autores

Cunha, C. e Cintra L., *Breve gramática do Português contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1996. p.6-9



Documentos electrónicos

Último nome do autor, iniciais dos outros nomes, *Título*. Data. URL. Data de acesso.

Exemplos:

Livro

Sim-Sim, Inês, *A Língua Materna na Educação Básica: competências nucleares e níveis de desempenho*. 1997 <http://www.dgicd.min-edu.pt> [acedido em 11 de Fevereiro de 2008]

Documento isolado

Declaração Política da IASL sobre Bibliotecas escolares. Disponível em <http://www.rbe.min-edu.pt> [acedido em 11 de Fevereiro de 2008]

ANEXOS

Podemos considerar outros documentos os mapas, as gravuras, as fichas inquéritas, gráficos e fundamentar as afirmações registadas ao longo do trabalho. Podem ser utilizados para complementar, enriquecer e



Figura 4
COMO REDIGIR E APRESENTAR UM TRABALHO ESCRITO

APRESENTAÇÃO DO TRABALHO

A apresentação do trabalho também será um item a avaliar, por isso, é fundamental que este tenha bom aspecto.

1. Cabeçalho e rodapé

Utilizamos estes elementos para identificar as páginas do trabalho. No cabeçalho, coloca-se o nome da escola assim como o do trabalho e, no rodapé, registamos o nome do(s) autor(es) do referido trabalho, a data e o nº da página.

2. Paginação

A paginação tem início na folha de rosto, mas esta só aparece a partir da introdução.

O número da página pode ser inserido em qualquer canto do lado direito da folha, mas o mais utilizado é o canto inferior direito.

3. Notas de Rodapé

Estes registos são úteis, quando queremos chamar a atenção do leitor para determinado facto. Geralmente, utiliza-se para associar Anexos ao texto ou para fazer uma referência bibliográfica a uma citação utilizada no texto.

4. Lettering

Os tipos de letra mais utilizados devem ser simples, como o Arial ou Times New Roman. O tamanho da letra do corpo de texto deverá ser 12 e nos títulos podes utilizar 14. Justifica o texto à esquerda e à direita. Utiliza o itálico, o sublinhado ou o negrito para realçar



res determinadas palavras que queiras chamar a atenção, mas sem exagerar.

5. Espaçamento entre linhas

Para que o texto possa ter melhor apresentação deves utilizar o espaçamento entre linhas de 1,5.

6. Margens

O lado esquerdo da folha deve ter sempre espaço suficiente para a encadernação, logo as medidas recomendadas são:

Margem superior: 2,5cm

Margem inferior: 2,5 cm

Margem da direita: 2,5 cm

Margem da Esquerda: 2,5 cm



7. Formato

O formato ideal é o A4 vertical.

Bem, agora só precisas de imprimir e encadernar o teu trabalho!



Anexo II – Síntese das atividades realizadas em 2010/2011

Mês	Turma/(nº de sessões de 45 min)	Resumo das atividades (de 15 de novembro de 2010 a 30 de maio de 2011)
Novembro	5º C (2) 5º A (2) 5º B (2)	Apresentação do PowerPoint «Visita à biblioteca». Os alunos responderam ao questionário A de braço no ar. 14 alunos requisitaram livros para leitura domiciliária.
Dezembro	5º D (1)	Apresentação do PowerPoint «Visita à biblioteca». Os alunos responderam ao questionário A de braço no ar. 3 alunos requisitaram livros para leitura domiciliária.
	5º B (1)	Apresentação do PowerPoint «Como redigir e apresentar um trabalho escrito; <i>Big6</i> — seis passos para a resolução de problemas relacionados com informação»
Janeiro	5º C (4) AP	Apresentação do Guia para a criação de livros digitais.
	5º A (6)	Apresentação do PowerPoint «Como redigir e apresentar um trabalho escrito; <i>Big6</i> — seis passos para a resolução de problemas relacionados com informação». Aplicação do <i>Big6</i> : 1. Início do trabalho de grupo “À descoberta do escritor”: formação de 7 grupos. Definição da tarefa Qual o autor? Nome/pseudónimo Profissão Ano de nascimento e ano da morte Local de nascimento (naturalidade) Obras do autor A(s) nossa(s) obra(s) preferida(s) Obras na Biblioteca Escolar 2. Estratégias de busca de informação Livros e Internet 3. Localização e acesso Biblioteca

AP — Sessão extraordinária em Área de Projeto.

Janeiro		4. Uso da informação Criar uma pasta “À descoberta do escritor” identificando o grupo de trabalho, para as notas, as referências e imagens encontradas ao longo da pesquisa. Sugestões: Anne Frank Ana Bola Sophia de Mello Breyner Andresen António Mota Eça de Queiroz António Feio António Torrado Matilde Rosa Araújo José Saramago José Rodrigues dos Santos Luís de Camões
---------	--	---

		<p>Isabel Alçada</p> <p>Os alunos foram realizando a capa e a folha de rosto, tendo redigido a introdução, começaram o capítulo utilizando as pesquisas já efetuadas.</p> <p>Também nesta turma alguns alunos mostram dificuldades em seguir as regras. Começam a fazer sem reverem o documento com as regras.</p>
	5º C (4)	<p>Apresentação do PowerPoint «Como redigir e apresentar um trabalho escrito; <i>Big6</i> — seis passos para a resolução de problemas relacionados com informação».</p> <p>Início do trabalho de grupo “Biografias de autores portugueses”.</p> <p>Grupo 1 – Luís Vaz de Camões Grupo 2 – António Mota Grupo 3 – António Torrado Grupo 4 – Luísa Ducla Soares Grupo 5 – Ana Maria Magalhães Grupo 6 – Alice Vieira</p> <p>1. Definição da tarefa Biografias de autores portugueses Nome completo (pseudónimo) Data de nascimento e morte Local de nascimento (naturalidade) Profissão Obras do autor Obras do autor que existem na Biblioteca escolar (BE) Facultativo: a nossa obra preferida</p> <p>2. Estratégias de busca de informação Biblioteca, Internet</p> <p>3. Localização e acesso CDU classe 8 – Literatura</p> <p>4. Uso da informação</p>

Janeiro		<p>Os alunos foram realizando a capa e a folha de rosto no Word, tendo redigido a introdução e começaram o capítulo utilizando as pesquisas já efetuadas.</p> <p>Alguns alunos revelam dificuldades em seguir as normas propostas para a redação dos trabalhos: pretendem escrever tudo (na capa) em maiúsculas, ou utilizarem quer o tipo de letra quer o tamanho que mais lhes agrada. Ficam sem saber o que fazer quando repito que não podem simplesmente colar os textos pesquisados na Internet.</p>
---------	--	--

	5º B (3)	<p>Apresentação do Moodle (novo endereço). Início do trabalho de grupo: “Matemáticos famosos”. Este trabalho será continuado nos tempos livres dos alunos. “Matemáticos famosos”</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Definição da tarefa Pesquisar a biografia de um matemático: Nome Data de nascimento e morte Local de nascimento (naturalidade) Nacionalidade (país de origem) Contributo científico (que fez) Foto Imagem da descoberta (facultativos) 2. Estratégias de busca de informação Livro “Pensa num número” CDU 5 Internet 3. Localização e acesso Biblioteca 4. Uso da informação Pasta: matemáticos famosos grupo número Sugestões: <table style="width: 100%; border: none;"> <tr> <td style="width: 50%;">Ahmose</td> <td style="width: 50%;">Al Khwarizmi</td> </tr> <tr> <td>6-Pitágoras</td> <td>2-Fibonacci</td> </tr> <tr> <td>Euclides</td> <td>4-Galileu</td> </tr> <tr> <td>1-Arquimedes</td> <td>Kepler</td> </tr> <tr> <td>Eratóstenes</td> <td>7-Descartes</td> </tr> <tr> <td>Fermat</td> <td>Pascal</td> </tr> <tr> <td>Newton</td> <td>3-Euler</td> </tr> <tr> <td>Gauss</td> <td>5-Einstein</td> </tr> </table> <p>Os números são do grupo de trabalho.</p> <p>Alguns alunos mostraram os seus trabalhos e verificámos que faltavam alguns pormenores. Assim, projetámos o trabalho de um dos grupos e, todos juntos, fomos verificando o que faltava. No exemplo apresentado, faltava no nome da escola, o ano letivo e</p>	Ahmose	Al Khwarizmi	6-Pitágoras	2-Fibonacci	Euclides	4-Galileu	1-Arquimedes	Kepler	Eratóstenes	7-Descartes	Fermat	Pascal	Newton	3-Euler	Gauss	5-Einstein
Ahmose	Al Khwarizmi																	
6-Pitágoras	2-Fibonacci																	
Euclides	4-Galileu																	
1-Arquimedes	Kepler																	
Eratóstenes	7-Descartes																	
Fermat	Pascal																	
Newton	3-Euler																	
Gauss	5-Einstein																	
Janeiro		<p>a folha de rosto. O texto apresentado sobre Albert Einstein apresentava várias páginas copiadas da Internet. Entre as várias dúvidas surgidas pelos alunos, mostravam dificuldades na justificação do texto, na inserção do cabeçalho e do rodapé. Assim, combinámos que, para a semana, os alunos iriam dispor de computadores e todos iriam rever estes aspetos nos seus trabalhos.</p>																
	5º D (2) AP	<p>Apresentação do desdobrável sobre os livros digitais em Área de Projeto. Para a divulgação de um livro de receitas.</p>																
	5º D (1)	<p>Apresentação abreviada do PowerPoint «Como redigir e apresentar um trabalho escrito; <i>Big6</i> — seis passos para a resolução de problemas relacionados com informação».</p>																

		Apresentaram-se dois trabalhos, e a turma foi identificando omissões, de acordo com os documentos do Moodle.
Fevereiro	5º A (2)	Continuação do trabalho de grupo. Questionário B. Correção do trabalho do grupo 3: os alunos foram sugerindo algumas correções: evitar a utilização de vários tipos de letra; justificado... Cabeçalho e rodapé. Pedidos aos enc de edu para a criação de e-mail. Inserir número de página.
	5º B (1)	Elaboração do índice automático nos trabalhos.
	5º C (3)	Continuação do trabalho de grupo. Conclusão dos trabalhos de grupo “Biografia de um autor...” Conforme os grupos terminavam, dirigiam-se à biblioteca escolar para aí localizarem os livros do autor selecionado e identificavam alguns dos títulos referidos no trabalho.
	5º D (1)	Revisão dos trabalhos de CN concluídos, tendo por base as regras apresentadas anteriormente. Os alunos conseguiram identificar as faltas.

Faltou dizer que o questionário B foi preenchido na última sessão nas turmas A, C e D.

Maio	5º B (1) FC	Apresentação do folheto sobre apresentações no PowerPoint.
	5º C (1)	Recordámos algumas regras do trabalho escrito. Entrámos na página do Agrupamento de Escolas, Moodle, Disciplina Biblioteca e explorámos do guião de apoio para a realização de uma apresentação no PowerPoint.
	5º D (1)	Recordámos algumas regras do trabalho escrito. Entrámos na página do Agrupamento de Escolas, Moodle, Disciplina Biblioteca e explorámos do guião de apoio para a realização de uma apresentação no PowerPoint. Alguns alunos quiseram saber como introduzir as animações e copiar gifs da Internet. Ainda falámos da introdução de hiperligações para vídeos do YouTube.

FC - Formação Cívica

Anexo III – Plano de visita à biblioteca escolar 2010/2011

Título	Visita à Biblioteca Escolar (BE)	Tipo	Apresentação de livros para pesquisas e leitura
--------	----------------------------------	------	---

Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> - Promover hábitos de frequência e utilização da BE. - Tomar conhecimento de algumas normas de funcionamento da BE. - Desenvolver competências de informação, necessárias à busca, ao tratamento e à produção de informação. - Encorajar o manuseamento de diversos equipamentos. - Identificar as diversas zonas funcionais da BE. - Conhecer a forma de organização dos documentos. - Desenvolver a autonomia, o espírito crítico e hábitos de trabalho individual e coletivos. - Ouvir ler. - Promover o gosto e hábitos de leitura. - Recolher alguns dados gerais sobre as visitas à BE.
-----------	--

Participantes	Nível: Grupo turma (A, B, C e D) - 5.º ano	Agrupamento de Escolas de__ Escola EB 2,3 de __
---------------	--	--

Tempo	Duração: 90 min	Período: 1º - 15 a 22 /11/ 2010
-------	-----------------	---------------------------------

Recursos	Lugar: Biblioteca
	Humanos: Professora Bibliotecária, professores de Estudo Acompanhado
	Materiais: PowerPoint "Visita à BE"; Tabela CDU; Livros para exemplificação de pesquisas: <i>A bandeira nacional - História de Portugal: de D. Sebastião ao último rei da Girassol</i> <i>D. Maria II - Reis e Rainhas de Portugal</i> da Texto Editores <i>Serpentes - Animais Ferozes - Ciência Horrível</i> da Europa-América <i>Onde vivem os animais - 1000 perguntas e respostas</i> da Girassol <i>A arte da matemática - Pensa num número</i> da Civilização Mapas - <i>Mapa: satélite</i> da Civilização
	Outros: Leitura de alguns poemas: <i>Poemas da mentira e da verdade</i> de Luísa Ducla Soares <i>Histórias com juízo</i> de Mário Castrim <i>Eu bem vi nascer o sol</i> de Alice Vieira


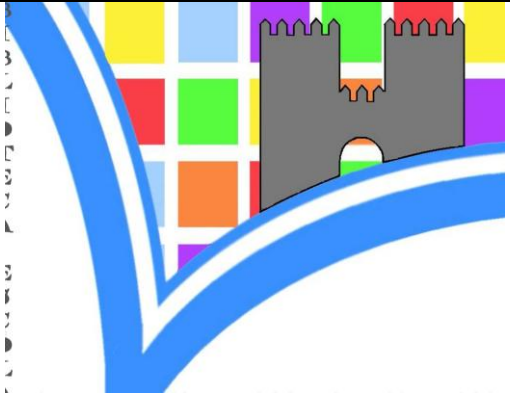


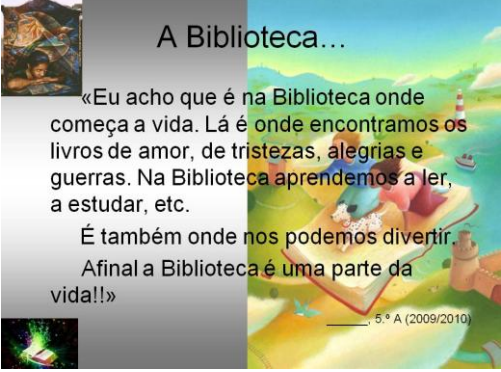


Desenvolvimento	<p>1.º Acolhimento dos alunos e dos docentes.</p> <p>2.º Apresentação do PowerPoint «Visita à BE», alunos comentam o que veem e os professores completam com o que faltar.</p> <p>3.º Preenchimento, de braço no ar, dos questionários que estão no final do PowerPoint.</p> <p>4.º A professora bibliotecária dá sugestões de pesquisa nos livros referidos nos recursos.</p> <p>5.º Leitura pelos alunos ou pela professora bibliotecária de alguns poemas.</p>
-----------------	---

Dificuldades	O espaço da BE foi modificado de forma que a turma se sentasse para visualizar o PowerPoint.
--------------	--

Análise	Esperamos que os alunos sintam alguma autonomia nas próximas pesquisas. Sabem que podem contar com o auxílio da equipa da BE.
---------	---

Avaliação	<p>Muitos alunos desconheciam os espaços de divulgação das atividades e das novidades.</p> <p>Alguns alunos mostraram interesse em requisitar os livros apresentados como exemplo.</p> <p>Ver dados recolhidos no questionário do PowerPoint.</p>
-----------	---

Anexo IV – PowerPoint «Visita à Biblioteca Escolar» (2010/2011)

<p style="text-align: center;">Visita à Biblioteca Escolar</p> <p style="text-align: center;">Agrupamento de Escolas de</p> <p style="text-align: center;">Biblioteca Escolar da EB 2,3 de _____</p> <p style="text-align: center;">Novembro 2010</p> 	
<p style="text-align: center;">A Biblioteca é...</p> <ul style="list-style-type: none"> • "Libraries store the energy that fuels the imagination. They open up windows to the world and inspire us to explore and achieve, and contribute to improving our quality of life. Libraries change lives for the better."  <p style="text-align: right;"><small>Sidney Sheldon (Quoted in ASLA NSW, 2003)</small></p>	<p style="text-align: center;">A Biblioteca é...</p> <ul style="list-style-type: none"> • «As bibliotecas armazenam a energia que alimenta a imaginação. Elas abrem janelas para o mundo e inspiram-nos a explorar e a atingir, e contribuem para melhorar a nossa qualidade de vida. As bibliotecas mudam vidas para melhor.»  <p style="text-align: right;"><small>Sidney Sheldon (Quoted in ASLA NSW, 2003)</small></p>
<p style="text-align: center;">A Biblioteca...</p> <p>«Eu acho que é na Biblioteca onde começa a vida. Lá é onde encontramos os livros de amor, de tristezas, alegrias e guerras. Na Biblioteca aprendemos a ler, a estudar, etc.</p> <p>É também onde nos podemos divertir.</p> <p>Afinal a Biblioteca é uma parte da vida!!»</p>  <p style="text-align: right;"><small>5.º A (2009/2010)</small></p>	<p style="text-align: center;">O livro... provérbios...</p> <ul style="list-style-type: none"> • Bom livro, bom amigo. • De livro fechado, não sai letrado. • A prática ensina mais que os livros. • Ainda que não leiamos pelos livros, também somos gente. • Não se pode julgar um livro pela capa. • Os livros são medicina do esquecimento. • Um burro carregado de livros é um doutor. 
<p style="text-align: center;">Equipa...</p> <ul style="list-style-type: none"> • Professora bibliotecária Helena Sampaio • Professores ... • Assistente operacional _____ • Assistente operacional _____ 	<p style="text-align: center;">Horário...</p> <p style="text-align: center;">Horário da Biblioteca</p>  <p style="text-align: center;">das 8:30h às 17:30h.</p>
<p>Diapositivo 1</p>	<p>Diapositivo 2</p>
<p>Diapositivo 3</p>	<p>Diapositivo 4</p>
<p>Diapositivo 5</p>	<p>Diapositivo 6</p>
<p>Diapositivo 7</p>	<p>Diapositivo 8</p>

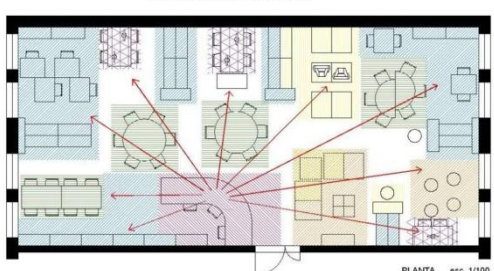
Antes de entrares.

- Lancha
- Lava as mãos
- Deixa a mochila nos cacifos
- Leva para a BE apenas o material necessário



Diapositivo 9

BIBLIOTECA ESCOLAR



PLANTA esc. 1/100

LEGENDA:

- Atendimento
- Leitura informal
- Leitura silenciosa, trabalho individual, consulta de documentação
- Multimédia e Internet
- Trabalho de Grupo
- Ligação Visual
- Audiovisuais

Diapositivo 10

Pré-escolar...



Diapositivo 11

1.º ciclo...

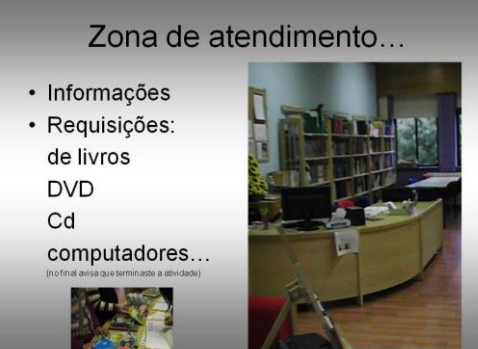


Diapositivo 12

Zona de atendimento...

- Informações
- Requisições: de livros, DVD, Cd, computadores...

(no final avisa que terminaste a atividade)



Diapositivo 13

Zona de leitura informal...

- Jornais
- Revistas
- BD
- Cd



Diapositivo 14

Leitura silenciosa...

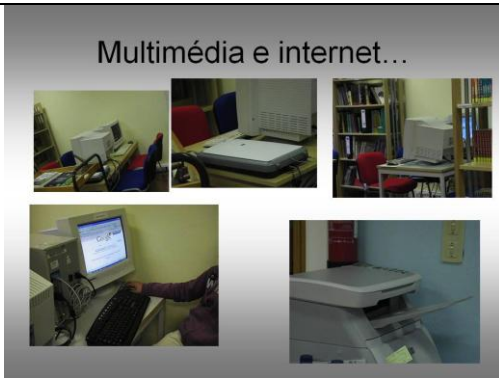


Diapositivo 15

Trabalho de grupo...



Diapositivo 16



Diapositivo 17



Diapositivo 18



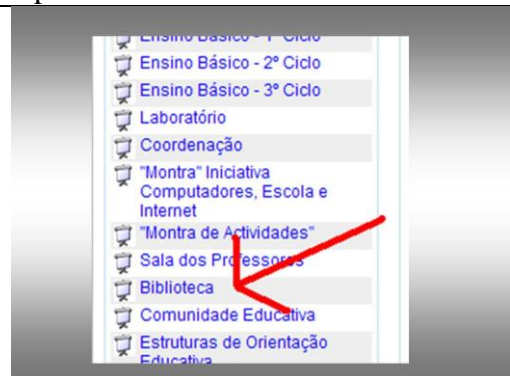
Diapositivo 19



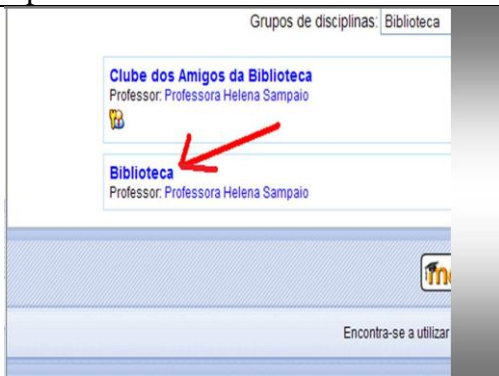
Diapositivo 20



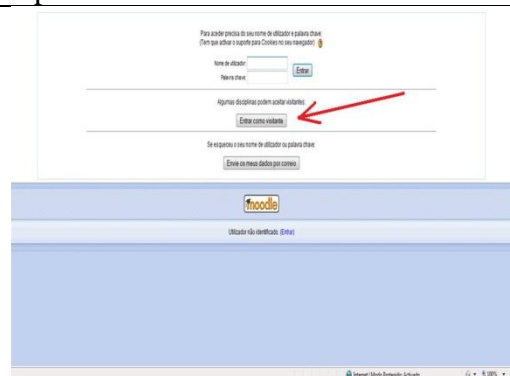
Diapositivo 21



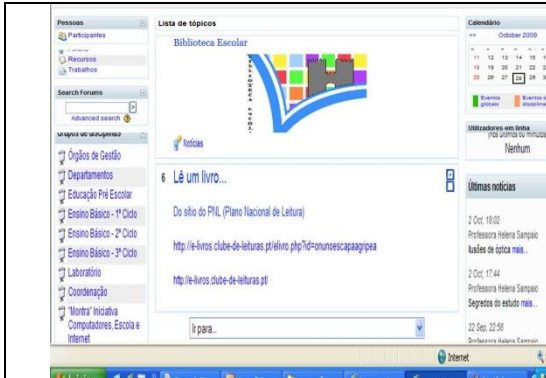
Diapositivo 22



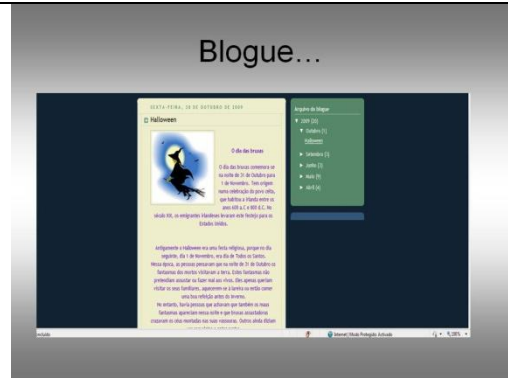
Diapositivo 23



Diapositivo 24



Diapositivo 25



Diapositivo 26

Textos de apoio...

- Na disciplina da Biblioteca:
 - Como redigir e apresentar um trabalho escrito;
 - Como pesquisar.

Diapositivo 27



Diapositivo 28

Pesquisa...

- Como encontrar a informação que necessitas?

Os livros estão arrumados por grandes temas de acordo com a Classificação Decimal Universal (CDU), que encontrarás identificada no topo das estantes. A cada grande tema estará associada uma cor.

Diapositivo 29

CDU...

0 – Generalidades, Ciência e conhecimento, Organização, Informação, Documentação, Biblioteconomia.
 (Nesta classe podes encontrar enciclopédias, dicionários, livros sobre informática, livros sobre jornalismo.)
 1 – Filosofia, Psicologia.
 (Nesta classe estão livros que falam da forma de pensar o mundo, do medo, dos afectos, do amor.)
 2 – Religião, Teologia.
 (Livros sobre várias religiões; sobre Deus.)
 3 – Ciências sociais, Estatística, Política, Economia, Comércio, Direito, Administração pública, Forças armadas, Assistência social, Seguros, Educação, Etnologia.
 (Livros sobre os direitos e mitos.)
 4 – Esta classe está vazia.
 5 – Matemática e ciências naturais
 (Nesta classe podes encontrar livros sobre astronomia, óptica, mineralogia, botânica, zoologia, física, química, paleontologia, ecologia, poluição, geologia e meio ambiente)
 (Nesta classe podes encontrar livros sobre biologia, o corpo humano, alimentação, máquinas, engenharia, agricultura e silvicultura.)
 7 – Arte, Recreação, Espectáculo, Desporto.
 (Nesta classe podes encontrar livros sobre música, teatro, fotografia, arte, cinema e desporto.)
 (Nesta classe podes encontrar livros de aventuras, poesias, contos, romances, peças de teatro, etc.)
 9 – Geografia, Biografia, História.
 (Livros sobre viagens, personagens célebres, História dos povos e a História de Portugal.)

Diapositivo 30



Diapositivo 31



Diapositivo 32

Como deves proteger a tua biblioteca...

- Tens o direito de ver, ouvir, mexer em todos os documentos que queres consultar, **mas com carinho.**
- Tens o direito de utilizares os computadores, os leitores de Cd e de DVD, **mas quando chegar a tua vez.**
- Tens o direito de requisitar, por um período de 8 dias, o livro que mais gostas para, em casa, leres com os teus pais. **Depois dos 8 dias, não te esqueças de o entregar na biblioteca.**
- Tens o direito de apresentar críticas e sugestões para se melhorar a tua **biblioteca.**

Diapositivo 33

Hall...



Diapositivo 34

Notícias...



Diapositivo 35

Pequeno questionário...

[5.º A](#) [5.º B](#) [5.º C](#) [5.º D](#)

Diapositivo 36

Obrigada pela visita!



Diapositivo 37

- Elaborado pela equipa da Biblioteca da EBI de _____
Novembro 2010

Diapositivo 38

Objectivos da visita...

- Promover hábitos de frequência e utilização da BE.
- Tomar conhecimento de algumas normas de funcionamento da BE.
- Desenvolver competências de informação, necessárias à busca, tratamento e produção de informação.
- Encorajar o manuseamento de diversos equipamentos.
- Identificar as diversas zonas funcionais da BE.
- Conhecer a forma de organização dos documentos.
- Desenvolver a autonomia, o espírito crítico e hábitos de trabalho individual e coletivos.
- Ouvir ler.
- Promover o gosto e hábitos de leitura.
- Recolher alguns dados gerais sobre as visitas à BE.







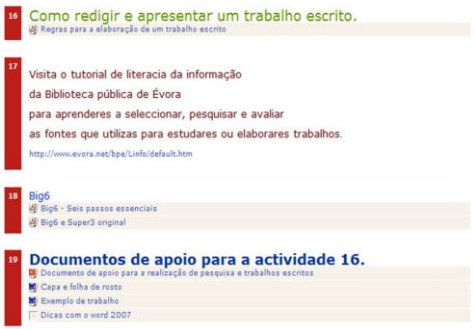
Diapositivo 39

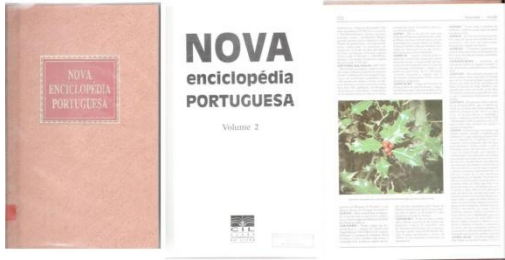
Nota...

- Esta atividade é realizada durante as aulas de Estudo Acompanhado sendo os alunos acompanhados pelos respetivos professores, em dia previamente marcado.
- A professora bibliotecária apresenta o PowerPoint e os alunos respondem, no final, a um pequeno questionário, oralmente.

Diapositivo 40

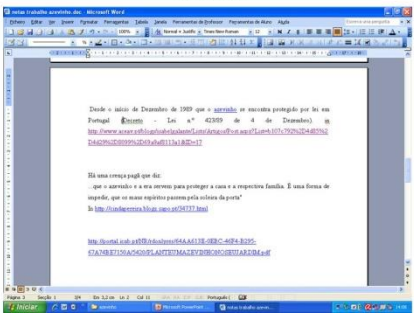
Anexo V – PowerPoint «Como redigir e apresentar um trabalho escrito» e «Big6 – seis passos para a resolução de problemas relacionados com informação» (2010/2011)

<p>Biblioteca Escolar </p> <p>Como redigir e apresentar um trabalho escrito</p> <p>Big6 – Seis passos para a resolução de problemas relacionados com informação</p>	
<p>Diapositivo 1</p> 	<p>Diapositivo 2</p> 
<p>Diapositivo 3</p> 	<p>Diapositivo 4</p> 
<p>Diapositivo 5</p> <p>Diapositivo 6</p> <p>Diapositivo 7</p>	<p>Diapositivo 8</p> 

<p style="text-align: center;">Big6 - Os seis passos essenciais</p> <p>1. Definição da tarefa</p> <p>1.1 Defina o problema</p> <ul style="list-style-type: none"> • O que devo fazer? • Pesquisar sobre o azevinho <p>1.2 Identifique as informações necessárias</p> <ul style="list-style-type: none"> • Que informação necessito para fazer isto? (Fazer uma lista de perguntas.) • Como é? (Descrição) • Como cresce? (Reprodução) • Onde existe? (Distribuição) <p style="text-align: right;">9</p> <p>Diapositivo 9</p>	<p style="text-align: center;">Big6 - Os seis passos essenciais</p> <p>2. Estratégias de busca da informação</p> <p>2.1 Considere todas as fontes possíveis</p> <ul style="list-style-type: none"> • A que fontes devo aceder para encontrar esta informação? • Livros (CDU 5 – Matemática e ciências naturais) • Enciclopédias (CDU 0 - Generalidades) • Internet: <p>Sítios sobre plantas, áreas e parques protegidos</p> <p>2.2 Selecciono as melhores fontes</p> <ul style="list-style-type: none"> • Livros, enciclopédias • Se usar páginas electrónicas, como posso saber se elas são fiáveis? • Sítios de organizações, bem identificadas. • Comparando fontes. <p style="text-align: right;">10</p> <p>Diapositivo 10</p>
<p style="text-align: center;">Big6 - Os seis passos essenciais</p> <p>3. Localização e acesso</p> <p>3.1 Localize as fontes</p> <ul style="list-style-type: none"> • Onde posso encontrar estas fontes? Bibliotecas, Internet, disponibilizadas pelos professores, outros... <p>Biblioteca Internet</p> <p style="text-align: right;">11</p> <p>Diapositivo 11</p>	<p style="text-align: center;">Big6 - Os seis passos essenciais</p> <p>3.2 Recupere as informações nas fontes localizadas</p> <ul style="list-style-type: none"> • Quem me pode ajudar? Sozinho, equipa da biblioteca, professores, pais... <p style="text-align: right;">12</p> <p>Diapositivo 12</p>
<p style="text-align: center;">Big6 - Os seis passos essenciais</p> <p>4. Uso da informação</p> <p>4.1 Consulte (leia, ouça, olhe, toque)</p> <p>Como posso registar a informação que encontro? Tirar notas (usando fichas, blocos, processador de texto, quadros, gráficos, ilustrações, gravar em áudio ou vídeo...</p> <p>4.2 Extraia as informações relevantes</p> <ul style="list-style-type: none"> • Como posso referir as minhas fontes? Usar guias dados pelos professores, usar o guia da plataforma... <p style="text-align: right;">13</p> <p>Diapositivo 13</p>	<p>16 Como redigir e apresentar um trabalho escrito.</p> <p>Regras para a elaboração de um trabalho escrito</p> <p>17 Visita o tutorial de literacia da informação da Biblioteca pública de Évora para aprenderes a seleccionar, pesquisar e avaliar as fontes que utilizas para estudares ou elaborares trabalhos.</p> <p>http://www.evora.net/bpa/Unfo/default.htm</p> <p>18 Big6</p> <p>Big6 - Seis passos essenciais</p> <p>Big6 e Super2 original</p> <p>19 Documentos de apoio para a actividade 16.</p> <p>Documento de apoio para a realização de pesquisa e trabalhos escritos</p> <p>Capa e folha de rosto</p> <p>Exemplo de trabalho</p> <p>Dicas com o word 2007</p> <p style="text-align: right;">14</p> <p>Diapositivo 14</p>
<p>Biblioteca:</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Azevinho, a fadazinha do Natal</i> de Daisy Meadows <p style="text-align: right;">15</p> <p>Diapositivo 15</p>	<p style="text-align: center;">Big6 - Os seis passos essenciais</p>  <p style="text-align: right;">16</p> <p>Diapositivo 16</p>

<p>Big6 - Os seis passos essenciais</p> <ul style="list-style-type: none"> • «Azevinho — Nome vulgar da <i>Ilex aquifolium</i> L., planta da família das Aquifoliáceas. Tem folhas verde-escuras, brilhantes e armadas de espinhos, flores brancas, e o fruto maduro, uma drupa, é vermelho-vivo. Utiliza-se muito em decorações de Natal. A madeira emprega-se em marcenaria.» • <i>Nova Enciclopédia Portuguesa</i>, vol. 2, CIL Alfragide, 1996, p. 232 • Tola, José, <i>Grande Enciclopédia das Ciências: Botânica</i>, CIL, Alfragide, 1998, p. 48-49 <p>Diapositivo 17</p>	<p>Big6 - Os seis passos essenciais</p> <ul style="list-style-type: none"> • Refere «Plantas medicinais e plantas venenosas» . 48 e «O cozimento de folhas de azevinho, (<i>Ulex aquifolium</i>) tem propriedades diuréticas e laxativas.» p. 49 • Howell, Laura et al. <i>Enciclopédia da Ciência – O Mundo das Plantas</i>. Porto Editora: Porto, 2003 p. 29 tem links para a net: • http://hes.osu.edu/hort/plantlisting/ • <i>Atlas básico de botânica</i>, Didáctica editora: Lisboa 2004 p. 31 <p>Diapositivo 18</p>
<p>Big6 - Os seis passos essenciais</p> <p>Internet</p> <ul style="list-style-type: none"> • http://pt.wikipedia.org/wiki/Azevinho • http://arvoresdeportugal.free.fr/Mapa_do_Sitio/Mapa_do_Sitio.htm • http://arvoresdeportugal.free.fr/IndexArborium/Ficha%20Azevinhollexaquifolium.htm <p>Diapositivo 19</p>	<p>Citações</p> <p>Como apresentar uma referência bibliográfica Último nome do autor, Primeira inicial e iniciais dos outros nomes, Título do livro: subtítulo, Local da publicação: Editora, Ano da publicação, p.</p> <p>Exemplos:</p> <p>Livro de um só autor: Cambões, L. <i>Os Lusíadas</i>. Porto: Figueirinhas, 1978</p> <p>Livro de dois autores Cunha, C. e Cintra L. <i>Breve gramática do Português contemporâneo</i>. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1996, p.6-9</p> <p>Documentos electrónicos Último nome do autor, iniciais dos outros nomes, Título, Data. URL. Data de acesso.</p> <p>Exemplos:</p> <p>Livro Sim Sim, Inês, <i>A Língua Materna na Educação Básica: competências nucleares e níveis de desempenho</i>. 1997 http://www.dgic.min-edu.pt [acedido em 11 de Fevereiro de 2008]</p> <p>Documento isolado Declaração Política da IASL sobre Bibliotecas escolares. Disponível em http://www.rbe.min-edu.pt [acedido em 11 de Fevereiro de 2008]</p> <p>Diapositivo 20</p>
<p>Big6 - Os seis passos essenciais</p> <p>5. Síntese</p> <p>5.1 Organize as informações extraídas das diversas fontes</p> <p>5.2 Apresente o resultado</p> <ul style="list-style-type: none"> • Como posso mostrar os resultados? Texto escrito, apresentação oral, apresentação multimédia, representação (dramatização de textos)... • Como vou valorizar as minhas fontes na apresentação do produto final? Incluir uma bibliografia escrita ou oral... • Materiais que vou precisar para a minha apresentação ou representação. <p>Diapositivo 21</p>	<p>Big6 - Os seis passos essenciais</p> <ul style="list-style-type: none"> • Quanto tempo necessito para encontrar a informação e criar o produto final? Tempo previsto para a realização do trabalho: - Ideias para o projecto (definição de tarefas) realizadas por... - Pesquisa de informação (tirar notas) realizada por... - Tempo previsto para elaborar o primeiro esquema... - Tempo previsto para a realização do trabalho final... • Incluir qualquer informação adicional para a realização do trabalho com sucesso. <p>Diapositivo 22</p>
<p>Visita o tutorial de literacia da informação da Biblioteca pública de Évora para aprenderes a seleccionar, pesquisar e avaliar as fontes que utilizas para estudares ou elaborares trabalhos.</p> <p>http://www.evora.net/bpe/Linfo/default.htm</p> <p>Diapositivo 23</p>	<p>16 Como redigir e apresentar um trabalho escrito. Regras para a elaboração de um trabalho escrito</p> <p>17 Visita o tutorial de literacia da informação da Biblioteca pública de Évora para aprenderes a seleccionar, pesquisar e avaliar as fontes que utilizas para estudares ou elaborares trabalhos. http://www.evora.net/bpe/Linfo/default.htm</p> <p>18 Big6 Big6 - Seis passos essenciais Big6 e Super3 original</p> <p>19 Documentos de apoio para a actividade 16. Documento de apoio para a realização de pesquisa e trabalhos escritos Capa e folha de rosto Exemplo de trabalho Dicas com o word 2007</p> <p>Diapositivo 24</p>

Notas



Diapositivo 25

COMO REDIGIR E APRESENTAR UM TRABALHO ESCRITO

- Realizar trabalhos escritos é uma das tarefas mais comuns que vais realizar ao longo do teu percurso escolar.
- Após teres escolhido o tema adequado e teres feito o necessário trabalho de pesquisa, tens pela frente uma das tarefas mais importantes: redigir o trabalho e preparar a sua apresentação.

Diapositivo 26

COMO REDIGIR E APRESENTAR UM TRABALHO ESCRITO

- **Nota prévia:** não te esqueças que um trabalho escrito não deve ser confundido com uma cópia ou um decalque de textos lidos em livros ou retirados de sítios da Internet.

PLÁGIO NO MEIO ACADÉMICO: DE QUE FORMA ALUNOS DE PÓS-GRADUAÇÃO COMPREENDEM O TEMA

Aletéia Karina Lopes da Silva, Maria José Carvalho de Souza Domingues

O ato de copiar ou de se apropriar indevidamente de obras intelectuais vem acontecendo há muito tempo. Porém, com o advento da Internet o plágio se tornou uma prática ainda mais comum no meio académico, sendo necessário avaliar o tema com mais profundidade. (...) Os resultados encontrados são preocupantes, pois os académicos de Pós-Graduação afirmam que o plágio é crime, mas demonstraram despreparo e falta de conhecimento para uma elaboração correta de trabalhos

In, <http://revista.grupointegrado.br/revista/index.php/perspectivascontemporaneas/article/view/448>

Diapositivo 27

COMO REDIGIR E APRESENTAR UM TRABALHO ESCRITO

Eis algumas sugestões que deves ter em conta quando redigires o trabalho...

- Nunca utilizes termos ou conceitos sem os definires.
- Constrói frases curtas.
- Procura que cada parágrafo corresponda apenas a uma ideia.
- Espaça as linhas, sem exagerar, a fim de facilitar a leitura.
- Utiliza o **itálico** ou o **sublinhado** para os seguintes casos: títulos (de livros, filmes, canções, peças de teatro e obras de arte) palavras estrangeiras, frases ou palavras que queiras evidenciar.

Diapositivo 28

COMO REDIGIR E APRESENTAR UM TRABALHO ESCRITO

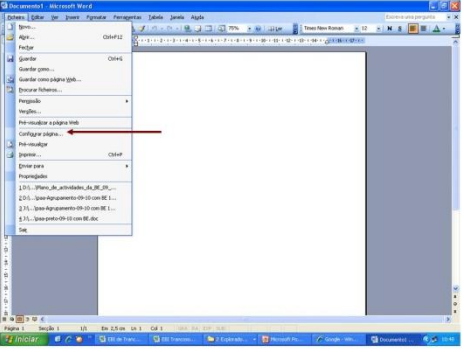
- De um modo geral, um trabalho escrito deverá conter por esta ordem: **capa, folha de rosto, sumário, introdução, desenvolvimento, conclusão, bibliografia e anexos (facultativo).**

Diapositivo 29

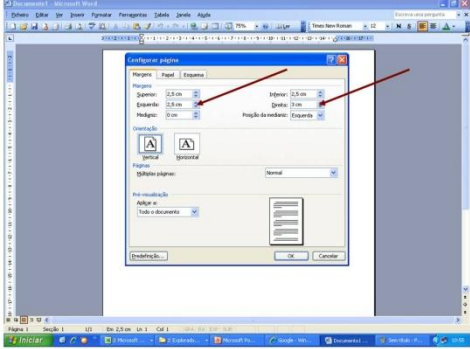
COMO REDIGIR E APRESENTAR UM TRABALHO ESCRITO - CAPA

- A capa é a primeira imagem que surge associada ao teu trabalho.
- A capa deve conter: o nome da escola, o título do trabalho, o nome da disciplina, a identificação do aluno — nome, ano, turma, número) e o ano lectivo.
- O título pode ser ao gosto de cada um, com o tamanho 18.
- Pode ainda conter desenhos, gravuras ou fotografias alusivas ao seu conteúdo.

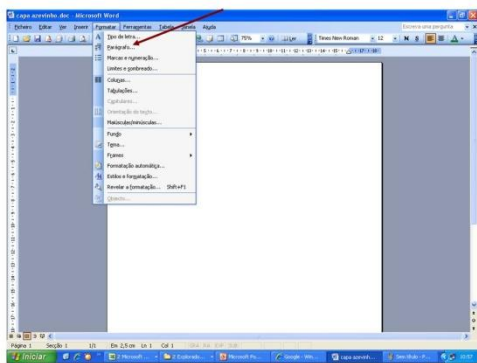
Diapositivo 30



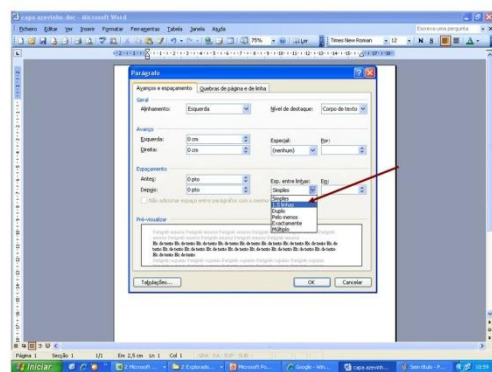
Diapositivo 31



Diapositivo 32

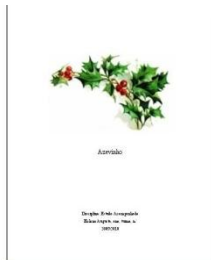


Diapositivo 33



Diapositivo 34

Nome da escola



Assunto

Disciplina: Inglês

Nome do autor

Data

Diapositivo 35

COMO REDIGIR E APRESENTAR UM TRABALHO ESCRITO – FOLHA DE ROSTO

É a folha que vem logo depois da capa e apresenta uma identificação mais detalhada sobre o trabalho, nomeadamente:

- o nome da escola, a disciplina a que se destina o trabalho e o nome do professor;
- o título do trabalho;
- o nome do(s) autor(es), ano, turma e número;
- local e data.

Diapositivo 36

Nome da escola



Assunto

Disciplina: Inglês

Nome do autor

Data

Local

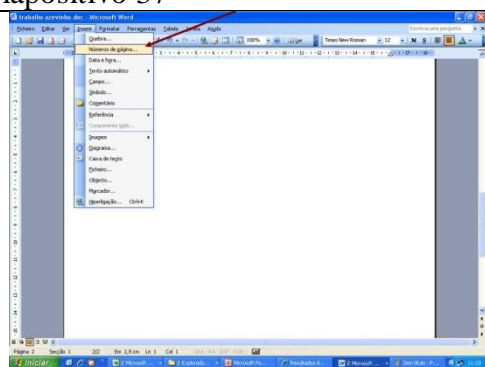
Diapositivo 37

COMO REDIGIR E APRESENTAR UM TRABALHO ESCRITO - SUMÁRIO

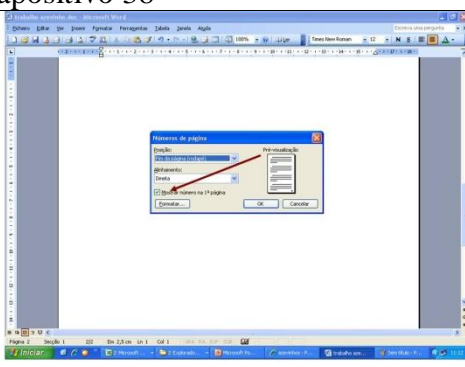
Aqui são numerados todos os títulos e subtítulos que utilizaste ao longo do trabalho.

Deves indicar a página correspondente a cada um, de acordo com a paginação geral do trabalho, iniciada na página de rosto que corresponde à página 1.

Diapositivo 38

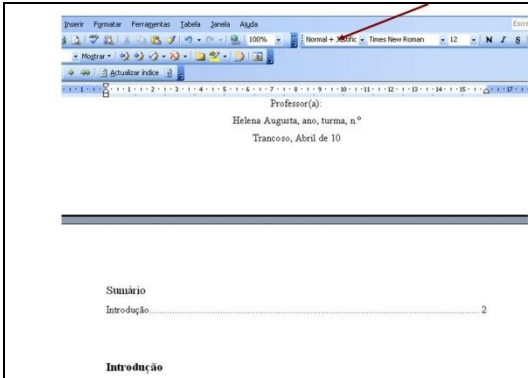


Diapositivo 39

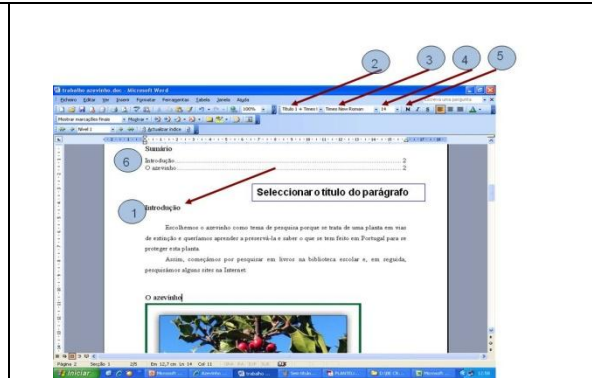


Diapositivo 40

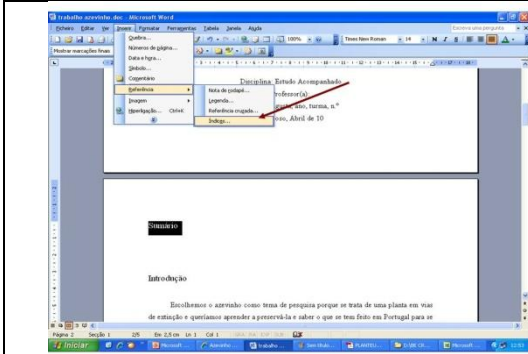
Retirar o visto verde.



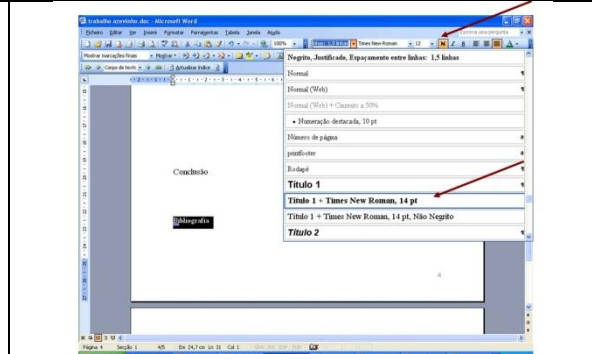
Diapositivo 41



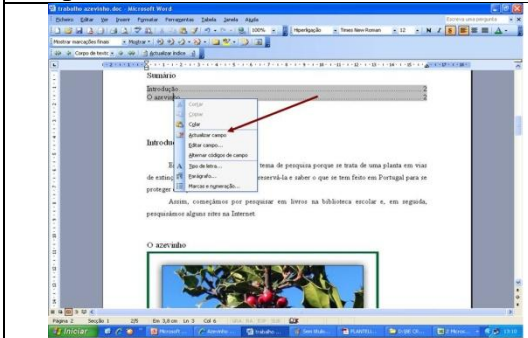
Diapositivo 42



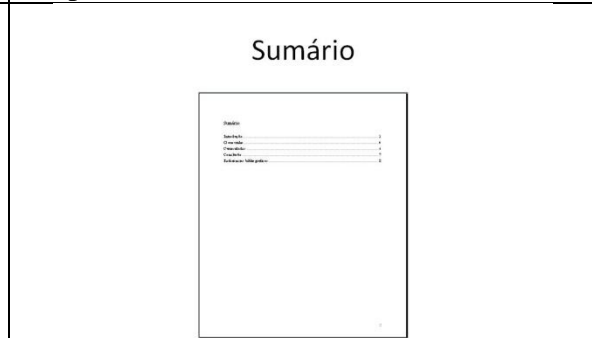
Diapositivo 43



Diapositivo 44

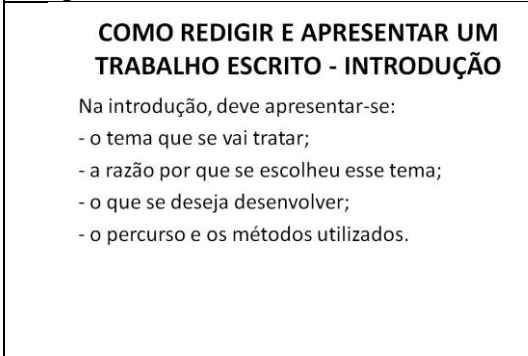


Diapositivo 45



Sumário

Diapositivo 46

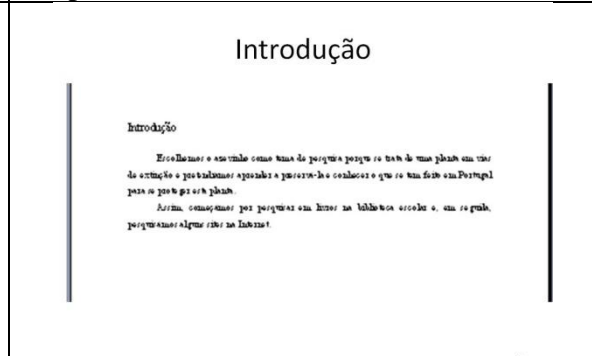


Diapositivo 47

COMO REDIGIR E APRESENTAR UM TRABALHO ESCRITO - INTRODUÇÃO

Na introdução, deve apresentar-se:

- o tema que se vai tratar;
- a razão por que se escolheu esse tema;
- o que se deseja desenvolver;
- o percurso e os métodos utilizados.



Diapositivo 48

Introdução

Introdução

Escolher o assunto como tema de pesquisa porque se trata de uma planta em via de extinção e portanto, oportuno e necessário o que se tem feito em Portugal para se preservar esta planta.

Assim, convém-se por apresentar em livro na biblioteca escolar e, em seguida, proporcionar alguns sites na Internet.

COMO REDIGIR E APRESENTAR UM TRABALHO ESCRITO - APRESENTAÇÃO

A apresentação do trabalho também será um item a avaliar, por isso, é fundamental que este tenha bom aspecto.

1. Cabeçalho e rodapé

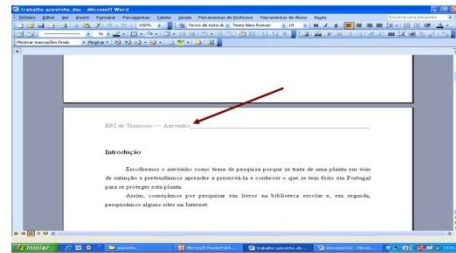
Utilizamos estes elementos para identificar as páginas do trabalho. No cabeçalho, coloca-se o nome da escola assim como o do trabalho e, no rodapé, registamos o nome do(s) autor(es) do referido trabalho, a data e o nº da página.

2. Paginação

A paginação tem início na folha de rosto, mas esta só aparece a partir da introdução.

O número da página pode ser inserido em qualquer canto do lado direito da folha, mas o mais utilizado é o canto inferior direito.

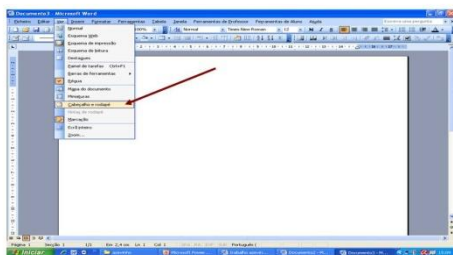
Cabeçalho e rodapé (após a página do sumário, portanto, a partir da segunda página)



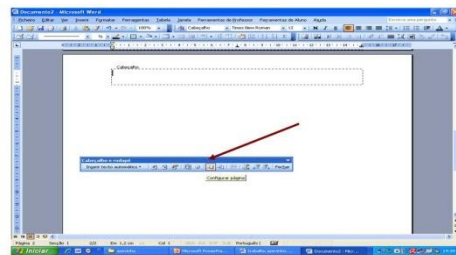
Diapositivo 57

Diapositivo 58

Cabeçalho e rodapé



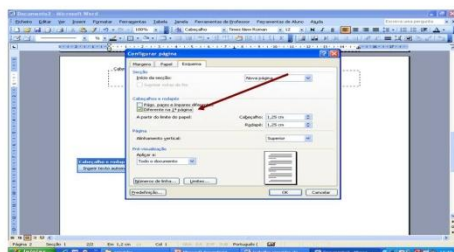
Cabeçalho



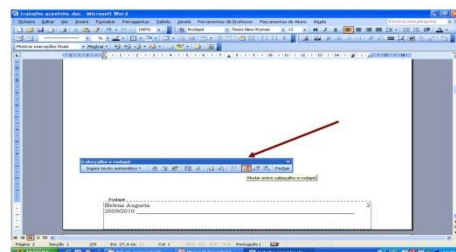
Diapositivo 59

Diapositivo 60

Cabeçalho



Rodapé



Diapositivo 61

Diapositivo 62

COMO REDIGIR E APRESENTAR UM TRABALHO ESCRITO - APRESENTAÇÃO

3. Notas de Rodapé

Estes registos são úteis, quando queremos chamar a atenção do leitor para determinado facto. Geralmente, utiliza-se para associar Anexos ao texto ou para fazer uma referência bibliográfica a uma citação utilizada no texto.

4. Lettering

Os tipos de letra mais utilizados devem ser simples, como o Arial ou Times New Roman. O tamanho da letra do corpo de texto deverá ser 12 e nos títulos podes utilizar 14. Justifica o texto à esquerda e à direita. Utiliza o itálico, o sublinhado ou o negrito para realçares determinadas palavras que queiras chamar a atenção, mas sem exagerar.

COMO REDIGIR E APRESENTAR UM TRABALHO ESCRITO - APRESENTAÇÃO

5. Espaçamento entre linhas

Para que o texto possa ter melhor apresentação deves utilizar o espaçamento entre linhas de 1,5.

6. Margens

O lado esquerdo da folha deve ter sempre espaço suficiente para a encadernação, logo as medidas recomendadas são:

- Margem superior: 2,5cm
- Margem inferior: 2,5 cm
- Margem da direita: 2,5 cm
- Margem da Esquerda: 2,5 cm

7. Formato

O formato ideal é o A4 vertical.

Bem, agora só precisas de imprimir e encadernar o teu trabalho!

Diapositivo 63

Diapositivo 64

<p style="text-align: center;">Big6 - Os seis passos essenciais</p> <p>6. Avaliação</p> <p>6.1 Julgue o resultado (eficácia)</p> <p>6.2 Julgue o processo (eficiência)</p> <p>Como posso saber se o que fiz foi o melhor?</p> <ul style="list-style-type: none"> • O que fiz para realizar este trabalho foi correcto, de acordo com as normas do Guião (Big6) • A informação que encontrei no ponto 4 (utilização da informação), corresponde às necessidades identificadas no ponto 1 (definição da tarefa) • Citei correctamente as minhas fontes, de acordo com as orientações do professor • O meu trabalho está organizado e bem apresentado • O meu trabalho está completo e inclui títulos (nome, data, etc.) • Vou sentir-me orgulhoso se alguém vir este trabalho <p style="text-align: right;">65</p> <p>Diapositivo 65</p>	<p style="text-align: center;">Big6 & Super3</p> <ul style="list-style-type: none"> • http://www.big6.com/ • http://nb.wsd.wednet.edu/big6/big6_resources.htm#menu • http://www.crfresearchguide.org/Big_Six_Steps.asp • http://www.lanetsinfo.com/big6info.htm • http://www.clovisusd.k12.ca.us/alta/big6/big6b6intchart.htm • http://eprofe.net/?p=67 • http://www.percursos.net/becre/modelobig6.htm • http://www.slideshare.net/guest6f8de4/guiao-big6-3-ciclo • http://bibliotecamm.wikispaces.com/file/view/Big6_esquem%C3%A1tico.pdf • http://torgabiblioteca.no.sapo.pt/guioes/big6.htm • http://www.whslibrary.com/big6assignmentorganizer.htm • http://collaboratory.nunet.net/nssd112/oakterrace/lmc/big6.html • http://www.afgc.pt/portal/biblioteca/BIG6guiaopesquisa.pdf • http://205.213.162.11/project_Big6/index.html • http://ciberjornal.wordpress.com/o-big-6/ • http://www.calameo.com/books/000122136d4f84bb3273b <p style="text-align: right;">66</p> <p>Diapositivo 66</p>
<p style="text-align: center;">Referências</p> <ul style="list-style-type: none"> • http://www.big6.com/ • http://www.big6.com/2002/05/31/the-big6-in-portuguese/ • http://www.big6.com/files/Big6Handouts.pdf <p style="text-align: right;">67</p> <p>Diapositivo 67</p>	<p style="text-align: center;">Referências das imagens</p> <ul style="list-style-type: none"> • Imagem da capa. Disponível em http://biosabermis.wordpress.com/2007/05/26/vamos-salvar-o-azevinho/ [acedido a 12 de Abril de 2010]. • Imagem da página 2. Disponível em http://olhares.aneiou.pt/azevinho_do_meu_jardim_foto127191.html [acedido a 12 de Abril de 2010]. • Imagem da contra-capa. Disponível em http://arvoresdeportugal.free.fr/Mapa_do_Sitio/Mapa_do_Sitio.htm [acedido a 12 de Abril de 2010]. <p>Diapositivo 68</p>
<p style="text-align: center;">Vídeos</p> <ul style="list-style-type: none"> • http://www.youtube.com/watch?v=K2VX4KG2X2k • http://www.youtube.com/watch?v=c-VUeZbm6wc&feature=related <p>Diapositivo 69</p>	

Anexo VII – Trabalhos realizados pelos alunos (2010/2011) – alguns exemplos

Anexo VII a) – Trabalho sobre Matilde Rosa Araújo (turma A)

Escola EB 2,3 de _____

Matilde Rosa Araújo



Estudo Acompanhado

_____ nº3

_____ nº13

_____ nº19 5ªA

2010/2011

Escola EB 2,3 de _____

Matilde Rosa Araújo

Estudo Acompanhado

Professoras: _____ e _____

_____ nº3

_____ nº13

_____ nº19 5ªA

_____, 25 de Janeiro 2011

Sumário³⁰

Introdução	163
Biografia de Matilde Rosa Araújo	163
Lista de obras	164
Conclusão	165
Bibliografia	165

Introdução

Este trabalho é uma pequena biografia da escritora Matilde Rosa Araújo, dizemos o ano do seu nascimento e da sua morte. Ela escreveu livros para crianças e adultos. E esperamos que com este trabalho aprendam alguma coisa da escritora a Matilde Rosa Araújo.

Biografia de Matilde Rosa Araújo

Matilde Rosa Araújo nasceu em Lisboa, em 1921, tendo tirado a sua licenciatura em Faculdade de Letras, da Universidade Clássica de Lisboa, em 1945. Foi professora do Ensino Técnico-profissional, e formadora de professores na Escola do Magistério Primário de Lisboa. Foi autora de mais de 40 livros (contos e de poesia para adultos) e de mais de duas dezenas de livros de contos e poesia para crianças. Dedicou-se à defesa dos direitos das crianças através da publicação de livros e de intervenções em organismos com actividade nesta área, como a UNICEF em Portugal.

³⁰ Os alunos inseriram o índice automático e agora as páginas estão desconfiguradas. Cada capítulo era apresentado numa folha.

Morte da Matilde Rosa Lopes Araújo

A escritora Matilde Rosa Araújo tinha 89 anos quando morreu em sua casa em Lisboa na madrugada de 6 de Julho de 2010. O seu corpo vai estar em câmara ardente na Sociedade Portuguesa de Autores, onde sairá para o Cemitério dos Prazeres.

Lista de obras



Capuchinho cinzento

A Garrana (1943)

Estrada Sem Nome (ficção, 1947)

A Escola do Rio Verde (1950)

O Livro da Tila (literatura infantil, 1957)

Conclusão

Esperamos que vocês gostem do nosso trabalho. E que aprendam muitas coisas sobre esta escritora Matilde Rosa Araújo.

Bibliografia

Matilde Rosa Lopes Araújo. Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Matilde_Rosa_Lopes_de_Ara%C3%BAjo [acedido em 1 de Fevereiro 2011]

Anexo VII b) – Trabalho sobre Eça de Queiroz (turma A)

Escola EB 2,3 de _____

Eça de Queiroz



Estudo Acompanhado

Nome

Nº 5ºA

Nome

Nº 5ºA

Nome

Nº 5ºA

2010/2011

Ésca de Queiroz

Estudo Acompanhado

Professoras:

Nome

Nº 5ºA

Nome

Nº 5ºA

Nome

Nº 5ºA

_____, 25 de Janeiro de 2011

Sumário

Sumário.....	168
Introdução	168
Eça de Queirós	168
Conclusão	169
Bibliografia	169

Introdução

Biografia é um resumo da vida de alguém

Pretendemos conhecer melhor Eça de Queirós e as suas obras, uma delas é os «Maias».

Eça de Queirós

José Maria de Eça de Queirós - nasceu em Póvoa de Varzim, em 25 de Novembro de 1845 e morreu em Paris, 16 de Agosto de 1900. O Eça de Queirós um dos mais importantes escritores lusos. Foi autor, entre outros romances de importância reconhecida, de *Os Maias* e *O crime do Padre Amaro*; este último é considerado por muitos o melhor romance realista português do século XIX.

Conclusão

Este trabalho fala-nos de algumas coisas sobre o escritor José Maria Eça de Queirós e de algumas obras que ele escreveu.

Bibliografia

Afonso, Isilda Lourenço e Pereira, Nelson Rodrigues. *Palavras ao vento* 5º ano. Vila Nova de Gaia: Gailivro. 2009

Anexo VII c) – Trabalho sobre Leonhard Euler (turma B)

"Matemáticos Famosos"



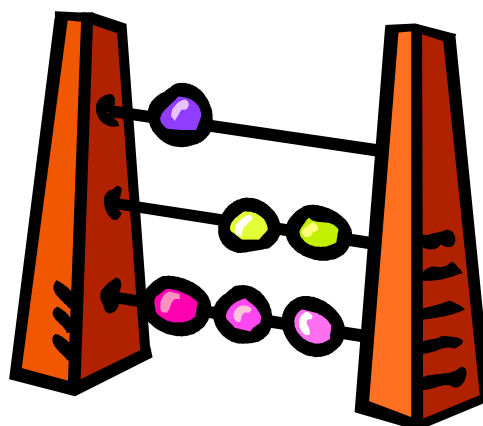
E, B 2 e 3 de _____ | Ano Lectivo: 2010/2011

Disciplina: Matemática | Tema: "Matemáticos Famosos" - Leonhard Euler

Trabalho realizado por: _____, nº 12; _____, nº 11; _____, nº 5 do 5ºB

Índice

- Nome completo, naturalidade, data de nascimento, etc.
..... Pág. 3
- Qual a importância de Euler na Matemática do dia-a-dia
..... pág. 4



Introdução

Neste trabalho vamos falar sobre algumas etapas de vida de Euler, um matemático muito importante. Vamos relatar onde se nota a influência deste matemático, o seu nome completo, naturalidade... E os seus estudos.

Se és um(a) aluno(a) interessado(a) e se tens interesse em descobrir de onde surgiu, tudo isto que estudas na disciplina de Matemática, lê este trabalho até ao fim.



1- Nome completo, naturalidade, data de nascimento, etc.

Leonhard Euler nasceu na cidade suíça de Basileia em 15 de Abril de 1707, numa família tradicionalmente dedicada à pesquisa científica. A precocidade

e o brilhantismo de seus primeiros trabalhos despertaram o interesse dos principais matemáticos de sua época, como Jean Bernoulli e seus filhos, e converteram-no, aos vinte anos, em membro associado da Academia de Ciências de São Petersburgo, para onde se transferira. Morreu em 18 de Setembro de 1783, em São Petersburgo.



2- Qual a importância de Euler na Matemática do dia-a-dia.

A contribuição de Euler para a ciência matemática teve como um de seus pilares a *Introductio in analysim infinitorum* (1748; Introdução à análise dos infinitos), obra que constitui um dos fundamentos da matemática moderna. Por meio de livros e monografia que apresentou à Academia, Euler aperfeiçoou os conhecimentos da época sobre cálculo integral, desenvolveu a teoria das funções trigonométrica e logarítmica e simplificou as operações relacionadas à análise matemática. Sua

contribuição para a geometria analítica e para a trigonometria é comparável à de Euclides para a geometria plana. A tendência a expressar operações físicas e matemáticas em termos aritméticos incorporou-se desde então aos procedimentos das ciências exactas. Em consequência de um problema neurológico, Euler perdeu em 1735 a visão de um olho. Chamado em 1741 por Frederico II o Grande, da Prússia, foi honrado com a dignidade de membro da Academia de Berlim.

Ao perder o favor real, em 1766, transferiu-se de novo para a corte de São Petersburgo, a cujo trono havia subido Catarina II a Grande, e ali estendeu sua actividade ao estudo da mecânica, óptica, acústica e astrofísica. Estudou o movimento lunar, o fenómeno dos eclipses e as posições relativas dos astros.

As principais descobertas de Euler se deram no campo da teoria dos números. Ele também foi responsável pela incorporação de numerosos símbolos à linguagem matemática, como π para designar somatório; e para denominar a base dos logaritmos naturais ou neperianos e a , b , e c para os lados de um triângulo e A , B e C para seus ângulos. Euler não esmoreceu em sua actividade nem mesmo quando ficou cego, aos sessenta anos.



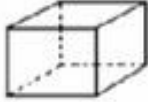
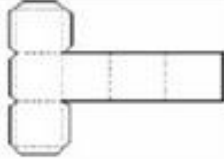

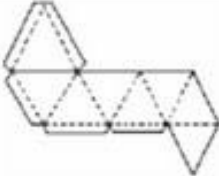
A imagem mostra a assinatura original de Leonhard Euler em uma caligrafia manuscrita. O nome 'L. Euler' é escrito com uma letra inicial 'L' grande e decorativa, seguida por 'Euler' em uma escrita fluida e cursiva.

Assinatura original de Leonhard Euler

Conclusão

Euler foi muito importante para a matemática do nosso dia-a-dia. Como ele, há muitos outros mas esperamos que tenhamos explicado tudo o que necessitavas de saber.

Existem apenas cinco poliedros regulares:

Poliedro	Planificação	Elementos
Tetraedro Regular 		4 faces triangulares equiláteras 4 vértices 6 arestas
Hexaedro Regular 		6 faces quadradas 8 vértices 12 arestas
Octaedro Regular 		8 faces triangulares equiláteras 6 vértices 12 arestas

Ronaldo Barbosa ALVIM- Portal positivo (geral)

Site: <http://pessoal.educacional.com.br/up/50280001/2756140/t1329.asp>

Anexo VII d) – Trabalho sobre Arquimedes (turma B)³¹

Arquimedes



Estudo Acompanhado

Trabalho realizado por;

Nome Nº__ 5ºB

Nome Nº__ 5ºB

Nome Nº__ 5ºB

³¹ Os alunos tinham cabeçalho com o nome da escola e rodapé com a paginação.

Arquimedes

Estudo Acompanhado

Professores:

Nome

Nome

Trabalho realizado por:

Nome Nº__ 5ºB

Nome Nº__ 5ºB

Nome Nº__ 5ºB

Sumário:

Introdução	178
Biografia	178
Descobertas Matemáticas	179
Hidrostática: "Eureka", "Eureka"	180
Conclusão	182
Bibliografia	182

Introdução

O nosso tema é Arquimedes.

Nós decidimos escolher o Arquimedes porque achamos que ele tem uma vida interessante.

Nós desejamos desenvolver um trabalho interessante, mas que não seja maçador.

Biografia

A maioria dos detalhes da vida de Arquimedes é desconhecida. Sabe-se que nasceu em Siracusa, na época uma cidade-estado da Magna Grécia cerca de 287 a.C. Seu pai foi um astrónomo chamado Fídias, do qual se sabe que obteve uma estimativa para a razão entre os diâmetros do Sol e da Lua. Quando jovem, estudou em Alexandria, o centro do saber da época, com Cônio, um dos discípulos de Euclides. Embora na Antiguidade não houvesse clara distinção entre matemáticos (geómetras), físicos (cientistas naturais) e filósofos, Arquimedes destacou-se ao longo da sua vida principalmente como inventor e matemático.

Arquimedes morreu após a tomada de Siracusa durante a Segunda Guerra Púnica, cerca do ano 212 a.C. Foi morto por engano por um soldado romano, apesar dos soldados terem ordens explícitas para defendê-lo, já que os romanos tinham uma enorme admiração por ele. Diz-se que quando os soldados romanos invadiram a praia de Siracusa, encontraram um velho senhor - o próprio Arquimedes - desenhando círculos na areia. Sem imaginar que esse era o génio responsável pela criação das poderosas armas sicilianas, assassinaram-no quando ele se negou a obedecer a suas ordens, porque não queria ver perturbado o raciocínio que seguia nesse momento. De acordo com o seu desejo, a sua sepultura foi decorada com o desenho de uma esfera dentro de um cilindro, que fazia parte de uma das suas demonstrações matemáticas favoritas.

Descobertas Matemáticas

- No tratado "Sobre as Medidas do Círculo", Arquimedes, em um círculo dado, inscreveu e circunscreveu um polígono de 96 lados e obteve a fórmula para o cálculo da área do círculo e, por muitos séculos, o mais acertado valor para π ;
- No tratado "A Quadratura da Parábola", Arquimedes demonstrou que a área contida por uma parábola e uma recta transversal é $4/3$ da área do triângulo com a mesma base e cujo vértice é o ponto onde a tangente á parábola é paralela à base;
- O tratado sobre espirais descreveu a curva hoje conhecida como a espiral Arquimedes (em coordenadas polares tem equação $r = a + b\theta$) e pela primeira vez determinou a tangente uma curva que não seja o círculo.



Hidroestática: "Eureka", "Eureka"

Em Física, no seu "Tratado dos Corpos Flutuantes", estabeleceu as leis fundamentais da Estática e da Hidroestática. Um dos princípios fundamentais da hidroestática é assim enunciado: "Todo corpo mergulhado total ou parcialmente em um fluido sofre uma impulsão vertical, dirigido de baixo para cima, igual ao peso do volume do fluido deslocado, e aplicado no centro de impulsão."

O centro da impulsão é o centro de gravidade do volume que corresponde à porção submersa do corpo. Isto quer dizer que, para o objecto flutuar, o peso da água deslocada pelo objecto tem de ser maior que o próprio peso do objecto.

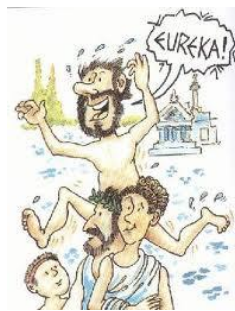
Conta-se que certa vez, Hierão, rei de Siracusa, no século III a.C. havia encomendado uma coroa de ouro, para homenagear uma divindade que supostamente o protegera em suas conquistas, mas foi levantada a acusação de que o ourives o enganara, misturando o ouro maciço com prata em sua confecção. Para descobrir, sem danificar o objecto, se o seu interior continha uma parte feita de prata, Hierão pediu a ajuda de Arquimedes. Ele pôs-se a procurar a solução para o problema, a qual lhe ocorreu durante um banho. A lenda afirma que Arquimedes teria notado que uma quantidade de água correspondente ao seu próprio volume transbordava da banheira quando ele entrava nela e que,

utilizando um método semelhante, poderia comparar o volume da coroa com os volumes de iguais pesos de prata e ouro: bastava colocá-los em um recipiente cheio de água, e medir a quantidade de líquido derramado. Feliz com essa fantástica descoberta, Arquimedes teria saído à rua nu, gritando "Eureka! Eureka!" ("Encontrei! Encontrei!").

O autor mais antigo conhecido a descrever essa história foi Marcus Vitruvius Pollio, um arquitecto romano do século I a.C., em sua obra *De architectura*. Vitruvius não viveu na época de Arquimedes e sim dois séculos depois, portanto as suas palavras não constituem relato de primeira mão, e não se sabe em que tipo de fonte ele se baseou. O método atribuído por ele a Arquimedes não seria, no entanto, adequado, por causa dos erros introduzidos pela tensão superficial do líquido.

Muitos autores antigos perceberam as dificuldades de se utilizar tal método. Um deles foi Galileu Galilei, que comentou sobre isso em um pequeno trabalho chamado *La bilancetta* ("A balancinha"). Galileu suspeitava que Arquimedes teria utilizado outro método, empregando pesagens (balança hidrostática) e não medidas de líquido derramado. Em 1891, o francês Marcellin Berthelot encontrou um texto do início da era cristã que confirmava a conjectura de Galileu, pois atribuía a Arquimedes esse segundo método.

Os argumentos e documentos estudados por Berthelot reforçam a ideia de que Arquimedes teria utilizado um método de pesagens no ar e na água e não o método de derramamento de água descrito por Vitruvius.



Eureka

Conclusão

Achamos que o texto não foi tão interessante como desejaríamos e também não foi tão resumido.

Mas gostamos de fazer este trabalho e achamos que Arquimedes tem episódios da sua vida muito engraçados.

Bibliografia

Internet

Desenvolvimento - <http://pt.wikipedia.org/wiki/Arquimedes>

Imagens - <http://www.google.pt/images?hl=pt-pt&source=imghp&biw=1020&bih=390&q=arquimedes&gbv=2&aq=0&aqi=g4&aql=&oq=arquit>

Livro

Ball, Johnny. Pensa num número. Porto: Civilização. 2006

Anexo VII e) – Trabalho sobre Luís Vaz de Camões (turma C)

Agrupamento de Escolas de _____

Luís Vaz de Camões



Estudo Acompanhado

_____, nº ____, 5ºC

_____, nº ____, 5ºC

_____, nº ____, 5ºC

Ano lectivo 2010/2011

Agrupamento de Escolas de _____

Luís Vaz de Camões

Estudo Acompanhado

Professoras: _____

_____, nº __, 5ºC

_____, nº __, 5ºC

_____, nº __, 5ºC

_____, 24 de Janeiro de 2011

Sumário

Introdução	185
Biografia de Luís Vaz de Camões.....	185
Algumas das suas obras.....	188
Conclusão	190
Bibliografia	190

Introdução

Numa biografia falamos da vida de uma pessoa, destacando alguns dados essenciais.

Neste trabalho apresentamos a biografia de Luís Vaz de Camões e algumas das suas obras.

A recolha de informação foi feita em livros e na Internet.

Biografia de Luís Vaz de Camões

Luís Vaz de Camões é considerado o maior poeta português; nunca existiu, em Portugal qualquer outra parte do mundo,



poeta algum que igualasse nem muito menos superasse a dedicação que Camões deu à sua pátria por meio de uma tão próspera obra épica como são “Os Lusíadas”.

“Os Lusíadas” são a culminação de toda uma cultura e de uma civilização. Camões é considerado um poeta fora do seu tempo, pois a sua modernidade e a sua portuguesidade são visíveis no modo como esta obra, tanto no estilo épico como no estilo lírico, se estrutura.

É através de indícios textuais que se encontram na sua poesia e a que podemos chamar a modernidade de Camões ou estilo Camoniano, que se verificam transgressões, tanto em relação aos modelos clássicos greco-latinos da época como em relação à ordem religiosa e política do poder no tempo de Camões e como também em relação à imagem posteriormente construída do poema como símbolo épico da raça lusíada e dos seus feitos materiais.

Mas são estas transgressões que caracterizam Camões como sendo um novo homem da Renascença.

Nasceu a 1524 ou 1525, segundo documentos publicados por Faria e Sousa, em Lisboa ou em Coimbra (a data e o local do seu nascimento não são certos). Segundo registo da lista de embarque para o Oriente do ano de 1550, declara-se que Luís de Camões se inscrevera e, nesse registo, é-lhe atribuída a idade de 25 anos.

O Padre Manuel Correia que o conheceu pessoalmente, dá-o nascido em 1517. Filho de Simão Vaz de Camões e Ana de Sá Macedo, família nobre estabelecida em Portugal na época de D. Fernando, foi educado sob o

império do Humanismo, estudou em Coimbra de 1531 a 1541, onde D. Bento de Camões seu tio, era chanceler.



Era esse mesmo seu tio sacerdote e sábio que o auxiliava nos estudos, mas ainda antes de Luís de Camões acabar o seu curso, partiu para Lisboa, talvez para conhecer melhor a principal cidade do seu país visto gostar imenso da História de Portugal.

Reinava D. João II e, como Camões era fidalgo, podia frequentar as festas e saraus da corte no palácio real; e foi lá que conheceu aquela que ele queria que viesse a ser a sua esposa, D. Catarina de Ataíde.

Devido à rigorosa tradição da corte, Camões teve que se afastar desta linda menina a quem ele tratava por um nome inventado de Natércia nos seus muitos poemas consagrados, e foi exilado por ordem do rei para o Ribatejo (Constância), onde permaneceu durante dois anos até que se alistou como soldado e partiu para Ceuta.

Foi nesta viagem que Camões primeiro avaliou o esforço formidável de um povo audacioso e persistente, que foi capaz de vencer os difíceis obstáculos desta travessia, de forma pioneira.

Apesar de ter sido um grande poeta, foi também um grande patriota e um grande soldado. Defendeu Portugal tanto nas guerras em África como na Ásia. Em 1547, partiu para Ceuta depois de ter estado na corte de 1542 a 1545. Em Ceuta perdeu um olho quando lutava a favor de D. João III.

Três anos mais tarde voltou a Portugal e teve vários duelos, num dos quais feriu Gonçalo Borges, moço de arreios de D. João III, o que lhe custou um ano de prisão no Tronco. Diz-se que foi nesse ano de prisão que Camões compôs o primeiro canto da sua obra “Os Lusíadas”.

Obteve a liberdade como promessa de embarcar para a Índia como simples homem de guerra e embarcou para Goa em 1553, onde conviveu com o vice-rei D. Francisco de Sousa Coutinho e com o Dr. Garcia de Orta e manteve também relações amistosas com Diogo do Couto, o continuador das Décadas.

Foi aí que escreveu o “Auto de Filodeno”, o qual representou para o governador Francisco Barreto. Ainda na Índia compôs uma ode a D. Constantino de Bragança, em que o defendia de acusações supostamente falsas que lhe eram feitas. Da Índia passou a Macau, onde os portugueses tinham fundado uma colónia mesmo em frente ao mar. Aqui conheceu Jau António, companheiro que esteve sempre com ele até à morte e lhe fez companhia enquanto cantava em seis cantos os feitos dos portugueses numa gruta em frente ao mar.

Foi chamado a Goa mas, no caminho para a Índia o barco onde navegava naufragou junto à foz do rio Mekong, e diz-se que ele tenha ido até à costa a nado só com um dos braços, visto no outro levar consigo a sua tão próspera obra.

Foi a descida do Oceano Atlântico, a passagem do Cabo da Boa Esperança e todas aquelas paragens que levaram Camões a glorificar na sua obra os lugares por onde a armada de Vasco da Gama tinha já passado, lugares esses que muito custaram a “descobrir”, razão ainda para dignificar o povo lusitano.

Regressou a Lisboa em 1569 e, em 1572, publicou “Os Lusíadas”.

Algumas das suas obras

Amor é um Fogo que Arde sem se Ver

Amor é um fogo que arde sem se ver;
É ferida que dói, e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dor que desatina sem doer.

É um não querer mais que bem querer;
É um andar solitário entre a gente;
É nunca contentar-se e contente;
É um cuidar que ganha em se perder;

É querer estar preso por vontade;
É servir a quem vence, o vencedor;
É ter com quem nos mata, lealdade.

Mas como causar pode seu favor
Nos corações humanos amizade,
Se tão contrário a si é o mesmo Amor?

Luís Vaz de Camões, in "Sonetos"

Verdes são os campos

Verdes são os campos,
De cor de limão:
Assim são os olhos
Do meu coração.

Campo, que te estendes
Com verdura bela;
Ovelhas, que nela
Vosso pasto tendes,
De ervas vos mantendes
Que traz o Verão,
E eu das lembranças
Do meu coração.

Gados que pasceis
Com contentamento,
Vosso mantimento
Não no entenderéis;
Isso que comeis
Não são ervas, não:
São graças dos olhos
Do meu coração.

Luís de Camões

Quem diz que Amor é falso ou enganoso

Quem diz que Amor é falso ou enganoso,
Ligeiro, ingrato, vão desconhecido,
Sem falta lhe terá bem merecido
Que lhe seja cruel ou rigoroso.

Amor é brando, é doce, e é piedoso.
Quem o contrário diz não seja crido;
Seja por cego e apaixonado tido,

E aos homens, e ainda aos Deuses, odioso.

Se males faz Amor em mim se vêem;
Em mim mostrando todo o seu rigor,
Ao mundo quis mostrar quanto podia.

Mas todas suas iras são de Amor;
Todos os seus males são um bem,
Que eu por todo outro bem não trocaria.

Luís de Camões

De quantas graças tinha, a Natureza

De quantas graças tinha, a Natureza
Fez um belo e riquíssimo tesouro,
E com rubis e rosas, neve e ouro,
Formou sublime e angélica beleza.

Pôs na boca os rubis, e na pureza
Do belo rosto as rosas, por quem mouro;
No cabelo o valor do metal louro;
No peito a neve em que a alma tenho acesa.

Mas nos olhos mostrou quanto podia,
E fez deles um sol, onde se apura
A luz mais clara que a do claro dia.

Enfim, Senhora, em vossa compostura
Ela a apurar chegou quanto sabia
De ouro, rosas, rubis, neve e luz pura.

Luís de Camões

Conclusão

Com este trabalho ficámos a conhecer melhor Luís Vaz de Camões.

Bibliografia

Luís de Camões. Disponível em <http://oslusiadas.no.sapo.pt/biografia.html>
[acedido a 24 de Janeiro de 2011]

Luís Vaz de Camões. Disponível em
<http://users.isr.ist.utl.pt/~cfb/VdS/camoes.html> [acedido a 24 de Janeiro de
2011]

Anexo VII f) – Trabalho sobre António Torrado (turma C)

Escola EB 2,3 de _____

António Torrado



Estudo Acompanhado

_____ nº __ 5º C

_____ nº __ 5º C

_____ nº __ do 5ºC

2010/2011

Escola EB 2,3 de _____

António Torrado

Estudo Acompanhado

Professores: _____

_____ nº __ 5º C

_____ nº __ 5º C

_____ nº __ do 5ºC

_____, 24 de Janeiro de 2011

Sumário

Introdução	193
António Torrado.....	193
Títulos de obras	194
Conclusão	197
Bibliografia	197

Introdução

Este trabalho foi realizado em Estudo Acompanhado para treinarmos as regras de um trabalho escrito.

O tema geral, escolhido pela turma foi escritores portugueses.

Assim, o nosso grupo escolheu escrever uma pequena biografia de António Torrado porque ele escreve muitos livros, alguns que nós já conhecemos.

António Torrado

António Torrado nasceu em Lisboa em 1939. Estudo Filosofia na Universidade de Coimbra. António Torrado começou a escrever muito jovem tendo publicado o seu primeiro livro aos 18 anos. Para além de escritor, também pedagogo, jornalista, editor, produtor e argumentista para televisão. «É o professor responsável pela disciplina de Escrita Dramatúrgica na Escola Superior de Teatro e Cinema. É dramaturgo residente na Companhia de Teatro Comuna em Lisboa. Sendo consensualmente considerado um dos

autores mais importantes na literatura infantil portuguesa, possui uma obra bastante extensa e diversificada, que integra textos de raiz popular e tradicional, mas também poesia e sobretudo contos.»

Títulos de obras

A Chave Do Castelo Azul (1969)

A Nuvem E O Caracol (1971)

O Veado Florido (1972)

Pinguim Em Fundo Branco (1973)

O Rato Que Rói (1974)

O Manequim E O Rouxinol (1975)

O Jardim Zoológico Em Casa (1975)

Cadeira Que Sabe Música (1976)

O Trono Do Rei Escamiro (1977)

Há Coisas Assim (1977)

Joaninha À Janela (1977)

Hoje Há Palhaços (1977)

A Escada De Caracol (1978)

Vasos De Pé Folgado (1979)

Como Se Faz Cor-De-Laranja (1979)

História Com Grilo Dentro (1979)

O Tambor-Mor (1980)

O Tabuleiro Das Surpresas (1981)

O Pajem Não Se Cala (1981)

Os Meus Amigos (1983)

Caidé (1983)

O Livro Das Sete Cores (1983)

O Mercador De Coisa Nenhuma (1983)

História Em Ponto De Contar (1984)

O Adorável Homem Das Neves (1984)

A Janela Do Meu Relógio (1985)

O Vizinho De Cima (1985)

O Elefante Não Entra Na Jogada (1985)

O Rei Menino (1986)

Zaca-Zaca (1987)

Devagar Ou A Correr (1987)

Como Se Vence Um Gigante (1987)

Dez Dedos De Conversa (1987)

Uma História Em Quadrinhos (1989)

Da Rua Do Contador Para A Rua Do Ouvidor (1990)

André Topa-Tudo No País Dos Gigantes (1990)

Toca E Foge Ou A Flauta Sem Mágica (1992)

Vamos Contar Um Segredo (1993)

Conto Contigo (1994)

Teatro Às Três Pancadas (1995)

A Donzela Guerreira (1996)

As Estrelas – Quando Os Reis Magos Eram Príncipes (1996)

Há na biblioteca os seguintes livros de António Torrado:

Ler, ouvir e contar

Pinguim em fundo branco

A nuvem e o caracol

Histórias à solta na minha rua

Vem aí o Zé das Moscas e outras histórias

Cantiga do caçador e outras histórias

O jardim zoológico em casa

O pajem não se cala

Histórias tradicionais portuguesas contadas de novo

O príncipe com orelhas de burro e outras histórias

Sape gato lambareiro

Conclusão

Pensamos que António Torrado é um grande escritor que além de histórias, também escreve poesia.

O nosso trabalho foi feito com pesquisa na Internet e na biblioteca escolar.

Bibliografia

Foto <http://www.wook.pt/authors/detail/id/1077>

António Torrado

<http://www.portaldaliteratura.com/autores.php?autor=23>

Ver data de envio

Anexo VII g) – Trabalho sobre plantas (turma D)³²

Plantas

Nome 5ºD nº _____

³² Este trabalho foi realizado num dos modelos do Word, pelo que perdeu algumas características iniciais.

Índice

🌿	Introdução	1
🌿	Desenvolvimento	
✓	Raízes	2
✓	Caules	3
✓	Folhas	4
✓	Flores	5
🌿	Conclusão	6
🌿	Bibliografia	7

Introdução

Este trabalho é realizado no âmbito da disciplina de Ciências da Natureza, a pedido da professora Ana Paula Lourenço.

O tema que se vai abordar é as Plantas. Dentro desse tema pretendo apresentar as características e constituição destas.

Existe muitas espécies de plantas, visto que estas fazem parte da cadeia alimentar - encontram-se na base desta.

Apesar da sua variedade, as Plantas têm certas características comuns: normalmente são verdes, fabricam o seu próprio alimento através da fotossíntese; a maioria vive no ou sobre um substrato (base, chão), como o solo ou a água, e não se deslocam; são essencialmente constituídas por raízes, caule, folhas e algumas contêm flores.

1

Raiz

A raiz é o elemento da planta que a fixa ao meio, esta tem a função de absorver os componentes indispensáveis ao seu desenvolvimento tal como a água e os minerais que nela estão dissolvidos.

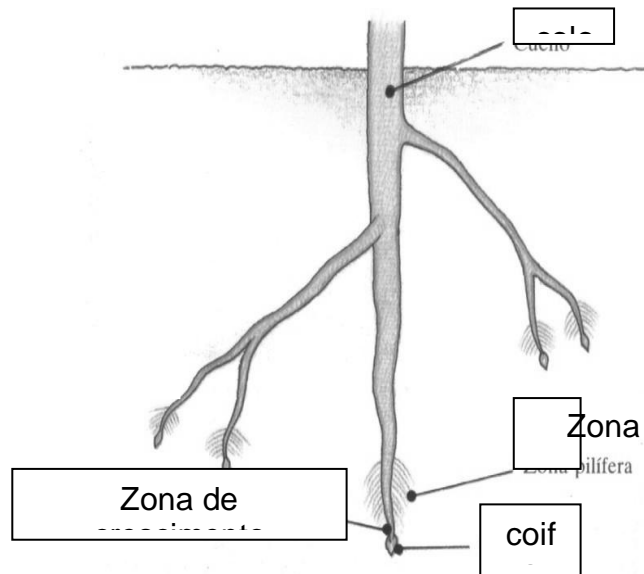
Existem 3 tipos de raízes:

- ✓ Raízes aquáticas;
- ✓ Raízes subterrâneas;
- ✓ Raízes aéreas.

Exemplos:

- Raízes aquáticas - Nenúfar
- Raízes subterrâneas - Pinheiro
- Raízes aéreas - Hera

As raízes distinguem-se pelo tipo de ramificação e pela espessura.



2

Caule

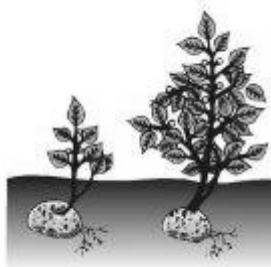
O caule é o órgão das plantas que faz a ligação entre a raiz e os outros órgãos da planta.

Os caules também podem ser subterrâneos, aquáticos ou aéreos. Os subterrâneos desenvolvem-se no interior do solo e a maioria destes caules acumula substâncias de reserva. Os caules aquáticos estão sempre submersos. Os caules aéreos encontram-se á superfície. Os caules apresentam formas muito variadas.

rizomas



tubérculos



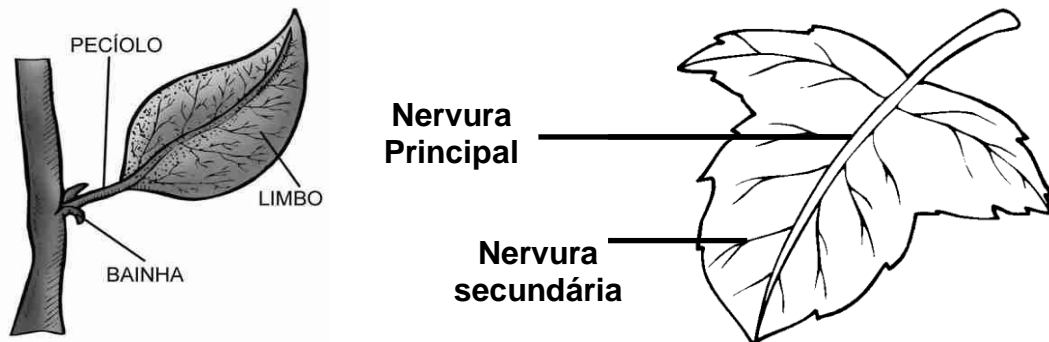
bolbos



3

Folha

As folhas das plantas apresentam formas e feitios diferentes. As folhas de uma planta têm como principal função fabricar o seu alimento (**FOTOSSÍNTESE**).



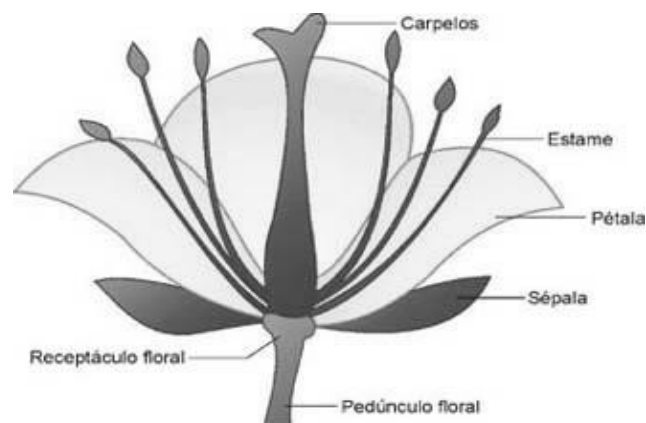
4

Flor

As flores nas plantas têm como função dar origem ao fruto e assegurar a reprodução.

Há plantas com flor, como por exemplo: roseira; tomateiro; laranjeir ; macieira; etc.

E há plantas sem flor, como por exemplo: pinheiros; ginkgo; musgo; fetos; etc .



5

Conclusão

As **Plantas** pertencem a um grande e importante grupo de seres vivos - **Reino Vegetal**.

As plantas para viverem precisam de:

luz; água e sais minerais; dióxido de carbono (CO₂) e temperatura adequada.

As plantas são seres vivos muito especiais uma vez que são os únicos que são capazes de produzir o seu próprio alimento.

Elas produzem o seu alimento através de um processo chamado

FOTOSÍNTESE.

As plantas têm imensas utilidades , por exemplo :

- no fabrico de papel
- no fabrico de mobiliário (cerejeira)
- na construção de casas e barcos
- no fabrico de medicamentos (algas)
- no fabrico de tecidos (algodão; linho)
- ou simplesmente para decoração

6

Bibliografia

- ☺O meu livro de Ciências, 2010, Dulce Franco, Asa
- ☺Ciências da Natureza cinco, 2010, Dulce Penedo, Isabel Rodrigues, Maria Santos, Lisboa Editora
- ☺Dicionário Visual das Plantas, traduzido por José Costa, 2º edição, Editorial Verbo
- ☺Páginas da Terra, 5º ano, Catarina Peralta, Maria Calhau, Maria Sousa, Porto Editora

Anexo VIII – Tabelas de correção dos trabalhos realizados pelos alunos

	5º A / grupo	1	2	3	4	5	6	7		
1. Capa									não foi entregue	
Escola	sim	2	sim	2	sim	2	sim	2	sim	2
Título	sim	2	sim	2	sim	2	sim	2	sim	2
Imagem	sim	2	sim	2	sim	2	sim	2	sim	2
Disciplina	sim	2	sim	2	sim	2	sim	2	sim	2
Nome	sim	2	sim	2	sim	2	sim	2	sim	2
ano	não	0	sim	2	sim	2	sim	2	sim	2
turma	não	0	sim	2	sim	2	sim	2	sim	2
nº	sim	2	sim	2	sim	2	sim	2	sim	2
ano letivo	sim	2	sim	2	sim	2	sim	2	sim	2
2. Folha de rosto										
Escola	sim	2	sim	2	sim	2	sim	2	sim	2
Título	sim	2	sim	2	sim	2	sim	2	sim	2
Disciplina	sim	2	sim	2	sim	2	sim	2	sim	2
Professor	sim	2	sim	2	sim	2	sim	2	sim	2
Nome	sim	2	sim	2	sim	2	sim	2	sim	2
ano	não	0	sim	2	sim	2	sim	2	sim	2
turma	não	0	sim	2	sim	2	sim	2	sim	2
nº	sim	2	sim	2	sim	2	sim	2	sim	2
Local, data	não	0	sim	2	sim	2	não	0	sim	2
3. Sumário										
capítulos	sim	2	sim	2	sim	2	sim	2	sim	2
páginas	sim	2	sim	2	sim	2	sim	2	sim	2
4. Introdução										
o tema	sim	2	sim	2	biografia	2	sim	2	sim	2
razões da escolha	não	0	não	0	escreveu para crianças?	1	não	0	não	0
o que se pretende	não	0	que gostem	0	dar a conhecer	1	conhecer o autor	2	sim	2
métodos utilizados	não	0	não	0	não indicam	0	sim	2	não	0
5. Desenvolvimento										
capítulos	3	2	2	2	2	2	2	2	1	2
notas de rodapé	não	0	não	0	não	0	não	0	não	0
citações	é cópia	0	não	0	é cópia integral	0	não	0	não	0
cabeçalho	sim	2	não	0	sim	2	não	0	sim	2
6. Conclusão										
Síntese	não	0	não	0	não	0	em parte	1	em parte	1
Visão pessoal (facultativa)	não		sim		sim		sim		não	sim
Dificuldades sentidas (facultativo)	não		não		não		não		não	não
7. Bibliografia										

	Cumprir as regras									falta da net			
	Totalmente		sim	2	sim	2	sim	2			sim	2	
	Em parte	sim	1							em parte	1		
	Nenhumas												
8. Anexos													
	Facultativo	não		não		não		não		não		não	
9. Apresentação geral													
	Paginado	sim	2	não	0	sim	2	não	0	sim	2	sim	2
	Espaçamento	irregular	1	em parte	1	em parte	1	sim	2	em parte	1	em parte	2
	Margens	não	0	não	0	2,5 cm	2	não	0	não	0	não	0
	Formato A4	sim	2	sim	2	sim	2	sim	2	sim	2	sim	2
	Tipo de letra	arial e times	1	Arial	2	Arial	2	times e arial	0	Times e arial	1	times e arial	1
	Tamanho	10 e 12	1	11	2	12	2	12	2	12	2	18 e 12	1
	Justificado	em parte	1	em parte	1	sim	2	em parte	1	não	0	não	0
	índice automático	sim	2	sim	2	sim	2	sim	2	sim	2	sim	2
total			47		56		65		58		60		60

	5º B/ grupo		1		2		3		4		5		6		7
1. Capa															
	Escola	sim		2		sim	2								
	Título	sim		2		sim	2								
	Imagem	sim		2		sim	2								
	Disciplina	sim		2		sim	1								
	Nome	sim		2		sim	2								
	ano	sim		2		sim	2								
	turma	sim		2		sim	2								
	nº	sim		2		sim	2								
	ano letivo	não		0		sim	2								
2. Folha de rosto															
	Escola	sim		2		não	0								
	Título	sim		2		não	0								
	Disciplina	sim		2		não	0								
	Professor	sim		2		não	0								
	Nome	sim		2		não	0								
	ano	sim		2		não	0								
	turma	sim		2		não	0								
	nº	sim		2		não	0								
	Local, data	não		0		não	0								
3. Sumário															
	capítulos	sim		2		sim mas inc	1								
	páginas	sim		2		sim mas escreveram	1								
4. Introdução															

	o tema	sim	2			sim	2										
	razões da escolha	sim	2			em parte	1										
	o que se pretende	sim	2			em parte	1										
	métodos utilizados	não	1			não	0										
5. Desenvolvimento																	
	capítulos		3	2			2	2									
	notas de rodapé	não	0			não	0										
	citações	eu não tinha Net e não verifiquei				é cópia	0										
	cabeçalho	sim				não	0										
6. Conclusão																	
	Síntese	não	0			em parte	1										
	Visão pessoal (facultativa)	sim				sim											
	Dificuldades sentidas (facultativo)	sim				não											
7. Bibliografia																	
	Cumpra as regras																
	Totalmente																
	Em parte	em parte	1			em parte	1										
	Nenhumas																
8. Anexos																	
	Facultativo	não				não											
9. Apresentação geral																	
	Paginado	sim	2			sim mas não automático	1										
	Espaçamento	não	0			não	0										
	Margens	não	0			não	0										
	Formato A4	sim	2			sim	2										
	Tipo de letra	Arial	2			arial	2										
	Tamanho		14	0			11,5	0									
	Justificado	sim	2			não	0										
	índice automático	sim	2			não	0										
total	76		56				32										

	5º C / grupo	1	2	3	4	5	6										
1. Capa																	
	Escola	agrupamento	2	sim	2	sim	2		não foi entregue	sim	2	sim	2				
	Título	sim	2	sim	2	sim	2			sim	2	sim	2				
	Imagem	sim	2	sim	2	sim	2			sim	2	sim	2				
	Disciplina	sim	2	sim	2	sim	2			sim	2	sim	2				
	Nome	sim	2	sim	2	sim	2			sim	2	sim	2				

	ano	sim	2	sim	2	sim	2			sim	2	sim	2		
	turma	sim	2	sim	2	sim	2			sim	2	sim	2		
	nº	sim	2	sim	2	sim	2			sim	2	sim	2		
	ano letivo	sim	2	sim	2	sim				sim	2				
2. Folha de rosto															
	Escola	sim	2	sim	2	sim	2			sim	2	sim	2		
	Título	sim	2	sim	2	sim	2			sim	2	sim	2		
	Disciplina	sim	2	sim	2	sim	2			sim	2	sim	2		
	Professor	sim	2	sim	2	sim	2			sim	2	sim	2		
	Nome	sim	2	sim	2	sim	2			sim	2	sim	2		
	ano	sim	2	sim	2	sim	2			sim	2	sim	2		
	turma	sim	2	sim	2	sim	2			sim	2	sim	2		
	nº	sim	2	sim	2	sim	2			sim	2	sim	2		
	Local, data	sim	2	sim	2	sim	2			sim	2	sim	2		
3. Sumário										índice					
	capítulos	sim	2	sim	2	sim	2			sim	2	sim	2		
	páginas	sim	2	sim	2	sim	2			sim	2	sim	2		
4. Introdução															
	o tema	sim	2	sim	2	sim	2			sim	2	sim	2		
	razões da escolha	não	0	não	0	sim	2			não	0	não	0		
	o que se pretende	sim	2	sim	2	sim	2			sim	1	sim	2		
	métodos utilizados	sim	2	sim	2	não (estão na conclusão)	1			sim	2	sim	2		
5. Desenvolvimento															
	capítulos		2	2	2	2	2			2	2	2	2		
	notas de rodapé	não	0	não	0	não	0			não	0	não	0		
	citações	é cópia	0	não	0	sim e não identificam a fonte	1			não	0	sim só aspas	1		
	cabeçalho	sim	2	sim	2	sim	2			sim	2	sim	2		
6. Conclusão															
	Síntese	não	0	não	0	não	0			em parte	1	em parte	1		
	Visão pessoal (facultativa)	sim		sim		sim				não		não			
	Dificuldades sentidas (facultativo)	não		não		não				não		não			
7. Bibliografia															
	Cumpra as regras														
	Totalmente	sim	2	sim	2					sim	2	sim	2		
	Em parte					sim	1								
	Nenhumas														
8. Anexos															
	Facultativo	não		não		não				não		não			
9. Apresentação geral															
	Paginado	sim	2	não	0	sim	2			sim	2	sim	2		

	Espaçamento	em parte	1	em parte	1	sim	2			sim	2	não	0		
	Margens	3 cm	2	3 cm	2	não	0			não	0	sim	2		
	Formato A4	sim	2	sim	2	sim	2			sim	2	sim	2		
	Tipo de letra	arial	2	arial bold	0	times	2			times	2	arial bold	0		
	Tamanho	12	2	12	2	12 e 14	1			14	0	12	2		
	Justificado	em parte	1	não	0	sim	2			sim	2	não	0		
	Índice automático	sim	2	sim	2	sim	2			sim	2	sim	2		
total	76		66		61		64				64		62		

Anexo IX – Folheto: Como fazer uma apresentação

Na hora da apresentação:

- Falar devagar, olhando para o público.
- Apontar para o diapositivo orientando a audiência.
- Explicar os gráficos.
- Terminar com uma conclusão.
- Responder a questões.

PowerPoint

O PowerPoint é um software que foi criado para a elaboração e realização de apresentações.

O objectivo principal é auxiliar o apresentador a comunicar de forma clara, atractiva e convincente.



Programar o caminho...

Pesquisa na Internet:

Um guião com conselhos úteis:

http://www.esmcastilho.pt/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=243&Itemid=195

Inserir sons e animações:

<http://www.toquedearte.com/toquesdicas/toquesdicaspowerpoint.htm>

Modelos grátis:

<http://www.templateswise.com/>

Tutoriais PowerPoint:

<http://translate.google.pt/translate?hl=pt-PT&langpair=en%7Cpt&u=http://libwww.cabrillo.edu/about/workshops/howmakepowerpoint.html>

Como fazer uma apresentação:

http://www.est.ipcb.pt/tecnologias/tec_SEMINARIO/docs/Como_Fazer_uma%20apresentacao.pdf

Como fazer uma apresentação no PowerPoint:

<http://pt.scribd.com/doc/18341261/Como-fazer-uma-apresentacao-no-PowerPoint>



Como fazer uma apresentação

>>>





EB 2,3 de _____





REDE DE BIBLIOTECAS ESCOLARES

A Biblioteca Escolar

2010/2011

Antes da apresentação:

Faço a parte...

Pesquisar um tema.
 Registrar a bibliografia consultada: livros e páginas Web.
 Seleccionar a informação.
 Resumir a informação recolhida.
 Definir as etapas:
 * Objectivos.
 * Metodologia.
 * Resultados.
 * Conclusões.
 Planear o conteúdo de cada diapositivo.
 Inserir imagens, gráficos, etc.
 Calcular 1 a 2 diapositivos por minuto.
 Corrigir a ortografia, evitar a repetição de palavras.
 Testar a apresentação.
 Treinar a apresentação.

Número de diapositivos:

1 diapositivo para o título, autores, escola, disciplina
 1 diapositivo para o índice (facultativo)
 1 a 2 diapositivos de introdução para apresentação do tema.
 1 a 2 diapositivos com o objectivo, a hipótese, porque se fez a pesquisa.
 1 a 8 diapositivos sobre como se fez a pesquisa: materiais e métodos (desenvolvimento).
 1 a 2 diapositivos sobre o que se encontrou, os resultados.
 1 a 2 diapositivos com as conclusões, o que se aprendeu.
 1 diapositivo para a Bibliografia.

**Conselhos:**

Incluir o título nos diapositivos.
 Usar letras MAIÚSCULAS apenas no título.
 Não usar letras pequenas demais.
 Os diapositivos devem ser "leves" com poucas imagens, cerca de 7 linhas de texto e 7 palavras por linha.
 Evitar animações que distraiam o público.
 Nas citações, indicar o autor.
 As letras devem contrastar com o fundo para facilitar a leitura.
 Preferencialmente, o fundo deve ser o mesmo em toda a apresentação.